

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**COM O POVO DE BANGU, SEUS HERÓIS: a formação do bairro operário no final do
século XIX, o operário-jogador e o profissionalismo às claras em 1933**

MARCELO VIANA ARAÚJO FILHO

NITERÓI

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

COM O POVO DE BANGU, SEUS HERÓIS: a formação do bairro operário no final do século XIX, o operário-jogador e o jogador profissional às claras em 1933

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos para conclusão do curso de Mestrado em História Social.

Orientadora: Prof. Dra. Livia Gonçalves Magalhães

NITERÓI
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

F478o Filho, Marcelo Viana Araújo
COM O POVO DE BANGU, SEUS HEROIS : a formação do bairro
operário no final do século XIX, o operário-jogador e o
profissionalismo às claras em 1933 / Marcelo Viana Araújo
Filho ; Livia Gonçalves Magalhães, orientadora. Niterói,
2022.
138 f. : il.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2022.
DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2022.m.14326993774>
1. Clubes de futebol. 2. Bangu. 3. Jogadores de futebol. 4.
Produção intelectual. I. Magalhães, Livia Gonçalves,
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
História. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

FOLHA DE APROVAÇÃO

COM O POVO DE BANGU, SEUS HERÓIS: a formação do bairro operário no final do século XIX, o operário-jogador e o jogador profissional às claras em 1933

Marcelo Viana Araújo Filho

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense - UFF, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em história. Área de concentração: História Contemporânea II.

Aprovada por:

_____ - Orientador.

Prof. Livia Gonçalves Magalhães

_____ - Arguidor

Prof. Norberto Osvaldo Ferreras

_____ - Arguidor

Prof. Leda Maria Costa

Suplente: Prof. Renato Soares Coutinho (UFF)

Niterói

2022

Dedico a minha família.
Luz em tempos sombrios.

Agradecimentos

Solidariedade é a palavra que busco evocar nesse agradecimento. É no horizonte do ser solidário que as vias da vida se cruzam. É uma escolha de ser e viver. É com esse sentimento que busco tingir esse momento. Os meus mais humildes e sinceros agradecimentos aos familiares, aos amigos e à vida. Como os caminhos que se tocam e geram sentido seja positivo, seja negativo. A leveza de estar vivo e vacinado me faz expressar o mais simples sorriso e, ao mesmo tempo, a profunda reflexão acerca daqueles que não se fazem mais presentes. E é nessa parte e, somente nessa parte, da dissertação que tento expressar a mais profunda satisfação. Não por mim, mas pela certeza de que sou por inteiro cercado de boas companhias. São pessoas que sem seu aporte, sem seu afago as linhas posteriores sequer teriam sido pinceladas.

Em primeiro lugar agradeço à ciência. Sem ela o presente se tornaria insustentável. Agradeço aos cientistas do mundo inteiro que desenvolveram as vacinas, aos comunicadores que combateram as mentiras e o retrocesso, aos médicos, enfermeiros e demais profissionais da área da saúde que, diante de tanto negligenciamento, puseram as suas vidas em risco na iminência de salvar outras. Agradeço aos profissionais como os garis, entregadores, taxistas e outros que saíram de casa por necessidade, por viverem num país tão desigual. De igual modo aos pequenos produtores rurais que abastecem lares. E lamento profundamente pelas vidas ceifadas por esse projeto genocida de poder.

Agradeço ao pessoal do Ludopédio que, no instante de maior solidão, preencheu-me de norte. Local onde aprendo e aprendi muito. Expresso minha alegria ao Atualicast, projeto desenvolvido e idealizado por poucas pessoas e que colheu frutos saborosos. Além de amizades que resistem à ausência do contato físico. Manifesto a minha gratidão aos lugares que pude visitar após o afrouxamento das restrições e a disponibilidade e atenção de seus funcionários em me acolher da melhor maneira possível e de todo aporte que foi deveras importante para a confecção final deste trabalho. Um salve especial para a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional que, quando todos estavam enclausurados, possibilitou que este e toda uma geração de historiadores e interessados nos processos históricos pudessem revisitar o passado, ou melhor, se refugiar do presente.

Transbordo uma dívida de afeto impagável aos meus pais. A meu pai, guerreiro, exemplo, inspiração e, sobretudo, ser humano que inspira a crescer e evoluir. A seguir os sonhos e objetivos. E, sem tomar nota disso, é um dos meus historiadores favoritos. A minha mãe, pelos abraços, conselhos, paciência e, mais importante, afeto irrestrito em momentos de

dor, angústia, tristeza, mágoa e uma vontade quase incontornável de desistir. Acreditam em mim e na minha capacidade para concluir essa pequena etapa. Além deles dois, temos a minha irmã. Pessoa que falta adjetivos e que, sem saber, é um farol no breu do dia e da noite.

À minha avó o meu amor completo. Doutora na arte da memória e esquecimento. Uma experiência de vida que ensina mais do que muitos livros. Ao meu avô, uma eterna admiração. Dono de um corpo invejável que esconde o coração mais mole que já vi. Ambos professores de humanidade. Ambos cordelistas da superação, do bem estar e de Brasil.

Apreço imensurável a minha tia Alessandra, irmã de minha mãe, historiadora formada que tanto contribuiu para a minha educação. O preço de ser padrinho de seu filho, o Guilherme, é impagável. Registro Olívia que, ainda para nascer, já preencheu de efervescente amor nossos laços.

Palavra alguma comporta a minha namorada, Bárbara Martins, que ao seu lado, “posso me considerar um sujeito de sorte”. Nunca desistiu de minha pessoa e sempre incentivou, apoiou e, muitas vezes, se tornou aquilo que mais precisava. Espero um dia estar à altura desse “presente dos deuses”. Obrigado pelas palavras, pelos beijos, pela real, por ser quem é. Cumplicidade e afeto. Te amo. Ah, Oswaldo e Walnice, meus sogros, sempre fui grato por terem me acolhido como sou. A satisfação é minha de seguir nessa vida com vocês.

Agradeço, antes de mais nada, aos amigos da faculdade que mantive contato. O fazer história faz sentido a partir dessas conexões. A pandemia impediu o encontro, dificultou a presença pessoal e, mesmo assim, se fizeram presentes.

Confirmo que sou cercado por amigos de longa data que não me deixam me perder. São esses, os verdadeiros, que faço questão de chamar de família. Do riso ao choro. Do ontem ao hoje. Ando pessimista, mas quando vejo cor na vida é por causa de vocês que, mesmo em minha ausência, em momentos complicados que atravessei, não desistiram e me buscaram. A vida ganha leveza quando penso em cada um. A vida ganha sabor quando falo de cada um. A vida faz sentido quando estão ao meu lado e espero estar ao lado de vocês quando precisarem, também. Em especial: a Bárbara, o Miguel, o Haroldo, o Arthur, a Luiza, o Bruno, a Manuela, o Ricardo, o Matheus, a Giulia e o Mateus. Estamos juntos.

Agradeço também à Lívia, minha orientadora, a quem posso chamar de amiga. Obrigado pela paciência, atenção, apoio, parceria e afeição. Por embarcar nos meus projetos, e fornecer o suporte necessário para que saísse do imobilismo e da falta de estima que me dominava. Obrigado por cada palavra que em momentos de dificuldade foram gasolina (está cara então vale ouro!) indispensável. A pandemia tirou de nós a possibilidade do

estreitamento dos laços, mas, ao mesmo tempo, revelou um caráter inesquecível. Torço pela sua felicidade, tal qual, torço para meu time.

Por último, sou grato ao Luiz Burlamaqui por ter me ensinado tanto e ter me recebido sem restrição alguma. Um historiador com h maiúsculo. Agradeço imensamente ao Paulo César Gomes, o cara do História da Ditadura, por ter me acolhido em seu projeto. Ah, e por ser quem é: uma pessoa única. Não tenho como deixar de fora os professores da pós-graduação que, diante de tantas incertezas, lecionaram brilhantes aulas. Obrigado Karula, Norberto e Leonardo Pereira. Àqueles que estarão em minha banca, por contribuir para a conclusão deste processo, o meu sorriso. Agradeço ao Nei Jorge Santos Junior que, lá no começo, topou conversar comigo virtualmente e direcionar as pesquisas sem nem me conhecer. De igual modo, ao Carlos Molinari, muito obrigado. O seu trabalho é incontornável como guardião da memória do Bangu A.C. Por fim, o registro daqueles que me receberam em eventos *online* que tomaram conta de nossos cotidianos. Aos resilientes que entraram comigo: Parabéns. Todos têm um espaço especial na minha memória e trajetória. O que vivemos deixa marcas que vão se reverberar para sempre em nossas vidas. Somos, ao fim e ao cabo, sobreviventes. Obrigado UFF por ser essa instituição pública de excelência, gratuita e de qualidade e por me formar como historiador e cidadão. Amanhã fará um lindo dia.

“A nossa investigação, embora desordenada, era fecunda e até segura. Ela não seguia um método. Seguia uma paixão. E pensei então que a objetividade talvez seja o melhor caminho para descobrir e explicar conceitos ou doutrinas. Mas quando se trata de descobrir e entender figuras do passado, pessoas, uma certa dose de paixão ilumina detalhes que a mera racionalidade não enxerga”.

(Isaías Pessotti, *Aqueles cães malditos de Arquelau*, 1994. p. 213).

“O Bangu tem também a sua história, a sua glória. Enchendo seus fãs de alegria (...)”.

(Lamartine Babo, *Marcha do Bangu*, 1945)

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo versar sobre o profissionalismo no futebol a partir do Bangu A.C. Os jogadores operários, trabalhadores braçais são personagens que auxiliam na narrativa dessa história. Vários dos que estão nessas páginas presentes são afrodescendentes e fizeram do futebol uma forma de manifestação de vida. Como linha de investigação, a pesquisa se apoiou em questões pertinentes à história social e cultural. O ponto de partida desta trajetória foi a fundação da fábrica Bangu e como ela criou o bairro operário e associações como o Bangu A.C e o Esperança F.C. São agremiações como essas que contribuíram para a entrada dos jogadores das camadas mais populares no campo de jogo. Por isso, trata-se de uma pesquisa sobre a “gente comum” que vestiu *short*, meião e camiseta para jogar futebol nas primeiras décadas do século XX. As fontes primárias permitem ao historiador uma imersão histórica que, entre fontes jornalísticas e obras memorialísticas, acabam por dialogar com trabalhos científicos que dão escopo e direcionamento ao problema que é, buscar problematizar e compreender as experiências que fazem parte do cotidiano desses operários-jogadores que, posteriormente, serão profissionais às claras em 1933. Ano em que o Bangu A.C conquistou o seu primeiro título da elite local.

Palavras-chave: Clubes de futebol, Bangu, jogadores de futebol.

ABSTRACT:

This study goal is to discuss the professionalism in Brazilian football based on the history of Bangu A.C. Their working-class players are characters that help us understand this history. Many of them were of African heritage and turned football into a manifestation of life itself. This study is based on social and cultural history issues. The starting point of this history is the opening of the Bangu factory and how it created the working-class neighbourhood of Bangu and associations such as Bangu A.C. and Esperanca F.C., that had pivotal roles in bringing players from lower social strata to the football pitch. Henceforth, this research is about the common people that wore shorts and jerseys in order to play football in the first decades of the 20th century. In this historical immersion, I use many scientific papers to give context and direction in order to understand the experiences that are part of the daily life of these working-class players that will become professionals in 1933, when Bangu wins its first trophy in the elite of the local league.

Keywords: Soccer teams, Bangu, soccer players

SUMÁRIO

Introdução: Calçando o meião ou vai descalço?.....	13
Capítulo I - A construção social de Bangu: A fábrica, o bairro e os clubes.....	29
1.1 Desarmando a noção de subúrbio: reflexões sobre o local.....	29
1.2 Quando a fábrica cria o bairro.....	35
1.3 Quando a Companhia cria o clube: Bangu e o futebol proletário.....	41
1.4 Julio Cezar: uma experiência ludopédica.....	52
1.5 No passe do <i>Miudinho</i> : festa, clubes e competições nos arrabaldes de Bangu.....	56
Capítulo II - 1933: o ano que não cabe em 365 dias.....	60
2.1 Homenagem ao <i>back</i> Rodrigues: o festival antes do início da Liga Carioca de 1933.....	61
2.2 O “Dissídio Esportivo” e o Bangu A.C.....	72
2.3 O segredo do Bangu A.C: se preparando para a Liga Carioca de Football.....	85
Capítulo III - No campo da memória: O Bangú A.C e as competições de futebol profissional às claras.....	90
3.1 Refulgente conquista: a campanha do Bangu A.C até a conquista da Liga Carioca.....	91
3.2 Observações sobre as memórias e a busca pelas práticas desviantes no Rio de Janeiro.....	113
Considerações finais: Descendo ao vestiário.....	120
Anexos	125
Referências	126

INTRODUÇÃO:

CALÇANDO O MEIÃO OU VAI DESCALÇO?

Não é possível iniciar essa introdução sem deixar de mencionar o período de pandemia de Covid-19 que se espalhou de forma visceral, ceifando 6, 33 milhões de vidas em todo o mundo até o momento.¹ A crise sanitária agravada no Brasil foi fruto de escolhas políticas de grupos que negam a ciência. Foi no contexto da negação generalizada do conhecimento científico que viu-se, pelo televisor, um jogo da *Champions League* entre a Atalanta da cidade de Bérgamo da Itália *versus* Valencia da Espanha, no estádio San Siro, em Milão, virando uma “bomba biológica”. Os hospedeiros do vírus se movem pelo globo, utilizando as mesmas rotas que sustentam as estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas de nosso tempo. Em igual medida, no Rio de Janeiro e em outros locais, estádios de futebol que outrora mobilizaram paixões, tornaram-se ponto de sobrevivência ao adquirirem a funcionalidade de hospital de campanha para cidadãos contagiados pelo coronavírus. A dividida não seria mais pela bola, mas sim, pelos respiradores. Parece que é justamente em contexto de repúdio à ciência, de mentiras sem fim, que o fazer história adquire maior importância.

Pesquisar o futebol no Rio de Janeiro é uma atividade desafiadora, sobretudo porque movimenta paixões, têm-se as memórias coletivas e mobiliza pessoas. Enquanto torcedor, foi instigante para mim incorporar ao cotidiano e pesquisa histórica um clube como o Bangu Atlético Clube. Trata-se de uma agremiação centenária que desde 1904 demarca, em torno da prática esportiva do futebol, a possibilidade de operários ingressarem no campo de jogo para chutar uma bola. O Bangu A.C, portanto, pode ser compreendido como uma lupa para acessar pessoas comuns, em um primeiro momento operários que, sendo de diferentes nacionalidades e cor, compunham a vida da Fábrica Progresso Industrial do Brasil. A tarefa de investigar e buscar compreender o papel desta agremiação e de seus agentes históricos no processo de profissionalização do futebol às claras, na década de 1930, adquire um peso e estimação conforme interesse e resistência da classe trabalhadora pela prática do futebol em momentos

¹ No dia 4 de Julho de 2022, segundo a Organização Mundial da Saúde, verificou-se em todo o mundo um total de 546 milhões de casos confirmados com mais de 6 milhões de óbitos. Ver:< <https://covid19.who.int/>>. Acessado em: 4 de julho de 2022.

anteriores.² Este trabalho segue a rica tradição, desde 1980, de pesquisas voltadas para a história social e com ferramentas da história cultural.³

Na apresentação de *A nova história cultural*, a historiadora Lynn Hunt, traça um panorama sobre as influências que surgiram no exercício do historiador que levaram gerações de interessados nos tempos pretéritos a dedicarem atenção especial na proposição de investigações que buscavam uma “história vista de baixo”.⁴ Uma delas foi a aproximação entre a sociologia e a história. A outra foi uma maior adesão ao marxismo somados a uma corrente historiográfica francesa conhecida como a “escola dos *Annales*”.⁵ Foi neste cenário de novos “paradigmas” que autores como Edward Palmer Thompson, “abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres”.⁶ Quando Thompson adotou uma tipologia de fazer história que, por estratégia, empenha-se em demonstrar como pessoas comuns se inseriram nas relações sociais e se configuram historicamente, se iniciou uma forma de fazer história explorando a formação cultural com fundamento e especial atenção ao modo de ser e de viver, explorando o poder na cultura das massas.⁷ E o futebol se tornou um esporte de massas.

Ao entender a classe como fenômeno histórico, Thompson, demonstra como homens e mulheres se “auto faziam” levando em conta as “relações humanas”.⁸ Este fazer-se da classe trabalhadora problematizada pelo historiador inglês, nesta investigação, funciona como uma

² A profissionalização do futebol às claras deriva da cisão da prática do futebol de *ethos* amador. Ao mesmo tempo, se insere num processo evolutivo de desenvolvimento do exercício do “futebol de espetáculo”. A Liga Carioca de 1933, primeiro campeonato profissional de futebol da Capital, distinguia os seus atores em amadores e profissionais, mas não os proibiu de dividir o palco (o campo de jogo). Por essa razão, utiliza-se a expressão “às claras”, no sentido de transparência. Pois, os dirigentes dos clubes, os torcedores e os jogadores sabiam que, dentro de campo, haviam pessoas que eram pagas para jogar. Sobre o conceito de futebol de espetáculo, ver: DAMO, Arlei. “Senso de jogo”. **Esporte e Sociedade**, número 1, Nov 2005/ Fev 2006. Do registro de jogadores na Liga Carioca, ver: *O Globo*, Rio de Janeiro, 12. Jan. 1933, p. 1.

³ Para um panorama geral; ver, por exemplo, os seguintes artigos: LARA, Silvia Hunold. “História cultural e história social”. **Diálogos**, UEM, n. 1, 1997, p. 25-32.; ECOSTEGUY, Ana Carolina D. “Uma introdução aos Estudos Culturais”. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 9, dezembro 1998, p. 87-97. Algumas obras devem ser destacadas, tais como: GINZBURG, Carlo. “O inquisidor como antropólogo”. In: **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 280 - 294.

⁴ HUNT, Lynn. “Apresentação”. HUNT, LYNN.(org.). **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luis Camargo, São. Paulo: Martins Fontes, 1992.

⁵ Hunt, *Op. Cit*, 1992, p. 2. Sobre a escola dos *Annales* vale referendar o seguinte artigo: LARA, Silvia Hunold. “A herança dos *Annales*: o princípio e seus discípulos”. In: GUZZELLI, Cesar A. Barcellos e outros (Orgs.). **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

⁶ Hunt, *Op. Cit*, 1992, p. 3.

⁷ THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária**, v.I, A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁸ Thompson, *Op. Cit*, 1987, p. 9.

base que se junta a uma longa tradição de investigações que se atentaram ao desprezo e negligenciamento do registro da classe trabalhadora no Brasil, que foi sistematizado e organizado em artigo produzido por Alexandre Fortes, Paulo Fontes e David Mayer.⁹

Nessa pesquisa, compreende-se o ludopédio como um fenômeno cultural secular que converteu-se em ferramenta de fomento às nações modernas.¹⁰ Em texto clássico, Eric Hobsbawm, destacou que o *Football Association* se tornou a “religião leiga da classe operária”.¹¹ Esse fenômeno, para Victor Andrade de Melo, se afirmou como “processos de interferências múltiplas, não lineares”.¹² Em outro texto considerado clássico, Allen Guttmann recordou que “cultivamos la tierra o trabajamos en nuestras oficinas o fábricas para poder tener tiempo para jugar”.¹³ Logo, a prática do jogo de bola refletiu na opção que indivíduos tomaram em relação aos seus tempos livres nos mais diversos contextos e periodicidade. Um fenômeno social, cuja difusão geográfica por todo o globo é complexa e vem sendo objeto de investigação em todo o mundo. Em conformidade com essas considerações, segundo a antropóloga Simoni Lahud Guedes, ao longo do século XX, existiu um “processo singular através do qual os esportes e, em particular, o futebol, difundiram-se pelo mundo, constituindo-se em uma espécie de idioma universal moderno (...)”.¹⁴

Essa condição globalizada faz parte de um processo de interação cultural.¹⁵ Ao mesmo tempo, remete-se ao imperialismo ocidental - em particular o inglês - por todo o

⁹ Como não é o objetivo da dissertação realizar um panorama geral sobre a historiografia voltada para as classes trabalhadoras, indico um artigo para os leitores que tiverem maior interesse na temática: FONTES, Paulo; FORTES, Alexandre; MAYER, David. “Brazilian Labour History in Global Context: some introductory notes”. *International review of social history*, vol. 62, n. S25, 2017, p. 1-22.

¹⁰ O caráter secular das práticas esportivas foram extraídas do texto clássico de Allen Guttmann. Segundo o pesquisador, os antropólogos franceses foram os responsáveis por uma cisão nas práticas esportivas. De um lado uma face mais antiga, primitiva que remete ao “pensamento selvagem”. Uma prática em que a ritualização do jogo importava mais do que seu resultado final. Do outro, os esportes modernos, com o seu sistema burocrático, suas Instituições, quantificadas por séculos de práticas e busca por recordes. Para Allen, o que liga esses dois “polos” é o ritual. Ver: GUTTMANN, Allen. “Del ritual al récord”. In. SCHARAGRODSKY, Pablo A; TORRES, César R. **El rostro cambiante del deporte: Perspectivas historiográficas angloparlantes 1970-2010**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2019.

¹¹ *Football Association* é a entidade que codificou a prática do futebol ainda no século XIX. Além de ser a entidade mais antiga do mundo, foi ela a responsável por criar as primeiras regras do jogo. Sobre a relação da classe trabalhadora e o futebol, ver: HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 262.

¹² MELO, Victor Andrade. “Amador ou profissional? Um debate primordial no campo esportivo”. In. GOMES, Eduardo Souza; PINHEIRO, Caio (org.). **Olhares para a profissionalização do futebol: Análises plurais**. Rio de Janeiro, Multifoco, 2015, p. 26.

¹³ “cultivamos a terra ou trabalhamos em nossas oficinas ou fábricas para poder ter tempo para jogar” [GUTTMANN, Allen, *op.cit*, p. 32, tradução livre].

¹⁴ GUEDES, Simoni Lahud. “De criollos e capoeiras: notas sobre o futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil”. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26, 2002, Caxambu. **Anais...** [S. l.], 2002, p. 1.

¹⁵ TAYLOR, Matthew. “The Global Spread of Football”. In. EDELMAN, Robert; WILSON, Wayne (Org.). **The Oxford Handbook os Sport History**. New York, NY: Oxford University Press, 2017.

mundo.¹⁶ No caso de Bangu, foi o operário escocês de Busby, chamado Thomas Donohoe, que trabalhou como mestre têxtil na Companhia Progresso Industrial, um dos responsáveis pela circulação do ludopédio no Rio de Janeiro.¹⁷

Apesar dessas afirmações, não se deseja correr o risco de reafirmar uma história linear da relação entre o processo de industrialização e a prática do esporte. De forma particular por reconhecer que Julio Frydenberg e Daniel Sazbón já contestaram a realidade unívoca presente em conceitos como moderno, modernidade e modernização em relação às práticas esportivas.¹⁸ Para os autores, uma solução seria “las prácticas deportivas como, efectivamente, cruzadas por procesos y transformaciones que suponen una ruptura indiscutible con formas precedentes de comportamiento”.¹⁹ Portanto, novas visões como a proposta pelos autores argentinos possibilitam não apenas relativizar uma suposta relação direta entre a industrialização na Grã-Bretanha, como também, o desenvolvimento da prática esportiva por aquelas zonas e o resto do mundo. Dando seguimento, recorre-se a possibilidade de estabelecer uma outra lógica emancipatória a partir da prática do futebol. Com isso, indivíduos em condições subalternas se beneficiam do jogo com a bola e buscavam negociar diante da condição de dominação às quais estavam submetidos.

O questionamento se os britânicos realmente presentearam o mundo com os *Sports* faz parte dos interesses de Brenda Elsey. Em seu meio de campo de investigação, a pesquisadora se atenta à prática do jogo como sentido inerente ao colonialismo e imperialismo.²⁰ Em “Sport in Latin America”, Elsey lembra que os maias tinham seu próprio jogo de bola e que vários povos tinham momentos de lazer. No Brasil, o cenário de introdução de novos modismos ocidentais teria sido de extrema desigualdade social, resultado de séculos de exploração e violência que se originaram numa política colonial que envolve

¹⁶ Ver: Nota 15. Ver, também: GUTTMANN, Allen. **Games and empires: modern sports and cultural imperialism**. Nova York: Columbia University Press, 1994. HOBBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 1988. Para uma bibliografia mais recente, ver: BECKERT, Sven. “Building War Capitalism”. In: **Empire of Cotton. A Global History**. Nova York: A. Knopf, 2014.

¹⁷ Em seu trabalho, Carlos Molinari, levanta a hipótese de que Thomas Donohoe teria sido o pioneiro na prática do futebol no Brasil. Porém, o autor não confirma tal hipótese. Ainda assim, considerar que foi em Bangu um dos pólos de destaque de interações por meio esportivas, auxilia na argumentação em defesa das interações mais específicas vinculados ao local e seus habitantes. Ver: SEVERINO, Carlos Molinari Rodrigues. **Mestres estrangeiros; operariado nacional: resistências e derrotas no cotidiano da maior fábrica têxtil do rio de janeiro (1890 - 1920)**. 2015. 259 f., il. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015a.

¹⁸ SAZBÓN, D. y FRYDENBERG, Julio. “Deporte y modernidad en Argentina: problemas conceptuales y propuesta de abordaje”. **Cuestiones de Sociología**, 18, e050, 2018.

¹⁹ “as práticas esportivas como, efetivamente, atravessadas por processos e transformações que supõem uma ruptura indiscutível com formas precedentes de comportamentos” [Sazbón; Frydenberg, *op.cit.*, p. 14, tradução livre].

²⁰ ELSEY, Brenda. “Sport in Latin America”. In: EDELMAN, Robert; WILSON, Wayne (Org.). **The Oxford Handbook os Sport History**. New York, NY: Oxford University Press, 2017.

corpos escravizados e a expropriação e monopolização da terra. De mais a mais, a autora capta por meio de seu estudo a necessidade de se atentar à diversidade racial, aos conflitos, às negociações e hierarquias, por meio do esporte, na América Latina.²¹ Em Bangu não seria diferente.

Por isso, se torna necessário reconhecer e difundir o papel das “raças”, não só na realidade do Rio de Janeiro, bem como uma construção histórica de dominação que ordenou a sociedade da antiga Capital. Um sistema mundial moderno que criou redes de exploração e apropriação.²²

A dissertação se concentra no período da Primeira República (1889-1930), com recorte geográfico para o Rio de Janeiro e se encerra no ano de 1933, quando ocorreu o primeiro campeonato profissional às claras no Brasil e vivenciou-se os primeiros anos de Governo Vargas. No período investigado, têm-se a popularização do jogo, tentativas de exclusão de jogadores de camadas populares e, posteriormente, críticas ao amadorismo vigente a promoção do debate acerca do profissionalismo.²³ Ao mesmo tempo, realiza diálogo entre dois campos historiográficos como o do esporte e lazer e o daqueles voltados para o universo dos trabalhadores.²⁴ Portanto, comunga-se de um recorte que parte da criação da fábrica Progresso Industrial do Brasil, passando pela criação do bairro e de inúmeras associações de lazer, seja esportivo, seja dançante até a construção de um tipo de *player* que, em sua origem, se distingue dos abastados da elite. Trata-se do operário-jogador. Vale

²¹ Idem Nota 20.

²² Para que as condições materiais da vida de jogadores de futebol negro possam emergir, se fez necessário compreender o conceito de “raça” advinda de seu legado colonial. Com isso, o racismo torna-se uma “matriz” que permeia todos os domínios do imaginário do sistema mundial colonial moderno. Nessa direção, os estudos decoloniais podem contribuir com o objetivo de repensar os termos do imaginário Atlântico e a violência da colonialidade. Para mais, ver: MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020; LANDER, Edgardo (comp.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires, CLACSO, 2000.

²³ Pesquisas científicas auxiliam na compreensão do debate entre amadorismo e profissionalismo no futebol brasileiro, ver, por exemplo: GOMES, Eduardo de Souza. “A chegada do profissionalismo: imprensa e dirigentes de futebol no Rio de Janeiro (1933) e na Colômbia (1948)”. **Esporte e Sociedade**, v. 12, n. 29, p. 1-22. 2017; DRUMOND, Maurício. “Entre Políticos e Paredros: As relações políticas do futebol brasileiro na primeira metade do século XX”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020 e outros

²⁴ Nas últimas décadas do século XX, no Brasil, começaram a surgir alguns trabalhos na ciência histórica interessados pelo lazer, cotidiano e as diferentes formas de articulações com a vida dos trabalhos na tentativa de dar voz aos agentes históricos. Ver: CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. 3º ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2012. Sobre trabalhos científicos de historiadores brasileiros voltados para o futebol, destaca-se a tese de Leonardo Pereira, ver: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. 1998. 380f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Outra obra que deveria receber maior atenção dos historiadores brasileiros interessados em uma história social do futebol é o livro de Julio Frydenberg. ver: FRYDENBERG, Julio. **Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

informar ao leitor que, embora aborde o futebol de mulheres em um dos capítulos, a pesquisa tem por foco a prática desenvolvida pelos homens, em sua grande maioria, trabalhadores ou trabalhadores afrodescendentes.

E é justamente na figura do operário-jogador, termo cunhado pelo jornalista Mário Filho, em obra prefaciada originalmente por Gilberto Freyre, que se concentra uma parte importante do trabalho.²⁵ Afinal, são estes sujeitos que circularam, primeiramente, entre os clubes dos subúrbios e, posteriormente, vão adentrar, a partir das décadas de 20 do século passado, em clubes de maior poder aquisitivo. Todavia, esse período é analisado mais pela ótica do mecanismo de exclusão criado pelas próprias Ligas que tentavam, a todo custo, reter a dissipação do controle sobre a prática esportiva do futebol. Mero delírio que carrega consigo marcas de uma sociedade selada em séculos de exploração, violência e segregação baseada na etnicidade e raça.

Nessa direção, reconhece-se que o historiador pode estudar separadamente os processos de clubes de futebol localizados em regiões distintas, com origens distintas e identidades distintas e que se interconectam a partir das origens de seus quadros de futebolistas, em grande maioria, subalternizados que recebiam o “bicho”.²⁶ Segundo o historiador João Malaia, os jogadores costumavam receber “ajuda de custo” durante o período amador.²⁷ Essa condição comum aos praticantes de futebol, sobretudo, os oriundos das camadas mais baixas deve ser compreendida como estratégia de sobrevivência. Ademais, essa realidade desigual, reencarnado em indivíduos concretos, permite refletir sobre o papel dos campeonatos, dos clubes, dos festivais, do jogo em si que direciona para uma reflexão

²⁵ O operário-jogador, para o jornalista Mario Filho, seria aquele operário do primeiro time do Bangu A.C que receberia permissões distintas dos demais e que exerceria trabalhos menos pesados. Outra questão importante presente na obra de Filho é a possibilidade de identificar uma relação de distinção entre clubes de fábrica e clubes das frequentados pela elite por meio da dicotomia operário-jogador e estudante-jogador. Ver: FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**, Rio de Janeiro: Mauad, 2010, p. 84.

²⁶ O “bicho” era uma espécie de gratificação dada aos jogadores durante o regime amador. Essa expressão se encontra com bastante frequência na obra de Mario Filho. Ver: Filho, 2010. Segundo consta em Filho, “o Vasco perdia, o “bicho” era um peru, vinte mil réis, no máximo um galo, cinquenta mil réis. Só era vaca de uma perna, de duas pernas, quando o Vasco vencia”. Filho, *Op. Cit*, 2010, p. 171. O termo também era vinculado à uma outra forma de práticas: os jogos de azar, ou melhor, o jogo do bicho. Sobre esse tema, ver: HERSCHMANN, Micael. **Lance de sorte: o futebol e o jogo do Bicho na Belle Époque Carioca**. Rio de Janeiro: Diadorim. Ed, 1993; CHAZKEL, Amy. **Leis da sorte: o jogo do bicho e a construção da vida pública urbana**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

²⁷ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 253.

histórica de uma formação de classe futebolista que produzia, com o sua habilidade, riquezas que, ainda hoje, carecem de vozes para além dos primeiros craques afrodescendentes.²⁸

Ainda assim, se torna relevante afirmar que o “bicho” não era apenas uma ilegalidade, era a subversão do *modus operandi* do *ethos* das “elites” burguesas. O *ethos* burguês foi tema de artigo do Pierre de Bourdieu.²⁹ Em outras palavras, como destacou Guttman, “la norma amateur era un instrumento de la guerra de clase”.³⁰ Uma contradição do próprio sistema de dominação vigente que, afinal de contas, reconheceria a força de produção destes futebolistas. Era também uma escolha de quem poderia vender a sua força de trabalho, de forma secreta, mas, quando bom jogador poderia receber um pouco mais. Muitos desses “amadores marrons”, posteriormente, serão tratados como “craques” e estarão em voga na mídia empresarial.³¹

O Bangu A.C tem sua história e origem vinculada à Fábrica Progresso Industrial do Brasil, a Fábrica Bangu. Os mestres britânicos se articularam e formaram uma rede de práticas de futebol em Bangu e no Rio de Janeiro, também.³² Clube e fábrica que contam com estudos presentes nas ciências humanas desde as duas décadas finais do século passado.³³

Em um bairro operário como o Bangu, estabelece-se uma relação com a classe trabalhadora incontornável. Cria, também, uma equipe multiétnica e multinacional sob comando de mestres ingleses. Com britânicos, portugueses, italianos e brasileiros. Isto faz da entrada do tecelão Francisco Carregal no campo de jogo, em 1905, um marco ao ser o primeiro operário afrodescendente, no Rio de Janeiro, a vestir *short*, meião, camiseta e chuteira para bater uma bola contra os filhos abastados dos clubes da capital.³⁴ Essa condição distinta, desde a sua origem, fez com que o clube tomasse, ao longo do tempo, uma série de

²⁸ Trata-se de jogadores como: Fausto dos Santos, Domingos Antônio da Guia, Leônidas da Silva, Arthur Friedenrich e outros.

²⁹ BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?” In: BOURDIEU, Pierre. **Questões da sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

³⁰ “a norma amadora era um instrumento de guerra de classe” [GUTTMANN, Allen, 2019, p. 38, tradução livre].

³¹ Amadorismo marrom foi o período anterior ao profissionalismo às claras, no qual os jogadores eram pagos de maneira “secreta” para se dedicar ao futebol. Malaia, *op. cit.*, 2010, p. 373.

³² MELO, Victor Andradede. “entre evidência e a especulação”: a “origem” do futebol no Rio de Janeiro e Niterói. Futebol”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

³³ Sobre o Bangu Atlético Clube, ver: SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. **Bangu 100 anos: a fábrica e o bairro**. Rio de Janeiro: Sabiá Produções Artísticas, 1989; ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992; DOS SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014; SILVA, G. S. **Os Proletários da Bola: The Bangu Athletic Club e as lutas de classes no futebol da Primeira República (1894-1933)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

³⁴ Filho, *Op. Cit.*, 2010, p. 33.

defesas institucionais em favor de seus jogadores e sua gente. Com isso, afirma-se que o Bangu A.C, mesmo não sendo campeão da primeira divisão durante este período, suas ações podem ser vistas como parte de um processo de extrema relevância que é o complexo fenômeno da cidadania no Brasil.³⁵ Além disso, a agremiação enquanto objeto de estudo, descortina a vivência dos trabalhadores afrodescendentes após a abolição da escravidão.³⁶

O reconhecimento do futebol como objeto das ciências humanas, no Brasil, passa pela questão da ditadura civil-militar instaurada em 1964. Segundo a antropóloga Simoni Lahud Guedes, inventora da antropologia do esporte na América do Sul, a conquista da Copa do Mundo de 1970, pelo selecionado brasileiro, teria acarretado em uma inflexibilidade desse objeto de investigação no ensino superior.³⁷ Por razões que não cabem nesta dissertação, a legitimidade do futebol como objeto de pesquisa das ciências humanas teve que superar a tese de que o futebol seria uma ferramenta de alienação da sociedade, um “ópio do povo”.³⁸

O estado e a busca por uma identidade nacional foi uma das formas encontradas, ao menos a partir de 1977, ano da dissertação de mestrado de Simoni Lahud Guedes, para a promoção de pesquisas sobre o futebol.³⁹ Neste sentido, se torna importante afirmar que existe uma tradição como unidade de análise nas ciências sociais e históricas voltadas para uma metodologia nacionalista.

Embora o futebol, a partir da “ascensão social do negro”, vinculada a ideia de nação seja uma construção posterior à cronologia da pesquisa, não se pode jogar para linha de fundo as doutrinas raciais do século XIX e as subsequentes tentativas de branqueamento do povo brasileiro.⁴⁰ Vários dos jogadores que os leitores vão encontrar nas linhas dessa investigação foram alçados à imagens de ídolos nacionais. Este foi o caso, por exemplo, de Domingos da

³⁵ Sobre a cidadania no Brasil, ver: CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

³⁶ Nas últimas décadas do século XX, os programas de graduação e pós-graduação no Brasil viram o crescimento de interesse pela história social da escravidão e pós-abolição. Ver: CHALHOUB, Sidney & SILVA, Fernando Teixeira da. “Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980”. **Cadernos AEL**, v.14, n.26, 2009.

³⁷ Embora Simoni Lahud Guedes tenha sido pioneira no Brasil, outros nomes devem ser destacados, tais como: Roberto DaMatta no Brasil e Eduardo Archetti na Argentina.

³⁸ Embora tenha ouvido isso ao vivo da própria Simoni Lahud Guedes em exposição na UFF, compartilho dois artigos que tratam da trajetória e carreira de uma mulher, fundadora do campo esportivo, no Brasil. Ver: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. “Retrato da antropóloga quando jovem: Simoni Guedes - dos anos de formação a *subúrbio, celeiro de craques*”. **Mana**. 27 (1): 1-28, 2021; ROJO, Luiz Fernando. “Simoni Guedes: uma trajetória na antropologia dos esportes”. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 46, p. 272-289.

³⁹ GUEDES, Simoni Lahud. **Futebol Brasileiro: instituição zero**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ - Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 1977.

⁴⁰ “A ascensão social do negro” é o título do quarto capítulo da obra de Mario Filho. Ver: Filho, *op. cit*, p. 179 - 229. Sobre o pensamento social brasileiro no século XIX e começo do século XX, seus defensores das ciências médicas, direito e sociologia, ver: SCWARCZ, Lilia Mortiz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

Guia que foi operário da fábrica, jogador do Bangu A.C, da seleção brasileira e de vários outros clubes de futebol.⁴¹

Como pesquisador, busquei observar o passado como um apaixonado pelo jogo e como sujeito atento aos problemas do meu tempo, também. Essa dupla me auxilia como historiador preocupado em criar formas de empatia e interesse pelas vidas pretéritas e distintas da minha. Explico: meu interesse pelos futebolistas negros, operários ou trabalhadores urbanos do passado de agremiações como o Bangu A.C, assim como a multiplicidade de acontecimento que leva ao profissionalismo “às claras”,⁴² faz parte de reflexões criadas na arquibancada, do torcer e vibrar pelo meu time, ou em outras esferas do cotidiano, nas relações que criei por e pelo o futebol. Por isso, não é um interesse apenas meu, mas também de outros torcedores, homens, mulheres e demais interessados, no que significa essa prática secular de jogo no Brasil, de uma forma geral, e no Rio de Janeiro em particular.

Como abordado anteriormente, o campo esportivo no Brasil foi fundado por antropólogos, sendo a Simoni Lahud Guedes a pioneira.⁴³ E foi somente a partir de 1990 que passou a surgir de forma mais sistematizada estudos em torno do fenômeno esportivo, particularmente com maior foco no futebol.⁴⁴ Segundo Sérgio Giglio e Enrico Spaggiari, isso ocorreu devido ao aumento dos grupos de pesquisa, crescente número de revistas, periódicos

⁴¹ Domingos da Guia defendeu as seguintes camisas: Bangu, Vasco da Gama, Andaraí, Nacional do Uruguai, Boca Jr da Argentina, Flamengo, Corinthians e Seleção Brasileira.

⁴² O Art. 34 da Liga Carioca burocratizou, ou melhor, codificou os "princípios de amadorismo, pelos jogadores amadores (...) dos princípios de profissionalismo pelos jogadores profissionais". Ver: *O Globo*, Rio de Janeiro, 12. Jan. 1933, p. 1.

⁴³ Vale referendar o sociólogo Maurício Murad que foi coordenador do Núcleo de Sociologia do Futebol, fundado em 1990 na UERJ. Maurício, para além dos estudos sobre violência e torcida organizada, produziu um artigo que fomentava o debate sobre os usos e limites da obra de Mario Filho. MURAD, Mauricio. “Considerações possíveis de uma resposta necessária”, **Estudos Históricos**, vol. 13, n. 24, Rio de Janeiro, 1999. Tal texto é uma reflexão e crítica ao artigo escrito por Antônio Jorge Soares. Assim como Murad, os pesquisadores Ronaldo Helal e Cesar Gordon Júnior também criticaram o artigo. Ver: HELAL, Ronaldo; JÚNIOR, Cesar Gordon. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. **Estudos Históricos**, vol. 13, n. 13, n. 23, Rio de Janeiro, 1999. SOARES, Anotnio J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. **Peligro de Gol. Estudios sobre deportes y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. O importante, neste caso, é afirmar que neste momento um campo de investigação e pesquisa científica vinha crescendo para, anos depois, se consolidar nacionalmente.

⁴⁴ Alguns trabalhos importantes para essa investigação deste período, são: SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”. **Revista USP** (dossiê futebol), n. 22, 1994; CALDAS, Waldenyr. “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”. In: **Revista USP: Dossiê Futebol**, nº 22. São Paulo: EdUSP, 1994. p. 42-43; GUEDES, Simoni Lahud. “De criollos e capoeiras: notas sobre o futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil”. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26, 2002, Caxambu. **Anais...** [S. l.], 2002; GUEDES, Simoni Lahud. “O Brasil no campo de futebol”. **Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EdUFF, 1998; LOPES, José Sérgio. “A vitória do futebol que incorporou a pelada - A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro”. **Revista USP**, (22), p. 64 - 83, 1994; MASCARENHAS, Gilmar. “O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS)”. Anos 90, **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, Porto Alegre, jul. 1999, n. 11, pp. 144-161 e outros.

e dossiês voltados para as práticas esportivas, expansão da pós-graduação, das orientações sobre futebol, trabalhos apresentados em congressos e simpósios.⁴⁵ Em outro balanço, dessa vez em artigo redigido por João Malaia e Mauricio Drumond, é possível observar que os textos voltados para esporte são centenários, pois a primeira obra destacada pelos autores foi o verbete sobre “Desporto” escrito para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em razão do centenário da independência do país.⁴⁶ Malaia e Drumond dividem as obras voltadas para o esporte em quatro fases, sendo a quarta de 1990 até 2000.⁴⁷ Somando os dois artigos citados acima, foi possível observar uma tradição e, ao mesmo tempo, um grande número de teses e dissertações sobre o futebol, com intenso diálogo entre autores nacionais, de diversas disciplinas, atestando, de certa forma, não apenas a qualidade e valor da ciência produzida no país sobre o esporte, mas também, o renovado interesse e necessidade de novos problemas para novas pesquisas.

Dentre as ciências humanas, a disciplina história foi a última a adentrar no campo esportivo. Dentro do recorte espacial e temporal dos objetos desta dissertação, destaca-se o já citado trabalho de 1998 e publicado nos anos 2000 do historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*.⁴⁸ A sua investigação aborda a temática da identidade nacional refletindo as relações raciais. O historiador buscou se atentar ao processo de popularização do futebol entre diversas classes sociais, revelando um volume de clubes esportivos e atores que o permite questionar o monopólio de agremiações formadas por grupos mais privilegiados da sociedade carioca.⁴⁹ Tal característica o permite reinterpretar pontos centrais da obra de Mário Filho, conseguindo, assim, desenvolver uma história para além daquela cristalizada pelas instituições organizadoras do jogo, pelas instituições clubísticas, cronistas e figuras públicas de nome e renome que narravam o curso histórico do futebol brasileiro. Outro apontamento pertinente é a riqueza de fontes empíricas empregadas no trabalho. Vale a ressalva de que uma importante avaliação à obra de Pereira foi realizada pelo Arlei Sander Damo. O

⁴⁵ Os autores destacam, dentre os grupos de pesquisa, o *Sport* da UFRJ atualmente coordenado por Victor Melo que formou uma série de historiadores com trabalhos presentes nessa dissertação. GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. “A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./ dez, 2010.

⁴⁶ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. “A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Revista Tempo**, vol. 17 n. 34. jan-jun, 2013, p. 21.

⁴⁷ Santos; Drumond, *Op. Cit*, p. 30.

⁴⁸ Pereira, 1998.

⁴⁹ Pereira, *Op. Cit*, 1998, p. 39.

antropólogo se atentou para o fato de que *O negro no futebol brasileiro*, de Mario Filho, consta na bibliografia geral e não no setor de memorialistas na tese de Pereira.⁵⁰

Em sua tese de doutoramento, o historiador João Malaia contestou o peso das elites na popularização do jogo. Na sequência, analisou o papel das camadas populares, a partir do Vasco da Gama, no aquecimento de uma economia desportiva nas décadas iniciais do século XX. Em sua pesquisa, foi possível observar que “o elenco de jogadores do Vasco da Gama se dedicavam exclusivamente ao futebol e vendia sua força de trabalho aos dirigentes, que pagavam salários melhores que a média paga por trabalhos “braçais” da cidade”.⁵¹ Isso explica como Clube de Regatas conseguia atrair os melhores futebolistas dos subúrbios para o seu elenco. Por consequência, desnudou práticas de mercantilização da força de trabalho na relação jogador-clubes social que não se faziam presentes em trabalhos basilares como a obra de Mario Filho.⁵²

Recortando para o subúrbio do Rio de Janeiro, mais precisamente para pesquisas com foco no bairro de Bangu, tem-se dois trabalhos distintos de Carlos Molinari. O primeiro é o site com dados, fontes e atualizações importantíssimas para um período de exceção como o da pandemia de Covid-19.⁵³ Além de informações gerais do clube no tempo presente, existe uma coletânea de livros digitais disponíveis gratuitamente pelo próprio pesquisador, bem como, notícias, crônicas e reportagens. No *website* é possível ter acesso a estatísticas gerais, por confronto e competições. No setor de multimídia, o interessado poderá encontrar fotos, áudios e vídeos sobre o Bangu A.C.⁵⁴

O segundo foi sua dissertação de mestrado sobre a fábrica têxtil de Bangu que contribuiu de diversas formas para a confecção dessa pesquisa.⁵⁵ Outra dissertação no âmbito da história com foco no Bangu A.C foram as contribuições de Nei Jorge Santos Junior.⁵⁶ Sua pesquisa ajudou a refletir o bairro e o papel do clube na formulação de um sentimento local, tal qual, os “vínculos densos que permitem a criação de identidades solidárias e comunitárias”

⁵⁰ DAMO, Arlei. “Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. *FuLiA* / UFMG, v. 3, n. 3, set.-dez., 2018, p. 42.

⁵¹ Malaia, *Op.Cit.*, 2010, p. 430.

⁵² O conceito de “mercantilização” foi extraído da obra de Marcel Van Der Linden ao ler a seguinte frase: “a base de classe comum a todos os trabalhadores subalternos é a mercantilização *coagida* de sua força de trabalho”. Ver: LINDEN, Marcel Van der. **Trabalhadores do mundo: Ensaio para uma história global do trabalho**, Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2013, p. 41.

⁵³ ver: <https://www.bangu.net/>. Acessado em: 10. Mar. 2020.

⁵⁴ Idem. Nota 53.

⁵⁵ Molinari, 2015a

⁵⁶ DOS SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

teorizados pelo sociólogo Mike Savage.⁵⁷ Soma-se a estas ponderações, o trabalho de Aira Bonfim sobre o futebol de mulheres no subúrbio carioca. A forma com que a autora utiliza o periódico como mediador de acesso à uma prática que tornou-se proibida durante o governo Vargas, reverbera na visibilidade simbólico-social da prática feminina. Mas também, explora a prática do futebol além da oficial, por meio de festivais esportivos que agitavam e alegravam o cotidiano dos suburbanos.⁵⁸ Por fim, a dissertação de Glauco Souza sobre a Liga Suburbana merece ser mencionada. Pois, sua pesquisa revelou identidades e lazes de agremiações suburbanas, também. Assim como, seus processos, embates e conflitos que marcam a cena do lazer suburbano no início do século XX.⁵⁹

A necessidade de revisitar o passado do futebol se justifica pelo cotidiano. Nos dias de hoje, o futebol é o esporte mais popular e a modalidade mais relevante no aspecto econômico no Brasil. Porém, existem algumas particularidades como a concentração regional por clubes de elite e que, no atual cenário, prevalece uma sistemática segregação/dissipação da influência que o tornou popular, os seus palcos de jogos - os estádios.⁶⁰ Tal razão teria atraído os primeiros cientistas sociais e antropólogos na década de 1980.⁶¹ No último relatório de impacto do futebol Brasil, consta que o futebol nacional ocupa um pouco menos de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.⁶² Neste mesmo relatório é possível observar que, no

⁵⁷ SAVAGE, M. Espaço, redes e formação de classe. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 6-33, 2011, p. 19.

⁵⁸ BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)** / Aira Fernandes Bonfim. – 2019.

⁵⁹ COSTA SOUZA, Glauco José. **“Adiantam-se bastante nos subúrbios”**: O desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro (1907-1924). Niterói, 2018. 113 p. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

⁶⁰ Na última década o Brasil recebeu diversos eventos esportivos. Junto da Copa do Mundo de 2014, da Olimpíadas e dos jogos Paralímpicos de 2016, surgiu a construção dos discursos acerca do “legado” que, por sua vez, foi tema de discussão entre especialistas do campo esportivo. Acreditamos que esse debate é tão complexo que dificilmente pode ser resumido. Talvez, por isso, os megaeventos esportivos e seus efeitos ainda estão em aberto. De toda forma, o geógrafo Gilmar Mascarenhas deixou uma contribuição importante a respeito desses espaços que podem ser compreendidos por meio do conceito de “arenização”. A grosso modo, a “arenização” implicaria nas novas formas de torcer, de se relacionar com estes espaços centenários que são os estádios de futebol. Por sua vez, não se pode confundir as críticas às arenas com saudosismo do passado. Os Estádios antigamente também tinham seus problemas. Para mais, ver: GIGLIO, S. S.; DAMO, A. S. “Estádios de futebol: políticas e usos (Homenagem a Gilmar Mascarenhas)”. **FuLiA** / UFMG, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 3–12, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/26911>. Acesso em: 20 ago. 2021.

⁶¹ Nota-se que, algumas décadas depois da obra, tanto os estádios quanto o modus das práticas etnografadas por DaMatta estão em franca transformação. Por exemplo, a geral do Maracanã que DaMatta tanto utilizou como metáfora, não existe mais. O povo que o antropólogo tanto descreve e trabalha foi expurgado dos estádios. De igual forma, a acentuação do Neoliberalismo e do mundo globalizado corrobora para outros sistemas de fluxo de jogadores bem distintos daqueles trabalhados por Roberto DaMatta. Para mais, ver: DAMO, Arlei. “Romantismo e futebol nas ciências humanas brasileiras”. In: CORNELSEN, Elcio; CAMPOS, Priscila; SILVA, Silvio Ricardo da (Org.). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**, v. 2. Rio de Janeiro: Jaguatirica. 2017. p. 9-29.

⁶² CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Relatório Impacto do Futebol Brasileiro**: 2018. Rio de Janeiro, 2019., p. 14.

ano de 2018, constam 360 mil atletas registrados na Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Destes, 88% recebem entre menos de mil e cinco mil reais.⁶³

Essa realidade auxilia na forma de olhar para o passado e estabelecer um distanciamento com essa narrativa contínua de sucesso que se inicia com a popularização do jogo em 1910 e 1920. Portanto, o Bangu Atlético Clube que, desde a Ata de fundação do clube, permite que o operário - independente da raça ou nacionalidade - possa entrar no campo de jogo pode ser um farol para remar na contramão da história oficial do futebol brasileiro. Para isso, temos também, a revisão promovida pelo geógrafo Gilmar Mascarenhas⁶⁴:

Cumpre ainda superar a infundada versão de que foram as duas metrópoles nacionais os polos de adoção e de difusão do futebol no Brasil, interpretação que é fruto da ignorância generalizada acerca de outras realidades regionais. Revelar outras vias, lugares e agentes significa mergulhar na complexidade de um processo de difusão. Complexidade amparada na diversidade de atores, de redes em ação e na própria complexidade da configuração territorial brasileira, em diversos pontos e de diversas maneiras aberta à influência do mundo exterior. Afinal, uma novidade circulava pelas redes internacionais. Cabe indagar que localidades se inserem nessas redes e, dessas localidades, quais estavam habilitadas a adotar a inovação.⁶⁵

Portanto, revelar outras vias, como propôs o Gilmar Mascarenhas, para um jovem historiador, se apresenta como um desafio instigante. Especialmente por entender que tanto o esporte, quanto o local dispõe de hierarquias (de classe, raça e gênero). Por isso, evidenciar outras faces do mesmo fenômeno é uma forma de desnaturalizar o que foi naturalizado. Ensaando aquilo que Carlo Ginzburg chamou de “paradigma conjectural”.⁶⁶

Antes de expor a metodologia utilizada nos capítulos, verificou-se ser pertinente pontuar que, segundo Tânia Regina de Luca, a imprensa tornou-se objeto de investigação dos historiadores desde que os *Annales* exerceram uma “revolução documental” na tentativa de buscarem novos problemas para a história.⁶⁷ Possibilitando, desse modo, analisar a especificidade da narrativa histórica em relação a outras narrativas do passado por uma alargada tipologia de fontes, como o cinema, a televisão, a literatura, os mapas, a música, a oralidade, a matéria jornalística, dentre outras. Se antes, “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado”, uma vez que “forneciam imagens parciais,

⁶³ Idem nota 62.

⁶⁴ MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

⁶⁵ Mascarenhas, *Op. Cit*, 2014, p. 34.

⁶⁶ Ademais, o próprio Ginzburg escreveu que não existem textos neutros ao discorrer acerca da excepcional documentação que utilizaria para adentrar o universo particular do moleiro Menocchio. Para mais ver: Ginzburg, 2007

⁶⁷ LUCA, Tania Regina. “Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla B.. **Fontes históricas**. São Paulo, Contexto, 2005.

distorcidas e subjetivas”, hoje tal visão já se encontra ultrapassada.⁶⁸ Principalmente por existir um modelo teórico, proposto por Jurgen Habermas, que destaca a imprensa como importante elemento para a formulação de uma esfera pública nas sociedades burguesas/liberais, como também mediava as relações dos setores da sociedade civil com o Estado e outras Instituições.⁶⁹

Grande parte da documentação analisada e apresentada no corpo do texto está disponível de forma *online* na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB), importante ferramenta pública de difusão e pesquisa da Biblioteca Nacional.⁷⁰ Dentre os periódicos utilizados temos aqueles voltados para questões do cotidiano como, por exemplo: *Jornal A Batalha*, *Jornal A Folha*, *Jornal do Brasil*, *O Imparcial*, *Correio Paulistano*, *Gazeta de Notícias* e aqueles voltados para reportar as práticas esportivas, tais como: *Jornal dos Sports*, *Rio Sportivo*, *Mundo Sportivo*. Além destes, outros possuem acervos próprios como o caso do *O Globo*. Além daqueles disponibilizados no setor de obras raras da Biblioteca Nacional, como o *Eco Suburbano*. Este último só foi possível ter acesso mediante agendamento prévio junto ao setor de obras raras da Biblioteca Nacional.

A metodologia utilizada nesta pesquisa levou em conta a discussão historiográfica da própria disciplina históricas e de outras áreas e as possíveis mediações entre os documentos que são apresentados ao longo da dissertação. Os periódicos lidos e analisados passaram por uma leitura diferente da habitual, pois eram fontes empíricas e não meras anedotas e causos curiosos. Por isso, buscou-se realizar uma investigação intensiva e meticulosa do que estava visível no cotidiano. Além disso, como ponderou Leonardo Pereira, diferentes jornais podem “expressar através da publicação de diferentes perspectivas sobre cada tema, a necessidade de se render aos interesses do público levava também as folhas a temperar o tom de suas críticas ao mundo das ruas, de modo a não afastar os possíveis leitores interessados nas práticas e experiências ligadas a ele”.⁷¹

Ao mesmo tempo, em meio a imprensa, sobretudo aquela voltada para esportes, foi possível ter acesso ao que o antropólogo Luiz Henrique de Toledo conceituou como especialista. Os especialistas, isto é os jornalistas, são, na maioria das vezes, as principais fontes, pois são os responsáveis por que narram o futebol brasileiro; os profissionais são aqueles envolvidos diretamente nas estruturas do jogo (jogadores, dirigentes, juízes,

⁶⁸ Luca, *Op. Cit*, 2005, p. 112.

⁶⁹ HABERMAS, J. **Mudança estrutural na esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

⁷⁰ Ver: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acessado em: 31. Ago. 2020.

⁷¹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República”. **Revista História**, Franca-SP, v. 35, 2016.

maqueiro e etc.) e os torcedores são aqueles responsáveis pela simbologia atribuída ao fenômeno esportivo do futebol, a emoção.⁷²

Ao que diz respeito ao debate entre amadorismo e profissionalismo, opta-se pelo uso dos conceitos de “discursos autorizados” e “discursos rebeldes”, de Simoni Guedes, para refletir e analisar a opinião dos jogadores afrodescendentes, populares e trabalhadores urbanos do Bangu A.C e outras equipes esportivas.⁷³ Em especial, aproximou-se da família da Guia, ou melhor, dos irmãos da Guia: Luiz Antônio, Ladislau, Maméde e Domingos, pai de Ademir da Guia, outro jogador que fazia do futebol uma “arte”, mas não apenas. De Domingos e Ademir foi possível conseguir mais do que crônicas e entrevistas de jornal. Houve a possibilidade de ler e ouvir ambos em depoimentos orais para a posteridade.⁷⁴ Como dito anteriormente, dar voz aos trabalhadores que praticavam o futebol foi um dos objetivos desta pesquisa. Pois, desejou-se compreender o que eles emulavam por “profissionalismo” e “amadorismo”. E constatou-se que essa relação se vincula mais à uma ambivalência, à uma contradição do que propriamente o “rapto” do futebol como do povo. Uma das influências para refletir sobre o problema de pesquisa desta dissertação, foi o texto de Guedes de 1982, cujo objetivo era investigar junto a operários da fábrica Bangu, entre os anos de 1975 e 1976, como o futebol “pode passar de um domínio a outro da vida social, assumindo significados diferentes em função de momentos diversos das trajetórias de vida dos indivíduos envolvidos”.⁷⁵

O título desta dissertação, **Com o povo de Bangu, seus heróis**, é uma homenagem aos jogadores campeões de 1933. O feito do Bangu A.C foi relevante não apenas por ter sido “um time inteiramente de pretos”, mas porque o Bangu nunca tinha vencido um título da elite local.⁷⁶ E, de certa forma, também busca amarrar o bairro e sua gente ao clube esportivo honrando, evidentemente, a figura de importantes personagens do futebol brasileiro como o técnico Luis Vinhaes e os seus comandados.⁷⁷

A dissertação está dividida em três capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais. No primeiro capítulo, **A construção social de Bangu: A fábrica, o**

⁷² TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas no Futebol*. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH/USP, 2000.

⁷³ GUEDES, Simoni. “Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro”. **Esporte e Sociedade**. Ano 6, n.16, nov.2010/fev.2011.

⁷⁴ A entrevista de Ademir da Guia está disponível em áudio e transcrição no acervo Oral do CPDOC, da FGV, ver: GUIA, Ademir da. *Ademir da Guia (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 48p. Para ter acesso a entrevista de Domingos da Guia, ver: MORAES, Mario de. **Futebol é arte parte II**. Rio de Janeiro, MIS Editorial/FAPERJ, 2002.

⁷⁵ GUEDES, Somini Lahud. “Subúrbio, celeiro de craques”. In: DaMATTA, Roberto. (org.). **Universo do Futebol: Esportes e sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakothke, 1982, p. 74.

⁷⁶ Filho, *Op. Cit*, 2010, p. 198.

⁷⁷ Seria de grande estima e relevo um trabalho com foco na trajetória de Luis Vinhaes.

bairro e os clubes, parte-se da necessidade de análise do que representam os subúrbios cariocas e o bairro de Bangu. Assim, um dos objetivos é compreender de forma breve como a Fábrica Progresso Industrial do Brasil se criou, construiu o bairro e as associações esportivas e dançantes. Com isso, foi possível espacializar o lugar na tentativa de promover uma história local. Nessa direção, se reconhece os subúrbios como uma grande rede de circulação de práticas e praticantes comuns ao futebol.⁷⁸ O caso abordado na dissertação é o de Julio Cezar, time de rua criado pelos irmãos Domingos e Mamede da Guia e outros.

A busca por revelações materiais faz percorrer por caminhos desconhecidos ou, por alguma razão, relegados. E é no segundo capítulo, **1933: o ano que não cabe em 365 dias**, que estimula-se o debate acerca do amadorismo *versus* profissionalismo no futebol carioca, como também a posição do Bangu A.C, bem como o discernimento acerca do papel dos jogadores negros da agremiação suburbana e outras e o que eles pensavam sobre o novo regime. Parte-se de um caso particular, da morte do zagueiro Rodrigues para refletir sobre o ser subalterno praticante de futebol. Na década de 1920 e 1930, muitos *cracks* saíram de uma realidade completamente diferente para atuar em clubes de futebol, cujos frequentadores eram indivíduos de elite. O *back* Rodrigues era mais um até que, em excursão para o Rio Grande, para celebrar a temporada de 1932, ficou doente e faleceu deixando duas crianças e a esposa. O leitor encontrará uma forma de organização e promoção que resulta em um festival em homenagem ao zagueiro, como também, a percepção de uma rede de futebolistas interligados pelo sentimento de solidariedade.

O terceiro e último capítulo, **No campo da memória: O Bangú A.C e as competições de futebol às claras**, se divide em duas partes. Na primeira, narra-se a temporada de 1933, a institucionalização da Liga Carioca e do Interestadual entre clubes profissionais do Rio de Janeiro e de São Paulo. As fontes impressas aqui são mediadoras entre os jogos e acontecimentos que exploram as conexões sociais advindas da prática do futebol. Na segunda parte, tem-se uma observação sobre a história e a memória e um convite aos historiadores para ampliar o leque de investigação para além dos clubes mais populares na tentativa de descortinar novos processos em meio ao futebol do Rio de Janeiro. Na Conclusão, o objetivo não é encerrar o debate. Pelo contrário, ampliar as redes de possibilidades em um objeto considerado clássico pela historiografia dos esportes no Brasil. Estes sujeitos históricos mostram que existem tabelinhas para serem feitas e histórias para

⁷⁸ Um interessante trabalho que ajudou a refletir e pensar sobre os subúrbios, as equipes suburbanas e a circulação de jogadores foi o de Glauco Souza. Ver: COSTA SOUZA, Glauco José. “**Adiantam-se bastante nos subúrbios**”: O desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro (1907-1924). Niterói, 2018. 113 p. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

serem trabalhadas. O fato de não oferecer respostas conclusivas não exclui a possibilidade de “jogar futebol” em novos territórios em um time de produção historiográficas de antes, atuais e futuras.

CAPÍTULO I: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE BANGU: A FÁBRICA, O BAIRRO E OS CLUBES

O objetivo deste capítulo é trabalhar entender a formação dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro com maior enfoque no bairro de Bangu. Para isso, abre-se diálogo com historiadores, geógrafos, sociólogos, antropólogos e outras obras no intuito de captar a relação entre práticas culturais e o espaço. Em igual medida refletir sobre a modernidade que vinha sendo produzida na Capital, seus efeitos, suas consequências e a forma como esses processos construíram determinada localidade. Para isso, buscou-se atentar a construção social postulada em agremiações esportivas ou de lazer que, ao fim e ao cabo, tornaram-se locais de formação de identidades, pertencimentos e experiências que se vinculam à uma lógica que perpassa, necessariamente, pelo alargamento do objeto a partir da historicidade postulada nele.

1.1 DESARMANDO A NOÇÃO DE SUBÚRBIO: REFLEXÕES SOBRE O LOCAL

Os subúrbios e seus habitantes foram historicamente representados como antíteses da modernidade que vinha sendo produzida na antiga capital.⁷⁹ Essa “representação”, segundo o historiador Roger Chartier, é uma criação.⁸⁰ No texto *Noite do Subúrbio*, de Benjamin Costallat, presente na coletânea *Mistérios do Rio*, editado originalmente em 1924, foi possível observar a significação do subúrbio a partir das letras tecidas por um escritor e

⁷⁹ Para Nelson da Nóbrega Fernandes, os subúrbios cariocas têm uma historicidade própria. O fenômeno histórico de formação dos subúrbios no Rio de Janeiro, segundo o autor, se distingue do caso americano e de algumas outras localidades da Europa. Além disso, a etimologia da palavra se transforma com o tempo. Por exemplo, no século XIX, subúrbio significaria baixa densidade, paisagem rural. Nos primeiros anos do século XX em diante, o conceito passa a adquirir um novo segmento a partir do momento em que o Rio de Janeiro torna-se laboratório ideológico de empreendimento “à moda Houssmann”. Logo, quando Pereira Passos (1903-1906) incluía, no cotidiano da população carioca, mudanças urbanas, o subúrbio “passa a significar exclusivamente os bairros ferroviários que deveriam ser ocupados pelas classes subalternas”. Ver: FERNANDES, Nelson da Nobrega. **O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.p.40-51.

⁸⁰ Uma das lições ensinadas por Roger Chartier (2002), foi de que há discursos intelectuais que constroem uma representação do mundo e que essas representações enunciam o poder e dominação. O poder simbólico, para Chartier (2002), reside na representação, prática e apropriação do que o autor chama de “mundo social”. Ver: CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 2º edição, 2002.

jornalista que registrou o Rio de Janeiro.⁸¹ O autor demarca os espaços sociais, potencializando sentimento de distinção entre a grande cidade “numa orgia de luzes” e “os subúrbios, soturnos e tristes”.⁸²

Por isso, os espaços em análises destacam-se não apenas pela sua formação, mas também pela importância de seu impacto no desenvolvimento de determinado bairro. Nos subúrbios encontra-se a prática esportiva ou os complexos industriais como elemento de pertencimento, codificador de sentido comunitário, sinal de vida moderna e de transformação urbana ainda que em ritmos distintos do Rio capital.⁸³ Nesse sentido, supõe-se que Angel Rama tenha sido preciso na identificação de uma cidade do real e aquela imaginada pela comunidade detentora do poder da língua, da escrita, da redação e do registro na América Latina.⁸⁴ Atentos a essas questões, Henri Lefebvre conceituou essas representações como “el espacio mental”.⁸⁵

Segundo Henri Lefebvre, “el espacio mental - el espacio de las reducciones, de las presiones y represiones, de las manipulaciones y recuperaciones, espacio destructor de la naturaleza y del cuerpo— no logra neutralizar a su íntimo enemigo”.⁸⁶ Em outro texto, de acordo com Lefebvre, seria “Impossível pensar a cidade e o urbano modernos enquanto obras (no sentido amplo e forte da obra de arte que transforma seus materiais), sem primeiramente concebê-los como produtos”.⁸⁷

Personagens como Benjamin Costallat estavam enquadrados como produtores de valores de seu tempo. Para Victor Melo, “o Rio de Janeiro tornou-se, durante muitos anos, uma caixa de ressonância, disseminando pelo país as ideias e símbolos relacionados à modernidade, inclusive àquilo que se refere à prática esportiva”.⁸⁸ Desse modo, um problema

⁸¹ COSTALLAT, Benjamim, 1897 – 1961 **Mistérios do Rio**/ Benjamim Costallat – Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoriação, 1990. 108 p. – (Biblioteca Carioca, v. 14).

⁸² Costallat, *Op. Cit.*, 1990, p. 75-76.

⁸³ Sobre o uso do conceito de “complexos industriais”, ver: PIRES, Isabelle Cristina da Silva. **Entre teares e lutas**: relações de gênero e questões etárias nas principais fábricas de tecidos do Distrito Federal (1891-1932). 2018. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, 2018.

⁸⁴ RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Boitempo, 2015.

⁸⁵ LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.a.

⁸⁶ “o espaço mental - o espaço das reduções, das prisões e repressões, das manipulações e recuperações, espaço destruidor da natureza e do corpo - não alcança neutralizar o seu inimigo íntimo”. [Lefebvre, *Op. Cit.*, 2013, p. 386, tradução livre].

⁸⁷ LEFEBVRE, Henri. Prefácio: a produção do espaço. Estudos **Avançados**, [S.l.], v. 27, n. 79, p. 123-132, 2013.b., p. 125.

⁸⁸ MELO, Victor Andrade de. “Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro”. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos 19 e 20**. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010, p. 21.

emerge, tal qual, “o monstro insaciável” que era a cidade do Rio de Janeiro de Costallat.⁸⁹ Todavia, ao longo do trabalho, mostraremos como a circulação dos jogadores de futebol atestam mais um fluxo fluido do que, propriamente, dois pólos separados. Porque os subúrbios, como a localidade de Bangu, não possuía uma iluminação estonteante, luxo ou *art nouveau*, não estava em conformidade com o ideário da *Belle Époque*.⁹⁰ Nessa direção, pleiteia-se a possibilidade de observar o bairro de Bangu e as suas associações e clubes, sobretudo o Bangu A.C, como produto de um processo histórico que se diferencia no mundo moderno carioca ao mesmo tempo em que o conecta. Diante deste cenário, afirmamos que o Bangu A.C pode ser tratado por várias dimensões. Não apenas de forma bilateral consagrada pelo modelo centro/periferia.⁹¹

No primeiro capítulo de sua obra, Mário Filho, afirmou que “o Bangu abria as portas para todo mundo. A arquibancada e a geral se confundiam”.⁹² Segundo o autor, seria esse mais um elemento de distinção em relação a clubes como o Fluminense F.C e o Botafogo F.R. Pois, nestes dois clubes, “só gente fina”.⁹³ Filho, nessa investigação, tornou-se uma fonte para refletir sobre as representações postuladas às associações esportivas. Estas, analisadas de forma crítica, servem como pontos de interpretações não apenas do futebol, mas da cidade do Rio de Janeiro, no princípio do século XX, também. Conforme postulou Matthew Taylor, o contexto e o momento histórico são a chave para compreender a aceitabilidade da prática esportiva em diversos locais.⁹⁴ Nessa direção, de acordo com Victor Melo, os clubes de futebol no Rio de Janeiro estariam inseridos em uma conjuntura de construção do imaginário moderno.⁹⁵ Ainda segundo Melo, o próprio conceito de *Sport* contém a sua própria historicidade e compreendê-la foi fundamental para entender o futebol como lazer das elites, um passatempo lúdico da burguesia que, com o tempo, foi se popularizando, sempre em disputa, em uma sociedade capitalista.⁹⁶

No ano de 2020 saiu no jornal *O Globo*, uma reportagem que abordava os 30 clubes do Estadual que acabaram sumindo do mapa.⁹⁷ Tal reportagem reside precisamente na sua

⁸⁹ Costallat, *Op. Cit*, 1990, p. 75.

⁹⁰ Sobre a *Belle Époque*, ver: Chalhoub, 2012.

⁹¹ Fernandes, 2011.

⁹² Filho, *Op.Cit*, 2010, p. 42.

⁹³ Filho, *Op.Cit*, 2010, p. 43.

⁹⁴ Para isso, o autor demonstra os locais onde o *Football Association* não vingou. Ver: Taylor, *Op. Cit*, 2017, p. 15.

⁹⁵ MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer: conceitos**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

⁹⁶ Sobre a historicidade do conceito de *Sport*, ver: Melo, 2010. Sobre a popularização do jogo, ver: Pereira, 2000; Malaia, 2010.

⁹⁷ As equipes mapeadas na reportagem e seus respectivos bairros, são: Andarahy (Andaraí), Brasil (Urca), Mangureira (Tijuca), Vila Isabel (Vila Isabel), Syrio e Libanez (Tijuca), Riachuelo (Riachuelo), Palmeiras (São Cristóvão), Confiança (Aldeia), Mavilis (Caju), Modesto (Quintino), Niterói (Niterói), Football&Athletic

capacidade de explorar os arquétipos que envolviam e envolvem ainda os interessados nas temáticas acerca dos clubes de fábrica, os clubes da fábrica e aqueles fundados por operários.⁹⁸ Ainda que o jornalista, do *O Globo*, não faça essa distinção que conceitualmente contém enorme diferença, sua reportagem possibilitou a reflexão dos clubes como possíveis espaços para formação de redes de uma classe.⁹⁹ Dentre os clubes elencados, com exceção do Hellênico e do S.C Americano que localizaram-se em região central, parte considerada das agremiações estavam situadas em regiões suburbanas da Capital. Conectadas, em sua maioria, por linhas férreas e de bondes.

Sobre os trens e os bondes, segundo Nelson da Nóbrega Fernandes, “é preciso, antes de tudo, desnaturalizá-los. Isto é, não tratá-los segundo significações que lhe deram *a posteriori*: o bonde “fazendo” a zona sul para a elite e setores médios, o trem (...) para o proletariado”.¹⁰⁰ De acordo com Carlos Molinari, a Companhia Progresso Industrial estava apenas a “31 quilômetros do centro da cidade e do porto do Rio de Janeiro”.¹⁰¹ De forma comparativa, “essa distância significava apenas uma hora de trem – quase o mesmo tempo que se levava da Gávea ou da Tijuca até o Centro pelo sistema de bondes”.¹⁰² Parcelas dos personagens dessa pesquisa executavam a “romaria para o Rio de Janeiro”.¹⁰³ No caso dos habitantes de Bangu, não só para trabalhar, mas, também, praticar esportes, jogar futebol.

Em manchete de 1930, “O Bangu vem á cidade”, publicada pelo *Jornal dos Sports*, periódico de tiragem diária, foi possível compreender as naturalizações promovidas pela imprensa na época.¹⁰⁴ Conforme Bernardo Buarque de Hollanda, o *Jornal dos Sports* “beneficiou-se do fato de estar situado na capital da República, vórtice político-institucional

(Andaraí), Haddock Lobo (Tijuca), S.C Americano (Vila Isabel/Lapa), Hellênico (Centro), Americano F.C (Engenho de Dentro), Campo Grande (Campo Grande), Independência (Vila Isabel e Méier), Fluminense (Nova Friburgo), Progresso (São Francisco Xavier), Ramos (Ramos), São Paulo-Rio (Botafogo), Esperança (Bangu), Fidalgo (Madureira), Metropolitano (Méier), Everest (Inhaúma), Cattete (Catete), Germânia (Jardim Botânico), Internacional (Botafogo), Paulistano (Botafogo). Ver: *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 jan, 2020, p. 26.

⁹⁸ O clube de fábrica é aquele criado por operários, mas que conta com promoção, desenvolvimento e atuação da fábrica na promoção do time. De caráter mais “paternalista”. Logo, são equipes/ times que negociam com seus patrões por meio do esporte. O clube da fábrica é aquele criado, difundido e organizado pela própria fábrica. Este seria o caso do Bangu A.C. E, por fim, os fundados por operários não estabelecem nenhum vínculo paternalista ou de relação com o local de trabalho. São agremiações a parte do universo do trabalho embora esteja em consonância.

⁹⁹ Savage, 2011.

¹⁰⁰ Fernandes, *Op.Cit*, 2011, p. 99.

¹⁰¹ Molinari, *Op.Cit*, 2015a, p. 16.

¹⁰² Molinari, *Op.Cit*, 2015a, p. 16.

¹⁰³ Costallat, *Op. Cit*, 1990, p. 79-80.

¹⁰⁴ “Ô Bangu vem á cidade”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 22 mar, 1931, p. 2.

do país”.¹⁰⁵ Portanto, o olhar do periódico, há época sob gerência de Argemiro Bulcão, construía uma narrativa de que o Bangu A.C estaria apartado da cidade.¹⁰⁶

Sobre os trens, segundo Cristiane Miyasaka:

Em 1907, de acordo com informações encontradas no livro *Memória Histórica da Estrada de Ferro Central do Brasil*, a passagem de ida e volta, na 2ª classe de “trens do subúrbio”, era de \$300.65. Desse modo, o valor mensal gasto com transporte caía para 7\$800. Segundo dados da estatística industrial, desse mesmo ano, o salário mínimo diário de homens e mulheres que trabalhavam em fábricas de tecido de algodão, era de 3\$400 e 2\$500, respectivamente. Isso significa que a despesa com transporte correspondia a 8,8% e 12% de seus rendimentos diários.¹⁰⁷

As estações ferroviárias eram pontos de encontro. No entanto, também eram locais de acontecimentos do cotidiano como, por exemplo, acidentes como o caso de Isael Sepulveda, policial militar de 25 anos, que teve seu braço e perna esmagados pelo trem.¹⁰⁸ Essa reportagem, do periódico *A Batalha*, data do dia primeiro de janeiro de 1930. Ao final do mês, segundo o mesmo jornal, as linhas férreas registraram mais três vítimas. Renato Demetrio, se acidentou em Madureira.¹⁰⁹ Outro caso foi o de Clodomiro Monteiro de Queiroz, de 7 anos, que sofreu um acidente perto da estação de Magno. Voltando para casa, o lavrador João Antônio Caire caiu do trem perto da estação de Bangu.¹¹⁰ Segundo o periódico *Jornal do Brasil*, o lavrador se acidentou tentando acessar um trem em movimento.¹¹¹

Para Lefebvre, o urbanismo possui uma ideologia própria que homogeneiza, fragmenta e hierarquiza o espaço.¹¹² A partir da leitura de Bernard Le Petit, compreendeu-se que os historiadores não deram “aos usos sociais da cidade a mesma atenção classificatória que se dedicou às formas urbanas”.¹¹³ De igual forma, não olhamos para o espaço de forma equivalente com que tratamos a memória. Hoje, várias destas fábricas que anexaram à vida fabril espaços desportivos, de lazer, onde praticaram o futebol, tornaram-se shoppings,

¹⁰⁵ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. “O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980”. BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012.

¹⁰⁶ Segundo Hollanda, “o *Jornal dos Sports* surgiu em 1931 como o primeiro diário exclusivo de esportes no Brasil. Seus fundadores foram Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, que em 1936 venderam-no para o jornalista Mário Filho”. Ver: Hollanda, *Op. Cit*, 2012, p. 81.

¹⁰⁷ MIYAKASA, Cristiane Regina. **Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma** (Rio de Janeiro, 1890 – 1910) Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011, p. 40.

¹⁰⁸ “Acidente na estação de Bangu”. *A Batalha*, Rio de Janeiro, 1 jan, 1930, p. 2.

¹⁰⁹ “Tres victimas dos trens”. *A Batalha*, Rio de Janeiro, 28 jan, 1930, p. 3.

¹¹⁰ Idem. Nota 108.

¹¹¹ “Outro que caiu do trem”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jan, 1930, p. 11.

¹¹² Lefebvre, *op.cit*, 2013.a, p. 44.

¹¹³ LEPETIT, Bernard. **Por uma nova História Urbana**. Org. Heliana Angotti Salgueiro. Trad. Port. Cely Arena. São Paulo: Edusp, 2001, p. 140.

hipermercados e etc. O espaço em que se situava a fábrica Bangu, por exemplo, virou o Shopping Bangu.¹¹⁴ A estrutura permanece no mesmo local postulando aquilo que Le Petit chamou de “realidades sobrepostas umas às outras”.¹¹⁵ Essa realidade, ao fim e ao cabo, escamoteia o poder:

A critique could be carried out of this devaluation of space that has prevailed for generations. Space was treated as the dead, the fixed, the undialectical, the immobile. Time on the other hand, was richness, fecundity, life, dialectic. If one started to talk in terms of space that meant one was hostile to time. It meant, as the fools say, that one "denied history," that one was a "technocrat." They didn't understand that to trace the forms of implantation, delimitation, and demarcation of objects, the modes of tabulation, the organisation of domains meant the throwing into relief of processes-historical ones, needless to say-of power.¹¹⁶

Ao colocar em perspectiva as transformações urbanas que ocorriam, a alguns quilômetros dali, no Rio de Janeiro, autores como Sidney Chalhoub optaram por apreender o espaço urbano, mesmo que não tenha sido seu objetivo, em diálogo/ disputa entre ideologias higienistas e “um grupo social formado à margem da sociedade civil”.¹¹⁷ Percebe-se que na cidade moderna, a partir do século XIX, a rua é um espaço de circulação onde a ordem tem de se impor. E se existiam tentativas de imposição é porque havia resistência. Por trás de um ambiente que se dizia moderno, reformas podem ser lidas pela via do tripé pobreza-doenças-perigos social, segundo Bresciani.¹¹⁸ No contexto de um Rio de Janeiro europeizado, “Cidade-capital da República Velha”, os subúrbios passariam, no alvorecer do século XX, a ser estigmatizados por, dentre alguns fatores, abrigar a maior parte da população pobre expulsa da cidade do Rio de Janeiro.¹¹⁹

¹¹⁴ No final do século XIX e grande parte do XX, as fábricas, e não foi diferente na Fábrica Progresso Industrial do Brasil, criaram e transformaram o arcabouço urbano sendo produzido socialmente, economicamente e politicamente. Por sua vez, a realidade da fábrica Bangu, assim como várias outras espalhadas pelo Rio de Janeiro e Brasil, foi afetada pelo processo de desindustrialização a partir das décadas de 1970 e 1980.

¹¹⁵ Lepetit, *Op. Cit.*, 2001, p. 146.

¹¹⁶ “Uma crítica pode ser feita a essa desvalorização do espaço que prevalece há gerações. O espaço foi tratado como o morto, o fixo, o não dialético, o imóvel. O tempo, por sua vez, era classificado pela riqueza, fecundidade, vida e dialética. Se falassem sobre o espaço, isso significava uma hostilidade ao tempo. Quer dizer, como afirmavam os tolos, que “negavam a história”, que se tratava de um “técocrata”. Não entendiam que trazer as formas de implantação, delimitação e demarcação dos objetos de estudo, os modos de tabulação, a organização dos domínios significava aliviar os processos - históricos, desnecessários afirmar- de poder”. [FOUCALT, 1980, p. 70 *Apud* RODMAN, 1992, p. 640, tradução livre].

¹¹⁷ CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996, p. 20.

¹¹⁸ BRESCIANI, M. S. M. “A cidade e o urbano: experiências, sensibilidades, projetos”. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 63–94, 2014. DOI: 10.20396/urbana.v6i1.8635293. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635293>. Acesso em: 8 abr. 2022.

¹¹⁹ NEVES, Margarida de Souza. “Uma capital em trompe l’oeil. O Rio de Janeiro, cidade-capital da República Velha.” IN MAGALGI, Ana Maria et al. **Educação no Brasil. História, cultura e política**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, pp. 253-286.

Não foi possível entender o Bangu A.C sem entender o mundo urbano, o mundo dos trabalhadores e da cidade do Rio de Janeiro. A introdução e ação da Companhia Progresso Industrial do Brasil na construção de um bairro operário e no pioneirismo da fábrica na promoção da prática desportiva foi lida por alguns historiadores como o “paradigma Bangu”.¹²⁰ O seu sucesso teria influenciado a reprodução de estilo por outras fábricas fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo.¹²¹ De igual forma, é um estimulante objeto de estudo para a história social, pois estamos tratando do primeiro clube de futebol do Rio de Janeiro, que se tem fontes, a permitir a entrada de operários, sendo um deles negro, em 1905.

Com isso, destaca-se que se atentar a um país, uma cidade, um bairro, uma associação recreativa/esportiva ou uma rua, exige certa sensibilidade para compreender o complexo contexto de formação de determinado lugar. Por isso, justifica-se a necessidade de disponibilizar ao leitor como um empreendimento capitalista criou a Fábrica, o bairro, um senso de coletividade e agremiações esportivas e de lazer.

1.2 QUANDO A FÁBRICA CRIA O BAIRRO

No ano de 2020, o Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos publicou um livro sobre a fazenda Bangu resgatando um pouco do passado da região pré-fábril. Por meio da obra tornou-se possível descobrir que dentro do local denominado de freguesia de Nossa Senhora do Desterro do Campo Grande ou freguesia de Campo Grande, existia em 1774 um “engenho chamado Bangu”.¹²² Esse engenho também era chamado de fazenda Bangu e pertencia à Dona Anna Francisca de Castro e Moraes e Miranda.¹²³ Segundo Gracilda Alves, a freguesia de Campo Grande teria sido fruto do desmantelamento da freguesia de Irajá e do termo de Jacarepaguá.¹²⁴

¹²⁰ STÉDILE, Miguel Enrique. **Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre**. 2011. 180f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

¹²¹ STÉDILE, Miguel Enrique. “Sob a sombra de chaminés: clubes de futebol operário em Porto Alegre na primeira metade do século XX”. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - AMPUH, 14., 2018, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ANPUH-RS, 2018. Disponível em: http://www.eeh2018.anpuhrs.org.br/resources/anais/8/1529944266_ARQUIVO_MiguelEnriqueStedile.pdf. Acesso em: 29 out. 2021.

¹²² SILVA, Paulo; NETO, Benevenuto. **Fazenda Bangu: a jóia do sertão carioca**. Rio de Janeiro: Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos, 2020, p. 75.

¹²³ Silva; Neto, *Op. Cit*, 2020, p. 73.

¹²⁴ SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. **Bangu 100 anos: a fábrica e o bairro**. Rio de Janeiro: Sabiá Produções Artísticas, 1989.

A fazenda ou “fábrica-fazenda”, foi o primeiro arranjo espacial identificado por Márcio Piñon de Oliveira.¹²⁵ Segundo o geógrafo, alguns fatores foram considerados pela Companhia Progresso Industrial do Brasil para a escolha do local. Uma delas foi a abundância de mananciais, como os rios da Prata e o Guandu, as estruturas do espaço rural já existentes na região, assim como, a Estrada de Ferro D. Pedro II que, após a proclamação da República, se chamaria Estrada de Ferro Central do Brasil. Outro elemento indispensável elencado por Márcio Piñon foi o aproveitamento da estrutura rural, em especial, a construção de um novo engenho, a partir do antigo, potencializando, assim, a produção de alimentos.¹²⁶ Deste modo, a configuração rural passaria a coexistir, em um primeiro momento, com a estrutura fabril.

Em sua dissertação de mestrado, Carlos Molinari, esclarece que “a água era um componente imprescindível para as indústrias têxteis nas sessões de branqueamento, tinturaria, estamparia, para o resfriamento das máquinas e manutenção da temperatura”¹²⁷. E essa foi uma das razões pelas quais, segundo o autor, se adquiriu “as Fazendas do Bangu e do Retiro, os Sítios do Agostinho e dos Amarais (que faziam parte da Fazenda Guandu do Sena), além das cachoeiras do Fundão e do Agostinho (...)”.¹²⁸ Não obstante, vale ressaltar que o engenheiro Henrique de Morgan Snell, responsável por levantar o novo projeto na região, teria tido, como primeira opção, construir o empreendimento no subúrbio da Tijuca, região que seria mais perto da fábrica Confiança, a primeira do Rio de Janeiro, localizada em Vila Isabel.¹²⁹ De acordo Piñon, a fábrica Bangu fez parte de um “surto urbano” que, diferente de vários outros empreendimentos, seu edifício desenvolveu-se na área rural.¹³⁰ Ainda em sintonia com Piñon, a força de trabalho da época seria formada por imigrantes europeus e de ex-escravos da região cafeeira do Vale do paraíba.¹³¹ Além disso, Gracilda Alves, assinala que a “Companhia passou então a desenvolver uma política de compra de novas áreas, objetivando proteger os mananciais existentes (...) e ampliar as áreas florestais que os cercavam”.¹³² Conforme foi possível identificar no trabalho de Alves,

¹²⁵ OLIVEIRA, Márcio Piñon. “Quando a Fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de Janeiro”. **Scripta Nova**, v. 10, n. 218 (51), 2006. Depósito Legal: B. 21. 741-98. ISSN 1138-9788. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-51.htm>. Acessado em: 9 jan. 2022.

¹²⁶ Idem. Nota 125.

¹²⁷ Severino, *Op. Cit*, 2015a, p. 15.

¹²⁸ Idem. Nota 127.

¹²⁹ Severino, *Op. Cit*, 2015a, p. 15.

¹³⁰ Idem. Nota 125.

¹³¹ Idem. Nota 125.

¹³² Alves, *Op. Cit*, 1989, p. 22.

Projetada para produzir morins e chitas, já em 1893, no início de seu funcionamento, foram contratados pela fábrica técnicos ingleses especializados em têxteis que vieram dirigir suas principais seções, com o objetivo de assegurar a produção (...).¹³³ Ainda em 1894, a Companhia iniciou a exportação de seus produtos para outros estados brasileiros. Como estratégia de vendas, os estados foram divididos em dois blocos, os do Norte e os do Sul. Para percorrer os primeiros, foi contratado um caixeiro-viajante, que cobria a área da Bahia até o Pará e, para suprir os do sul, havia um agente comercial com escritório em Porto Alegre. Em ambos os casos, os contatos com a Companhia eram feitos por mar.¹³⁴

A fundação da Companhia Progresso Industrial do Brasil data do dia 6 fevereiro de 1889. Vale referenciar que a abolição da escravidão foi no dia 13 de maio de 1988. E, ao final do ano corrente, seria proclamada a República por um movimento militar no dia 15 de novembro de 1889. No meio deste momento de intensas mudanças institucionais no Brasil, o encarregado da obra foi a Companhia De Morgan Snell. De acordo com Gracilda Alves, a fábrica foi levantada ao lado esquerdo da Estrada de Ferro Central do Brasil, nas terras da fazenda Bangu.¹³⁵ Ainda em conformidade com Gracilda Alves,

Na construção do prédio da fábrica, parte considerável do material utilizado foi trazido da Inglaterra: as colunas, vigas e calhas de ferro; os vidros, ladrilhos, tijolos e telhas. Todos os mecanismos para a fabricação de tecidos eram dos fabricantes Platt Brothers; os de alvejamento, tinturaria e estamparia, da Mather Platt; e os motores, de Bucley Taylor.¹³⁶

Segundo Molinari, a construção do empreendimento seguiu um padrão arquitetônico ao estilo “Britânica Manchesteriana”.¹³⁷ O estilo adotado na época pode ser visto, ainda hoje, na atual sede social do Bangu A.C. Conforme o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, o patrimônio cultural foi tombado de forma provisória em 1983 e definitiva em 1990.¹³⁸ Adicionalmente, a estrutura é semelhante às desenvolvidas na Inglaterra vitoriana, preparada para ocupação da classe trabalhadora.¹³⁹ Além dessas informações, a imagem disponível em anexo como figura 1 antes de ser a localização da sede social do Bangu A.C, era o local do antigo Cassino, inaugurado “no 1º de maio de 1907”, da Vila

¹³³ Thomas Donohoe, patrono do Bangu A.C, foi um dos imigrantes que chegaram ao Brasil para trabalhar no setor de tinturaria. Ver: Severino, *Op. Cit*, 2015a, p. 49.

¹³⁴ Alves, *Op. Cit*, 1989, p. 28.

¹³⁵ Alves, *Op. Cit*, 1989, p. 26.

¹³⁶ Alves, *Op. Cit*, 1989, p. 23.

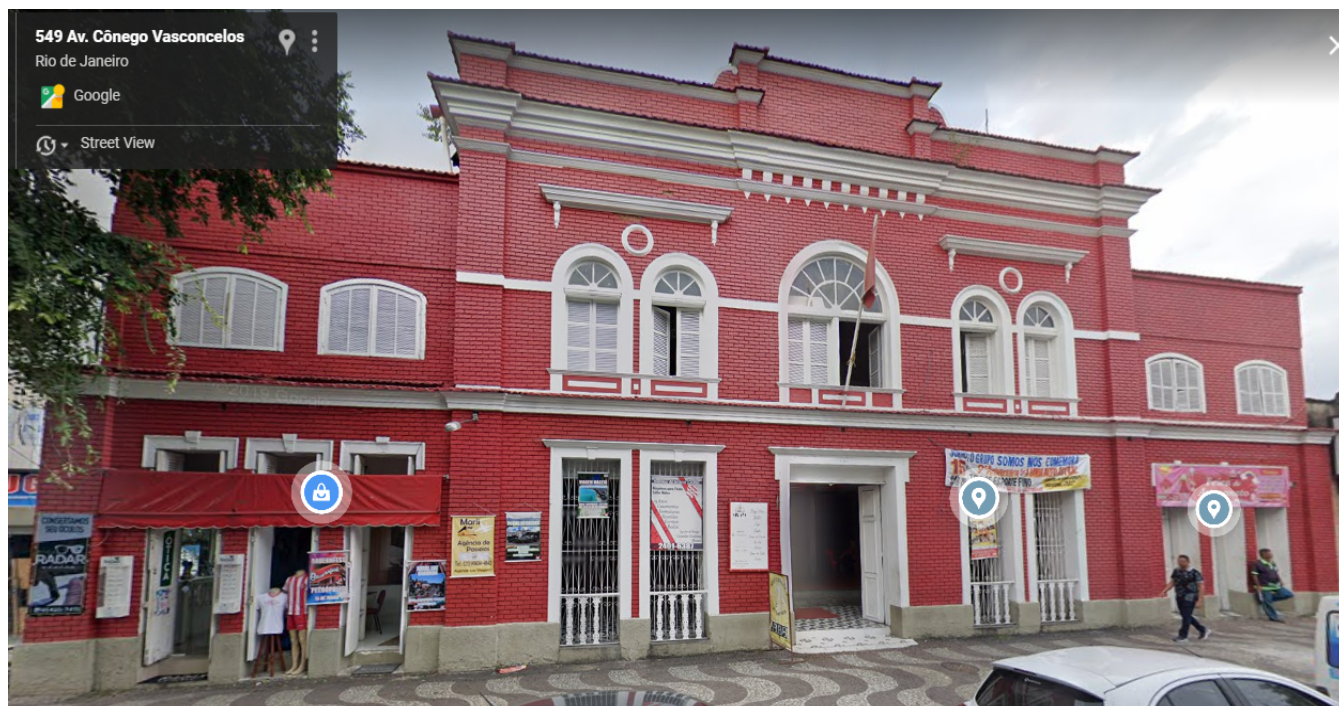
¹³⁷ Severino, 2015a, p. 16.

¹³⁸ Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC). http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/376. Acessado em: 15 maio. 2020.

¹³⁹ Que pode ser vista na **figura 1** na parte dos anexos.

Operária da Fábrica de Tecidos Bangu.¹⁴⁰ De acordo com Molinari, João Ferrer precipitou-se em relação ao Congresso Operário Brasileiro e inaugurou o Cassino em um dia histórico para os trabalhadores.¹⁴¹

Figura 1 – Fachada principal da atual sede do Bangu A.C. Antiga sede do Cassino Bangu.



Fonte: Google Maps¹⁴²

O *Jornal do Brasil* noticiou a inauguração do Cassino em sua coluna destinada às questões operárias.¹⁴³ Segundo a reportagem, o local foi “construído pelos próprios operários da Fábrica de Tecidos Progresso”.¹⁴⁴ Além disso, embora parte da coluna esteja ilegível, outra informação relevante presente no periódico, está no fato de que na época da abertura, “os operários das Pedreiras” estavam de greve devido a “muitas arbitrariedades”.¹⁴⁵ Não foi a primeira greve. Carlos Molinari, por exemplo, discorreu acerca da “greve geral” de 1903,

¹⁴⁰ Alves, *Op. Cit.*, 1989, p. 103.

¹⁴¹ Ainda hoje se celebra o Dia do Trabalho, em homenagem aos operários mortos em Chicago, nos Estados Unidos, no ano de 1886. Severino, *Op. Cit.*, 2015a, p. 144.

¹⁴² [Av. Cônego Vasconcelos, 549 - Bangu]: [Street view, do Google Maps]. 2019. Disponível em: [Av. Cônego Vasconcelos, 549 - Bangu](#). Acessado em: 15 de maio de 2020.

¹⁴³ “Cassino de Bangú”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 de mai, 1907, p. 3.

¹⁴⁴ Idem. Nota 143.

¹⁴⁵ Idem. Nota 143.

cujo objetivo era “a redução para oito horas diárias e o aumento de 40%” e contou com a participação do operariado de Bangu.¹⁴⁶

O Cassino da Vila Operária, para Márcio Piñon, foi mais uma “obra de arte” da modernidade capitalista produzida pela Fábrica Bangu. Antes, em característica similar, temos a estação de trem de Bangu essencial para a viabilização do projeto e em 1900 surge a “Cooperativa do Bangu” onde pode-se colocar à venda as produções agrícolas e os trabalhadores fabris poderiam trocar alimentos por desconto na folha de pagamento.¹⁴⁷ Em 1904 surge, anexo à fábrica, um armazém de compra e venda de produtos e aos poucos vai se implementando o complexo industrial de Bangu. E, posteriormente, se inicia um projeto de loteamento da região promovendo a ocupação territorial.¹⁴⁸

Aos poucos, como mostra Piñon, a “fábrica-fazenda” foi se tornando “cidade-fábrica”.¹⁴⁹ Segundo Carlos Molinari em artigo sobre o uso de mão de obra infantil na Companhia Bangu, a fábrica empregou desde o começo mão de obra infantil sob a forma de enaltecimento do perfil social que o empreendimento adquirira e filantropia.¹⁵⁰ De acordo com o pesquisador seriam ao todo “205 meninos que trabalhavam na Fábrica Bangu, e que representavam 17% da mão de obra empregada”.¹⁵¹ Ainda conforme presente no trabalho de Molinari, em dados de 1890 constam registros de na freguesia de Campo Grande, em que estava situado Bangu, “viviam apenas 15.947 pessoas, dentre 14.899 brasileiros (93,5%) e 1.048 estrangeiros (6,5%)”¹⁵². De acordo com fontes apresentadas no trabalho de Gracilda Alves, seriam ao todo 50 famílias italianas, 50 portuguesas, 10 inglesas e outras nacionalidades. Embora Molinari questione os números apresentados por Alves, se torna possível destacar que, na virada do século XIX para o XX, já se tratava de um local multiétnico ou “plurinacional”, como destacou Gustavo Silva.¹⁵³ De toda forma, o espaço sob controle da fábrica passaria por um crescimento populacional tão grande que a Companhia

¹⁴⁶ Severino, *Op.Cit*, 2015a, p. 128-129.

¹⁴⁷ Oliveira, 2006.

¹⁴⁸ Idem. Nota 125.

¹⁴⁹ Idem. Nota 125.

¹⁵⁰ SEVERINO, Carlos Molinari Rodrigues. “Menores dentro da indústria têxtil: uma análise da Fábrica Bangu durante a Primeira República”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 11.; CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS, 12.2015, Vitória, ES. *Anais[...]* 14 a 16 de setembro de 2015b. [Vitória: s.n.], 2015b. p. 16. Disponível em: http://www.abphe.org.br/arquivos/2015_carlos_molinari_severino_menores-dentro-da-industria-textil-uma-analise-da-fabrica-bangu-durante-a-primeira-republica.pdf. Acesso em: 20 abril. 2020.

¹⁵¹ Severino, 2015b, p. 15.

¹⁵² Severino, 2015a, p. 20.

¹⁵³ SILVA, G. S. **Os Proletários da Bola: The Bangu Athletic Club e as lutas de classes no futebol da Primeira República (1894-1933)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. V. 1. 220p.

adotou uma nova estratégia, que resultou no aumento do número de “vigias” que observavam e controlavam os operários.¹⁵⁴

Para Paulo César dos Reis, o Cassino e a Igreja de Santa Cecília se misturam ao estímulo do arrendamento de terras que formariam a vila Operária “mantendo a mesma estética construtiva, dando uma conotação de conjunto (...) que traz um sentido de pertencimento ao lugar: espaço do trabalho, da moradia, do lazer e da vida como um todo”.¹⁵⁵ O local crescia e a demanda por novas residências aumentava. De acordo com Roberto Assaf:

Com a rápida expansão interna e externa da indústria, logo abriram-se outras duas ruas, a Estêvão, nome do então presidente da fábrica, Estêvão José da Silva; e a Fonseca, em homenagem ao diretor Manuel Moreira da Fonseca. Foi nessas ruas que começou a ser erguida uma vila residencial para técnicos e operários, com 95 casas, concluída em 1892.¹⁵⁶

Muitas dessas casas ficavam perto da sede do Bangu A.C.¹⁵⁷ As residências localizadas na rua Ferrer possuíam dois quartos, duas salas grandes, uma cozinha, um banheiro, área com tanque nos fundos e um quintal. Ao menos é essa a descrição de Murilo Guimarães, antigo morador da casa nº 136, da rua Ferrer.¹⁵⁸ A rua era arborizada com pés de Oiti e tamarindeiros, lampiões distribuídos ao longo da larga via levavam até a igreja de Santa Cecília e São Sebastião.¹⁵⁹ Guimarães, afirma: “Para todos nós, meninos e meninas da minha geração e da geração anterior foi um imenso privilégio viver naquela rua”.¹⁶⁰ Em 1933 Murilo tinha 4 anos. Logo, sua infância teria sido ao longo da década de 1930. Porém, bem antes, como foi possível ler na dissertação de Carlos Molinari, consta uma crônica do poeta Olavo Bilac que tecia generosas palavras ao bairro operário:

Passei ontem o dia numa cidade que pouca gente conhece. É a cidade do Bangu, a uma hora de viagem do Rio de Janeiro. Verdadeira cidade, pela sua extensão, pela

¹⁵⁴ Severino, 2015a, p. 224.

¹⁵⁵ REIS, Paulo César dos. A vila operária e a estrada de ferro: no entre-lugar das territorialidades da cidade Rio (1889-1917). In: XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias. **Anais**. ISBN: 978-85-65957-10-6, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1532099682_ARQUIVO_AVilaOperariaeaeEFDPIItext_oanpuh.pdf. Acessado em: 10 jan. 2022, p. 4.

¹⁵⁶ ASSAF, Roberto. **Bangu**: bairro operário, estação do futebol e do samba. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 16.

¹⁵⁷ Na década de 1970, o bairro de Bangu passou por uma intensa transformação urbana. Neste período, o bairro foi rompendo seu vínculo com o passado. As casas construídas com o mesmo tipo de tijolos que a fábrica, assim como, a escola Martins Júnior, fundada em 1905, seriam demolidos para que estes espaços tenham novas funcionalidades. Ver :*O Globo*, Rio de Janeiro, 5 dezembro, 197, p. 12.

¹⁵⁸ GUIMARÃES, Murilo. **Uma rua chamada Ferrer**. Editora: Compolaser Editoração Eletrônica Ltda. Rio de Janeiro, 1996.

¹⁵⁹ Guimarães, *Op. Cit*, 1996, p. 5.

¹⁶⁰ Guimarães, *Op. Cit*, 1996, p. 5.

sua população, pela sua vida intensa e vibrante. O Bangu tem duas escolas, um cassino, um teatro, um parque, um campo de futebol, - e, para tudo dizer, dois automóveis! Há por aí muitas cidades que não possuem tanta coisa... Dos seis mil habitantes do Bangu, três mil são operários. A grande fábrica de tecidos, talvez a maior do Brasil, foi a criadora de todo aquele progresso.¹⁶¹

A rua Ferrer, atual rua Cônego Vasconcelos, foi na primeira metade do século XX, um local de lazer, cultura (com dois cinemas) e bailes que incluíam jogos e eventos religiosos.¹⁶² Segundo reportagem do jornal *O Globo*: “Era, com certeza, o endereço mais importante de Bangu, pois ia da Estação Ferroviária até o sopé da serra de Bangu”.¹⁶³

Para Reis, a primeira fase da Companhia duraria 25 anos.¹⁶⁴ Aos poucos os tecidos passaram a adquirir notoriedade internacional¹⁶⁵ e gradualmente foi se formando uma cultura local de recreativismo. A primeira a surgir no bairro foi a Sociedade Musical Progresso de Bangu, em 1892. No ano de 1895, com uniformes doados pela fábrica e com 30 integrantes, a Associação se tornaria a Banda de Música dos Operários da Fábrica Bangu.¹⁶⁶ No ano de 1904 surgiu na rua Estevão nº12 um quadro social voltado para a prática física de esportes chamados: *The Bangu Athletic Club*.

1.3 QUANDO A COMPANHIA CRIA O CLUBE: BANGU E O FUTEBOL PROLETÁRIO

“Areguap, guap! guap! Areguap, guap! guap! Hurrah! Hurrah! Parabolo! Bangu!”¹⁶⁷ Foi com fonemas, como o visto acima, que o cronista João do Rio abriu mais um de seus registros da vida cotidiana na sede do Fluminense F.C no ano de 1905. Dentre os convidados presentes no domingo, estavam os *sportman* do Bangu A.C que disputaram uma partida de futebol usando camisas “sangue de boi”¹⁶⁸ contra os do Fluminense F.C usando camisa riscada.

¹⁶¹ “Diário do Rio”. *Correio Paulistano*, 1 de maio de 1908, p.1. Apud SEVERINO, 2015a, p. 152.

¹⁶² Informações retiradas da seguinte reportagem, ver: “Em Bangu, a agitação tem endereço certo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1994, p. 5.

¹⁶³ “Em Bangu, a agitação tem endereço certo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1994, p. 5.

¹⁶⁴ Reis, *Op. Cit*, 2018, p. 5.

¹⁶⁵ Em 1908 houve a Exposição Nacional, na região da Urca, no Rio de Janeiro, em comemoração à abertura dos Portos para às Nações. A Fábrica de Tecidos Progresso Industrial do Brasil tinha o seu próprio pavilhão.

¹⁶⁶ Alves, *Op. Cit*, 1989, p. 102.

¹⁶⁷ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 junho. 1905, p.1.

¹⁶⁸ A camisa do Bangu A.C é tradicionalmente alvirrubro. Ou seja: vermelha e branca. Por isso, João do Rio se referiu a camisa do Bangu como “sangue de boi”. Na crônica esportiva é comum encontrar referências a “mulatinhos” e “mulatinhos rosados”. Para efeito de curiosidade: as primeiras camisas do Fluminense F.C tinham uma coloração cinza com branco. Posteriormente a equipe adotaria a tricolor com as seguintes cores: verde, branco e grená.

O que despertou a atenção na crônica foi a forma como João do Rio realizou um esforço narrativo e se colocou como uma fonte que desbravava aquela novidade. Em constante interlocução com o seu guia que apresentou todas as instalações da nova sede social na rua Álvaro Chaves, João do Rio buscava entender que fenômeno era esse que fazia a “mocidade” soltar palavras em inglês.

No livro *De olho na rua*, a antropóloga Julia O'Donnell escolhe João do Rio como seu observador participante, um informante que, por meio das crônicas, logo da literatura, relata e compreende as diversas realidades urbanas.¹⁶⁹ Algo semelhante pode ser feito a partir da crônica citada, “O Foot-ball”.¹⁷⁰ É evidente a capacidade artística e estética do jornalista e sua sensibilidade para perceber as novidades do mundo urbano do começo do século XX que, paralelamente, colocam o *The Bangu Athletic Club* em um “logar saliente”.¹⁷¹ Indo além, simultaneamente, se torna possível identificar o praticar *Foot-ball* como um poderoso *status*, estilo de vida que passaria a emergir com mais intensidade na medida em que decorria mais e mais partidas pela cidade.¹⁷²

João do Rio mostra que o *foot-ball* era mais uma dentre outras atividades como, por exemplo: “fazer versus máus. Eram todos poetas aos quinze annos e usavam lunetas de myope”.¹⁷³ O único exercício, enunciado pelo o autor, em 1885, era a “capoeiragem”, mas “a arte de revirar rabos de raia e pregar cabeçadas era exclusiva de uma classe inferior”.¹⁷⁴ A crônica trata de um breve recorte que intercala o gozo da elite com as práticas subalternas. Os espaços urbanos vinham se transformando e recebendo novos “equipamentos de lazer e entretenimento” promovendo o destino de grupos de cidadãos em meio a práticas variadas.¹⁷⁵ Segundo Victor Melo:

Nos anos iniciais do século XX já estavam lançadas as bases e estabelecidos os sentidos básicos do que Nicolau Sevcenko chama de “febre esportiva” (1998); que vinha se desenvolvendo desde meados do século XIX. Naquela primeira década, outras práticas esportivas já estavam em processo de organização: atletismo, natação, polo aquático, ciclismo, equitação, esgrima, tiro ao alvo, tênis,

¹⁶⁹ O'DONNELL, Julia. **De olho na rua**: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

¹⁷⁰ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1905, p.1.

¹⁷¹ Idem. Nota 170.

¹⁷² O “*status*”, para Mike Savage, foi produzido historicamente pela modernidade. Neste momento, o “*status*”, deve ser compreendido como valor de distinção entre uma elite aristocrática e as camadas populares. Ver: SAVAGE, Mike. “Status, lifestyle, and taste”. In: **The Oxford handbook of the history of consumption**, 2012.

¹⁷³ Idem. Nota 170.

¹⁷⁴ Idem. Nota 170.

¹⁷⁵ SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”. **Revista USP** (dossiê futebol), jun.-ago. 1994, n. 22, pp. 30-37.

automobilismo e a prática que mais marcaria a cidade [do Rio de Janeiro] e o país, o futebol.¹⁷⁶

O jeito, segundo João do Rio, era exportar modismo, “cultivadas temporariamente com delírio”.¹⁷⁷

Em doze annos tivemos a nervóse da pelota basca, a hyperestesia da bycicleta, o entusiasmo das regatas e finalmente o foot-ball que se prepara agora para absorver todas as atenções. A mocidade dos patins e do cyclismo nos Velodromos, a mocidade admiravel dos clubs de regatas, fala só dos *matches* de *foot-ball*, de *goals*, de *shoots*, numa algarvia technica, de que resultam palavras novas no nosso vocabulario. E como a mocidade é irresistivel, eu visito o campo, como amanhã todo o Rio de Janeiro o visitará.¹⁷⁸

O trecho acima possibilitou fazer referência a uma noção de antropofagia tão comum aos modernistas que algumas décadas depois produzirão a semana de arte moderna de 1922. A prática do *foot-ball* era uma novidade que demarcava o novo ritmo da vida dos jovens abastados ingleses ou da elite. Em 1905, João do Rio já decretava que o “seu sucesso começa” e por isso seria interessante saber as suas origens.¹⁷⁹ O seu guia, que não foi possível saber de quem se tratava, esclarece: “nada mais fácil. Como sabe, há na Inglaterra dois generos de foot-ball, o Rugby e o Association. Este último mais moderno é o que indubitavelmente tem tido maior acolhimento noutros paizes”.¹⁸⁰ O guia, segundo João do Rio, demonstra felicidade ao mostrar a popularidade do jogo e evoca a final da “taça inglesa” em que houveram 130 mil pessoas presentes no estádio do Crystal Palace, reporta que tamanho público apenas em Yale, nos Estados Unidos.¹⁸¹ De acordo com Victor Melo, a abertura desses *clubs* para filhos brasileiros ou com ascendência, entre 1898 e 1902, foi importante para a popularização tanto do críquete quanto do futebol.¹⁸² Sendo assim, percebem-se sensíveis modificações tanto na formação de novos espaços de prática que, ao mesmo tempo, são de trocas e conexões culturais.

Ainda em relação à crônica de João do Rio, foi possível observar que o Bangu A.C não foi visto, em 1905, de forma hostil por aqueles que reivindicam o *status* e a distinção do ser praticante de futebol em detrimento dos trabalhadores e pobres, considerados

¹⁷⁶ MELO, Victor Andrade de. “Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro”. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos 19 e 20**. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010, p. 72.

¹⁷⁷ Idem. Nota 170.

¹⁷⁸ Idem. Nota 170.

¹⁷⁹ Idem. Nota 170.

¹⁸⁰ Idem. Nota 170.

¹⁸¹ Idem. Nota 170.

¹⁸² MELO, Victor Andrasede. “entre evidência e a especulação”: a “origem” do futebol no Rio de Janeiro e Niterói. Futebol”. In: GIGLIO. Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

desmoralizadoras da prática pelo fato de estarem inseridos em condições de extrema desigualdade e impiedosas condições de trabalho e vida. Portanto, trata-se de construção promovida na medida em que o jogo dissipou-se entre as camadas populares e indivíduos de origens populares e negros entraram no campo de jogo.

Por não ser do meio esportivo, pode-se evocar João do Rio como um indivíduo polifônico quando se trata de futebol, ao menos em 1905. Ele claramente estava fora do circuito local que representaria a especificidade daqueles que estavam inseridos nesse contexto de jogar, de fazer do futebol o seu lazer, em geral praticado pela elite. Equipes como o *Cricket & Athletic Association*, *Fluminense Football Club* e o *Paysandu Cricket Club* interligados por agrupamentos de indivíduos oriundos da Grã-Bretanha e famílias abastadas emulando aqui que Pereira chamou de “fidalgo *Sport*”.¹⁸³

Exemplos como os clubes citados acima, segundo Leonardo Pereira, foram determinantes para que surjam apoio por parte dos dirigentes da Fábrica Bangu na necessidade de fundar um clube voltado para a prática esportiva.¹⁸⁴ Em sua obra *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro –1902 a 1938*, Pereira discorre sobre as origens do Bangu:

A princípio, a direção da fábrica não parecia muito disposta a apoiar a iniciativa de seus empregados, que desejavam fundar um clube nos moldes daqueles que conheciam em seu país de origem. A imagem fidalga que clubes como o Fluminense iam construindo para o jogo parece, porém, ter mudado sua opinião.¹⁸⁵

Como vimos, a Companhia Progresso Industrial do Brasil organizaria o espaço sob seu domínio e de igual forma seria no clube. A matrícula para entrar na sociedade era 2\$000 e a mensalidade era 1\$000, com pagamento no dia 1º de cada mês. Estes valores não excluíam os trabalhadores de se associarem. Segundo Malaia Santos, a possibilidade de associação seria um importante vetor da popularização do clube e na inserção de operários que passam a frequentar as cercas, uma vez que não havia arquibancada, e outras atividades do clube como festas e orquestras de música.¹⁸⁶ O valor para associar-se ao Bangu não era abusivo ao levar em conta que um trabalhador do setor de fiação recebia 94\$800.¹⁸⁷ Por isso, torna-se possível considerar esses sujeitos praticantes de um novo hábito, uma vez que estão em consonância como produtores e consumidores de mercadorias esportivas. Com valores bem menores que

¹⁸³ Pereira, 1998.

¹⁸⁴ Pereira, *Op. Cit.*, 1998, p. 23-24.

¹⁸⁵ Pereira, *Op. Cit.*, 1998, p. 32.

¹⁸⁶ Santos, *Op. Cit.*, 2010, p. 39.

¹⁸⁷ LOBO, M. E.L, 1978, p. 97. Apud. SANTOS, 2010, p. 39.

os praticados pelos clubes da elite, o Bangu conseguiria agregar um maior número de funcionários da fábrica entre seus sócios.

Portanto, no espaço da Companhia temos o encorajamento da prática esportiva como elemento agregador da própria fábrica. Porém, para estes operários essas modalidades podem ser compreendidas como a possibilidade de consumo de bens sociais e culturais. Assim como, empregar a mão de obra qualificada para a prática física de alguns desportos. Pereira relembra que o Bangu tinha como uma de suas principais finalidades “a diversão do numeroso contingente de trabalhadores britânicos da empresa”.¹⁸⁸ O clube passaria a negociar com a Companhia instalações esportivas para que seus trabalhadores pudessem exercitar-se em seu local de trabalho industrial no começo do século XX. Waldenyr Caldas salienta que este lazer é limitado por algumas exigências administrativas, tais como: “desempenho profissional, o tempo de serviço e o comportamento pessoal”.¹⁸⁹

Nei Jorge dos Santos Junior trouxe uma importante contribuição ao identificar a distância geográfica como um fator importante para manutenção do controle da Companhia sob o seu território.¹⁹⁰ Esse ordenamento espacial não se limitaria apenas à fábrica, mas valeria, segundo o autor, para as associações. “Em Bangu, até pela distância geográfica, os clubes - dançantes ou esportivos - expressavam importantes elementos nas relações sociais estabelecidas entre sócios, moradores e trabalhadores”.¹⁹¹ Em outro artigo, Santos Junior, alerta para o fato de que a sede social do Bangu A.C, assim como o campo da agremiação, o campo de futebol da Rua Ferrer concluído em 1906, ficassem no terreno da companhia e, por essa razão, necessitava de autorização da fábrica para execução de competições, amistosos, torneios e demais atividades desportivas.¹⁹² O local que foi construído o estádio da Rua Ferrer, antes, segundo Mário Filho, teria sido “um jardim na fábrica, um gramado amplo de grama inglesa, aquela grama que faria do campo do Bangu o mais verde, o mais macio dos campos cariocas”.¹⁹³

Diante desse cenário, podemos afirmar que o próprio Bangu A.C e os indivíduos em posição de tomada de decisão do clube estavam sempre em negociação com a Fábrica. Uma

¹⁸⁸ Pereira, *Op. Cit.*, 1998, p. 33.

¹⁸⁹ CALDAS, Waldenyr. “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”. In: **Revista USP: Dossiê Futebol**, nº 22. São Paulo: EdUSP, 1994. p. 42-43.

¹⁹⁰ Santos, 2014.

¹⁹¹ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. **A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895 – 1929)**. 2017. Tese (Doutorado em Estudo do Lazer) – Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2017, p.9.

¹⁹² SANTOS JUNIOR, N. J. “Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910). **Record: Revista de História do Esporte**, v. 6, p. 1-19, 2013.

¹⁹³ Filho, *Op.Cit.*, 2010, p. 31.

ilustração deste caso foi a apresentada por Carlos Molinari em sua dissertação quando aborda o caso do jogador-operário Arlindo Barbosa que queria indenização da Companhia Progresso Industrial ao ter se lesionado em partida de futebol.¹⁹⁴

Torna-se importante relembrar que, no período trabalhado, a cidade do Rio de Janeiro se tornaria um laboratório de segregação social, cujo norte seriam as sociedades europeias. E isso reverbera em mecanismos de exclusão de indivíduos oriundos das camadas populares das competições esportivas. Vejamos a reportagem do dia 18 de maio de 1907 na *Gazeta de Notícias*:

Sabemos que o Bangú Athletic-club em data do 1 do corrente, officiou à Liga Metropolitana dos Sports Athleticos, desligando-se em vinculo de não convir ao mesmo glorioso club da conceituada Liga (...) O seguinte officio: “Communico-vos que a directoria da Liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não sejam registrados como amator nesta Liga as pessoas de côr”.¹⁹⁵

Então, o *The Bangu Athletic Club* que, em 1905, como vimos na crônica de João do Rio, frequentava a sede social do Fluminense F.C, completamente afeito à linguagem e costumes daqueles indivíduos, que, devido à origem dos mestres britânicos, mais se assemelhava com os *teams* do Paissandu, Rio Cricket, Botafogo e *Football and Athletic* se viu na necessidade de se retirar da Liga devido a questões raciais. Embora com possibilidade de conexão devido às origens ocidentais, o padrão de associação, como alerta Leonardo Pereira, continha a sua particularidade por frequentemente unir operários da mesma fábrica, geralmente habitantes do mesmo bairro.¹⁹⁶ Além do mais, segundo consta na Ata de fundação do clube que pode ser vista em Pereira, o trabalhador da Companhia Progresso Industrial do Brasil era uma característica essencial para tornar-se parte do quadro de associados da nova agremiação.¹⁹⁷ Francisco Carregal, tecelão da fábrica, foi o primeiro e único brasileiro do primeiro time que contava com cinco ingleses (Frederick Jacques, John Stark, Willian Hellowell, W. Procter e James Hartley), três italianos (César Bocchialini, Dante Delloco e Maffeo) e dois portugueses (Justino Fortes e Francisco de Barros).¹⁹⁸

Assim como Leonardo Pereira, Carlos Molinari chama atenção para o fato de que a Companhia Progresso Industrial do Brasil seria a principal interlocutora entre as diversas associações existentes no período.¹⁹⁹ Por isso, o *Bangu Athletic Club* pode ser entendido

¹⁹⁴ Severino, *Op.Cit*, 2015a, p. 178.

¹⁹⁵ “The Bangu Athletic Club”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 maio de 1907, p. 3.

¹⁹⁶ Pereira, 1998.

¹⁹⁷ Pereira, 1998.

¹⁹⁸ Disponível em: <https://www.bangu.net/informacao/livros.php>. acessado em 10/01/2020.

¹⁹⁹ Pereira, 1998; Severino, 2015a.

como um dos pontos de negociação entre a vida da fábrica e do lazer, mas também entre o mundo do trabalho e o urbano.

No ano vindouro, o Bangu A.C enfrentaria o Riachuelo com um time ainda mais multiétnico composto por:

Manuel Maia (negro brasileiro), Justino Fortes (português), Roldão Maia (branco brasileiro), Oscar Lemos (branco brasileiro), Segundo Maffeu (italiano), Oscar Villas Boas (branco brasileiro), César Bochialini (italiano), William Procter (escocês, mestre eletricista da fábrica), Andrew Procter (escocês, chefe do almoxarifado da fábrica), Francisco Carregal (negro brasileiro) e Francisco de Barros (português, porteiro da fábrica).²⁰⁰

Enquanto vários operários se associavam e iam para o cercado ao redor do campo, outros se firmavam no plantel do clube. Pereira, Nei Jorge Santos Junior e Molinari apontam em seus trabalhos uma relação conflituosa entre os próprios operários de distintas origens, entre manifestação de torcedores que, em sua maioria, eram operários da Fábrica, a defesa da laboriosa comunidade e o estabelecimento de sociabilidade entre estes indivíduos.²⁰¹ Por isso, esses pesquisadores pleiteiam que a exaltação desses torcedores serviu de retórica para os grupos dominantes formularem construções sociais sobre os habitantes “lá de cima”.²⁰² Tal qual, a construção disponível na obra de Mario Filho:

Quando o Bangu vencia, muito bem, não havia nada, o trem poderia voltar sem vidraças partidas. Quando o Bangu perdia, porém, a coisa mudava de figura. Os jogadores da cidade trancavam-se no barracão, o vestiário da época, não queriam sair, só com a polícia, os torcedores corriam para esconder-se no trem, deitando-se nos bancos compridos de madeira, enquanto as pedras fuzilavam, partindo vidros, quebrando cabeças.²⁰³

Em seu livro, Leonardo Pereira, postula que o evidente racismo ia contra os princípios éticos do Bangu A.C. Além do mais:

O mal estar crescente dos sócios de clubes como o Fluminense e o Botafogo com a presença dos operários do Bangu na Liga não era, entretanto, uma novidade. Ao longo do campeonato de 1906 várias foram as vezes que apareciam, nos jornais, reclamações contra “a muita distância que separa o Bangu do centro da cidade”, que obrigava os jovens estudantes do time adversário a sair no trem do meio-dia para seus jogos, perdendo seu dia de folga”.²⁰⁴

²⁰⁰ Disponível em: <https://www.bangu.net/informacao/livros.php>. acessado em 10/01/2020.

²⁰¹ Pereira, 1998; Santos Junior, 2014; Severino, 2015a, *Op. Cit.*, p. 168.

²⁰² Essas representações geográficas são bastantes comuns quando as crônicas envolvem equipes como Bangu A.C e Bonsucesso. Ver, como exemplo: “O Bangú quer mesmo enfrentar os vascaínos cá em baixo”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 25 de nov. 1931, p.3.

²⁰³ Filho, *Op. Cit.*, 2010, p. 42.

²⁰⁴ Pereira, *Op. Cit.*, 1998, p. 66.

Portanto, a entrada de jogadores como Francisco Carregal e Manuel Maia e outros de ofícios braçais no *The Bangu Athletic Club*, aponta para o início da subalternização da prática do futebol, no Rio de Janeiro. Um processo histórico, multidirecional, que fará do saber *Football Association*, suas especificidades, seus códigos e normas que, outrora, pertenciam aos grupos hegemônicos, passariam cada vez mais a se espalhar entre as classes baixas.

Nei Jorge dos Santos Junior e Victor Melo confirmam que os britânicos seguiram ao longo dos anos em funções de lideranças dentro da agremiação banguense.²⁰⁵ Em mesmo artigo apontam que enquanto no futebol o Bangu ia se distanciando dos valores civilizacionais que eram regados pelas forças dominantes, o críquete banguense continuou com prestígio. Pois, só praticavam os “sócios ingleses”.²⁰⁶ Embora o Bangu A.C tenha promovido, segundo Santos Junior, um alargamento simbólico no futebol carioca na primeira década do século XX, demonstrando, assim, “a força que a prática estabelecia entre os bairros pobres da cidade do Rio de Janeiro”²⁰⁷ não viria sem a resistência sistemática daqueles que viam na “côr” uma questão passível de exclusão. Apenas 19 anos separam o campeonato de futebol de 1907 da abolição da escravidão no Brasil.

A solução que saiu de dentro da Companhia Progresso Industrial do Brasil, sob tutela de João Ferrer, espanhol e à época diretor da Fábrica e presidente do clube, foi a criação de um campeonato local, denominado Taça Ferrer. Segundo Carlos Molinari,²⁰⁸ o campeonato teria contado com a presença de quatro equipes: Bangu A.C, Esperança F.C, Brasil A.C e Cascadura F.C. Dessas, apenas o Cascadura não era do bairro de Bangu e nem era composto por operários da Fábrica Bangu.²⁰⁹ Ao final da competição o Bangu sagrou-se campeão. Em 1911 ocorreu mais uma edição apenas com clubes do bairro e um título que veio ao Bangu A.C com quatro vitórias em quatro jogos.²¹⁰

No ano de 1909 o Bangu A.C voltou para a Liga, mas, segundo Carlos Molinari, devido a tomada de decisão em relação a anulação de um jogo do alvirrubro na rua Ferrer, os dirigentes esportivos decidiram abandonar novamente a competição.²¹¹ O regresso seria somente em 1911 quando sagrou-se campeão da segunda divisão. O clube ficou na primeira divisão até 1914, quando foi rebaixado novamente, e em 1915 foi campeão da segunda

²⁰⁵ MELO, Victor Andrade; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. “O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904-1912)”. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 23, p. 843-858, set. 2018, p. 849.

²⁰⁶ Melo; Santos Junior, *Op. Cit*, 2018, p. 854.

²⁰⁷ Santos Junior, *Op. Cit*, 2013, p. 11.

²⁰⁸ Idem. Nota 200.

²⁰⁹ Idem. Nota 200.

²¹⁰ Idem. Nota 200.

²¹¹ Idem. Nota 200.

divisão mais uma vez. No ano seguinte, voltou à elite do futebol da capital e acabou sendo vice-campeão. Em dados encontrados no trabalho de Gracilda Alves, o clube suburbano tinha um quadro de 700 sócios em 1921.²¹²

Em um dos episódios trabalhados em seu livro, Nei Jorge dos Santos Junior, se debruça sobre o jogo entre São Cristóvão e Bangu A.C, cujo árbitro do primeiro jogo, no campo do adversário do Bangu A.C, teria sido abusivamente parcial.²¹³ A consequência veio no jogo da volta, pois os operários estavam furiosos com direito à agitação nas arquibancadas, o que emularia emulou uma mobilização hostil contra os convidados. Na década de 1910, como mostra Leonardo Pereira, eram muitas as agremiações e associações esportivas que surgiam pela antiga capital.²¹⁴ Essa nova “mania” fazia ventilar entre os *sportman* a limitação ou controle de quem poderia ou não praticar esportes. Um dos símbolos dessas tentativas de limpeza das praças desportivas é o caso da revista *Sport* que, em 1915, afirmou: “É preciso seleccionar os elementos que jogam football na L.M de S.A”.²¹⁵ Tal episódio, com base em Santos Junior, elucida o fato de que a presente revista significava parcela da opinião pública ilustrada, elitista que, a partir da entrada de pessoas de camadas populares, passaram a enxergar na prática do “*sport* um suplício, um sacrifício, nunca uma diversão”.²¹⁶

No ano de 1917, com a crescente popularização do jogo, a liga alterou a sua nomenclatura para Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) e elaborou a Lei do Estágio que tinha como objetivo fazer os jogadores e clubes perderem o interesse na circulação de *players*, uma vez que outorgava-se a construção de uma Liga que visava o amadorismo aos moldes da elite excluindo, assim, todos os trabalhadores “abaixo do nível moral pelo amadorismo”, disponível no Art. 61 parágrafo J, incluindo na exclusão os mais variados ofícios e analfabetos.²¹⁷

Com os jogadores tendo que ficar um ano sem poder jogar no primeiro quadro, a chance de mudar de time e de receber o “bicho” decaiu. O caso da LMDT, no ano de 1917, foi rememorado quando o Bangu A.C recebeu a medalha Tiradentes no ano de 2001.²¹⁸

²¹² Alves, *Op. Cit*, 1989, p. 106.

²¹³ Santos Junior, 2014.

²¹⁴ Pereira, 1998.

²¹⁵ “A nossa campanha”. *Sports*, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1915, p. 23.

²¹⁶ “A nossa campanha”. *Sports*, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1915, p. 23. Apud SANTOS JUNIOR, *Op. Cit*, 2014, p.91.

²¹⁷ Toda os artigos e autos da Sociedade Civil, Liga Metropolitana dos Desportos Terrestres, estão disponíveis de forma digitalizada no seguinte link do Diário Oficial da União: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1911521/pg-36-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-20-12-1917>.

Acessado em: 30 de julho de 2021.

²¹⁸ “Bangu, pioneiro contra o racismo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2001, p. 33.

Segundo reportagem do *O Globo*, os feitos da agremiação suburbana na inserção do negro no campo de jogo, “se transformou em verdade histórica quando a Alerj aprovou”. Além disso, a reportagem relembra o artigo quatro que foi humilhante para os trabalhadores, pois não poderiam ser registrados “os que tirem os meios de subsistência de profissão braçal”, “aqueles que exerçam profissão humilhante que lhes permitam o recebimento de gorjetas”, “os analfabetos e os que embora tendo profissão estejam, a juízo do Conselho Superior, abaixo do nível moral exigido”.²¹⁹

Conforme presente na obra de Leonardo Pereira, agentes históricos do Bangu A.C, como o caso de Luiz Antonio da Guia, irmão mais velho de Domingos da Guia, enfrentou resistência para atuar dentro de campo pelo selecionado carioca que, há época, representava os melhores jogadores da Capital, em razão de sua cor.²²⁰ Nessa mesma direção, Pereira, destacou o estranhamento da imprensa da Capital com jogadores afrodescendentes como o caso de Gradin, uruguaio, na época atacante do Peñarol e do selecionado nacional.²²¹

Se os periódicos estranharam um jogador afrodescendente no selecionado uruguaio, o mesmo não pode se afirmar nos subúrbios do Rio de Janeiro. Em reportagem do *Jornal dos Sports*, o redator questionou o surgimento de “Gradin’s” nos campos do Rio de Janeiro.²²² De acordo com a crônica,

Qualquer “mulatinho rosado” que aparece em “teams” suburbanos, e que tem a felicidade de saber fazer algumas é logo cognominado de Gradim. Para que nossos leitores possam calcular o numero de Gradins que ha porahi em fóra basta dizer que, só na primeira divisão, ha tres nos seguintes clubs: Vasco, São Christovão e Bonsucesso.²²³

O texto do *Jornal dos Sports* revela alguns aspectos pertinentes do futebol e da questão racial na época. Quando utiliza-se uma perspectiva de rede, conforme formulada por Mike Savage, torna-se possível identificar estes fluxos culturais que ocorriam em tempos pretéritos.²²⁴ O aumento do número de Gradins pelos subúrbios vinculou-se à questão da identificação. Se por um lado o atacante uruguaio era titular do selecionado nacional. Por

²¹⁹ “Bangu, pioneiro contra o racismo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2001, p. 33.

²²⁰ Os melhores jogadores de cada estado compunham um selecionado local que, por vezes, disputava jogos contra outros estados.

²²¹ Pereira, *Op. Cit.*, 1998, p. 171-173. Além disso, segundo Pablo Alabarces, Grandin Delgado foi o primeiro jogador afrodescendente a vestir a camisa do Peñarol, rival do Nacional do Uruguai e teria sido pioneiro ao defender as cores da Seleção. Sobre Grandin, Ver: ALABARCES, Pablo. **Historia mínima del fútbol en América Latina**. 1. ed. Ciudad de México: El Colegio de México, 2018.

²²² “Gradins á beessa”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1931, p. 2.

²²³ Idem. Nota. 222.

²²⁴ Savage, 2011.

outro, Luiz Antônio da Guia conquistou o seu espaço entre os convocados no selecionado brasileiro, mas teria sido preterido em detrimento de um jogador branco.²²⁵

Na mesma direção, o historiador expõe que as tensões vivenciadas em diversas localidades do Rio de Janeiro na década de 1910 chegaram a 1920 de forma mais intensificada. Para Pereira, “desde os primeiros tempos do futebol no Rio de Janeiro, as distinções raciais sempre haviam acompanhado a escolha dos selecionados brasileiros que disputavam as primeiras partidas internacionais sem nenhum jogador negro”.²²⁶ Luiz Antônio teve que suar a camisa para que outros jogadores negros pudessem ocupar mais espaços no futebol.

Luiz Antônio da Guia, filho de Antônio e Maria Ramos da Guia, operário, negro e irmão mais velho de Domingos, Maméde e Ladislau da Guia, foi o primeiro atleta do Bangu A.C a vestir a camisa da seleção brasileira. Estreou pelo time do Bangu A.C em 1911 e “pendurou as botas” em 1929 quando, aliás, atuou junto de seus irmãos em um jogo amistoso contra o São Cristóvão.²²⁷ Seu apelido de “o perfeito” pela crônica esportiva manifesta o reconhecimento que adquiriu como jogador.²²⁸

Outro grande feito de Luiz Antônio da Guia foi na função de dirigente do Bangu A.C. Quando o zagueiro Conceição, titular do time em 1930, se machucou, Luiz Antônio ficou encarregado de trazer outro zagueiro central para o primeiro time. Na época o Domingos atuava no segundo quadro com apenas 17 anos. Embora “muito magrinho, muito fino”, foi o escolhido para assumir a missão e em seu primeiro jogo o adversário foi o Flamengo no campo da rua Paissandu.²²⁹ A vitória do time banguense por 3 a 1 e ali começou a trajetória de um jogador vitorioso que tomou conta da posição – até 1932, quando trocou o Bangu A.C para ser enquadrado na lei do estágio no Vasco da Gama e logo em seguida virar profissional pelo Nacional do Uruguai.²³⁰

Ao longo do capítulo, experimentou-se a produção de uma história local em correlação com uma história de clubes esportivos. E, no meio do caminho, percebeu-se que existia um evidente paradoxo: a cidade como uma utopia e, ao mesmo tempo, uma distopia testemunhal de experiências instigantes e impetuosas em igual medida. No meio das ruas, dos campos, dos estádios, no interior das fábricas ou nos inúmeros clubes e associações que

²²⁵ Pereira, 1998.

²²⁶ Pereira, *Op. Cit.*, 1998, p. 171.

²²⁷ Seus irmãos são: Maméde da Guia, Ladislau da Guia e Domingos da Guia.

²²⁸ MORAES, Mario de. **Futebol é arte parte II**. Rio de Janeiro, MIS Editorial/FAPERJ, 2002, p. 186.

²²⁹ Moraes, *Op. Cit.*, 2002, p. 184.

²³⁰ Essas informações estão disponíveis no banco de dados da biografia de Domingos da Guia. Ver: HAMILTON, Aidan. **Domingos da Guia: o divino mestre**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

surgiram, o futebol se destaca dentre a classe trabalhadora pela sua acessibilidade. É o que defende Glauco Souza:

A vantagem do futebol para os outros esportes da época estava além do simples prazer proporcionado pelo jogo. Como um dos muitos divertimentos de lazer, os trabalhadores tenderiam a abraçar aquelas em que melhor pudessem equilibrar o gozo e bolso, isto é, buscariam um passatempo divertido e acessível financeiramente.²³¹

Para o autor, justamente a facilidade de praticar jogos com bola permite a uma quantia enorme de indivíduos a manifestação de identidade. No meio da resistência e negociação constante por melhores condições de vida, o lazer aparece como mais um local de expressão tão rico e polifônico quanto seus processos - por mais cruéis que às vezes possam parecer. Antes do final da primeira década do século XX, o futebol já se encontrava alicerçado ao ambiente cultural do Rio de Janeiro como aponta em sua dissertação de mestrado Glauco Costa e Souza.²³² E, ainda assim, o futebol seria “um drama da vida social”²³³.

Com a antropóloga Margaret Rodman foi possível compreender que as pessoas incorporam os lugares, assim como os lugares representam as pessoas.²³⁴ Portanto, o lugar nunca é apenas o local, pois este está geograficamente e historicamente conectado a outros espaços e perturbar os pressupostos não é negligenciar a história institucional de determinados sujeitos. Pelo contrário, a partir deles encontrar novos objetos, novos processos, novas experiências e outras vozes como, por exemplo, do pequeno time de rua criado por Domingos da Guia: o Júlio Cezar.

1.4 JULIO CEZAR: UMA EXPERIÊNCIA LUDOPÉDICA

Domingos da Guia nasceu no dia 19 de novembro de 1911, em Bangu, Rio de Janeiro.²³⁵ Filho de Antônio Ramos Da Guia e Maria Ramos Da Guia. Ele e seus irmãos - Luiz Antonio, Mamede e Ladislau - se tornaram jogadores de futebol.²³⁶ Antes de se profissionalizar, em 1933, pelo Nacional do Uruguai, Domingos exerceu várias profissões no

²³¹ SOUZA, Glauco. “O football nós podemos jogar”: uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro. **Recorde: Revista de História do Esporte**, 2015, p. 17.

²³² Costa Souza, 2018.

²³³ DAMATTA, Roberto (org). **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothke, 1982, p. 40.

²³⁴ RODMAN, Margaret C. Empowering Place: Multilocality and Multivocality. In: **American Anthropologist**, [S. l.], v. 94, n. 3, p. 640-656, 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/680566>. Acesso em: 2 nov. 2021.

²³⁵ Moraes, *Op. Cit*, 2002, p. 181.

²³⁶ Moraes, *Op. Cit*, 2002, p. 182.

Rio de Janeiro até o seu primeiro contrato profissional.²³⁷ Foi funcionário da Fábrica Progresso Industrial do Brasil, trabalhou como mata-mosquitos e calçadeiro de mosaico da Avenida Rio Branco.²³⁸

Em entrevista para a posteridade, o ex-jogador afirma que boa parte de sua infância foi vivida perto da igreja de Santa Cecília.²³⁹ Segundo Carlos Molinari, “em 1910, a diretoria da Companhia terminou (...) uma antiga reivindicação da comunidade: a Igreja de São Sebastião e Santa Cecília”.²⁴⁰ Enquanto a Igreja ainda era uma novidade no bairro de Bangu, Domingos, em 1918, jogava com “bola de pano, papel por dentro das meias” de suas irmãs.²⁴¹ Antes de desfilar pelo Bangu A.C, Da Guia teve o seu próprio time de futebol, o Julio Cezar que era escalado por ele e Maméde.²⁴² Segundo consta na entrevista: “nós arranjávamos o caminhão para transportar o time, quando íamos jogar fora de Bangu, em Realengo, Camará, uns 20 minutos de carro. Por isso, éramos donos do time, nós é que escalávamos os onze”.²⁴³

A afirmação de Domingos da Guia, presente no parágrafo anterior, carrega consigo um problema pertinente. Embora a modernidade desenvolveu-se materialmente em bairros como o Bangu, o jogo de bola, praticado na rua por jovens negros, filhos de operários e mestres da Companhia, representariam um exercício subalterno?

Se Spivak tinha como preocupação “alterar a forma como lemos e apreendemos o mundo contemporâneo”.²⁴⁴ Seria correto afirmar que o Julio Cezar não era uma reprodução dos códigos da elite, mas sim, tal qual discussões elaboradas inicialmente por E. P Thompson, uma evidência do quanto as pessoas individual ou coletivamente, foram capazes de participar ativamente das transformações verificadas na sociedade em que estavam inseridas “Na história, nenhuma formação de classe específica é mais autêntica ou mais real que outra. As classes se definem de acordo com o modo como tal formação acontece efetivamente”.²⁴⁵

²³⁷ Em 1932 o Domingos da Guia saiu do Bangu A.C e transferiu-se para o Vasco da Gama para ganhar 500 mil réis por mês. No ano seguinte se transferiu para o Nacional recebendo “30 conto, e mil e 500 por mês”. com o primeiro salário comprou uma casa para seus pais em Bangu. Ver: Moraes, *Op. Cit*, 2002, p. 182.

²³⁸ Moraes, *Op. Cit*, 2002, p. 182.

²³⁹ Moraes, *Op. Cit*, 2002, p. 182.

²⁴⁰ Severino, *Op.Cit*, 2015a, p. 147.

²⁴¹ Moraes, *Op. Cit*, 2002, p. 189.

²⁴² Moraes, *Op. Cit*, 2002, p. 191.

²⁴³ Moraes, *Op. Cit*, 2002, p. 191.

²⁴⁴ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “Prefácio - Apresentando Spivak”. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

²⁴⁵ THOMPSON, Edward. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**; organizadores: Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p 277-278.

O Julio Cezar, time de Domingos e seu irmão Mamede, utilizava os uniformes antigos de outra agremiação localizada no bairro de Bangu, o Esperança. Segundo Domingos, “Esperança era da segunda divisão, um clube pobre. Eles iam ao Bangu e pediam chuteiras velhas, que estavam sobrando. E nós fazíamos o mesmo com o Esperança. Pobre se agarra com pobre”.²⁴⁶ O seu discurso exemplifica uma passagem conhecida do Prefácio de “*Formação da Classe Operária Inglesa*”, de Thompson, cuja classe se constitui “nas relações humanas”.²⁴⁷

Segundo João Malaia, o Esperança F.C, enquanto esteve sediada no bairro de Bangu, era localizada no Marco 6, próximo à estação de trem. A secretaria funcionou perto da sede do Bangu A. C. na rua Estevão, 60º.²⁴⁸ Torna-se útil mencionar que o Esperança F.C seria um clube pequeno em relação ao Bangu A.C e o presidente dos dois clubes era o diretor-gerente da Fábrica Bangu nos primeiros anos do século XX.²⁴⁹ Além do mais, tal agremiação foi montada por operários da Fábrica Progresso Industrial a partir de uma dissidência do próprio Bangu A.C.²⁵⁰ Segundo Lucas Salgueiro Lopes, a humilde agremiação foi o segundo clube de Francisco Carregal, o primeiro jogador afrodescendente a vestir a camisa do Bangu A.C em jogo contra o Fluminense, F.C em 1905.²⁵¹ No ano de 1907, Carregal foi eleito tesoureiro do Esperança e, por isso, estaria envolvido nas duas agremiações.²⁵²

Pode-se afirmar que agremiações suburbanas como o Esperança foram importantes locais de desenvolvimento *physico* de seus sócios e de atletas. Paralelamente, era um local de novas experiências, cujo interesse, inicialmente, seria o jogo e logo marcaria uma nova realidade de oportunidades de uma vida melhor por meio da prática esportiva para indivíduos de origens populares migrando de uma associação à outra, transitando pelos espaços urbanos e jogando *foot-ball*. Exemplos como esse corroboram no intuito de evitar homogeneização de processos esportivos no Rio de Janeiro, mas, ao mesmo tempo, conecta-los.

O *Jornal dos Sports*, no ano de 1931, elencou as revelações do futebol carioca, dentre elas, estava o zagueiro Sant 'Anna do Bangu que, por sua vez, iniciou-se nos gramados da

²⁴⁶ Moraes, *Op. Cit*, 2002, p. 193.

²⁴⁷ Thompson, *Op, Cit*, 1987, p. 9.

²⁴⁸ Santos, *Op, Cit*, 2010, p. 88.

²⁴⁹ Santos, *Op, Cit*, 2010, p. 88-89.

²⁵⁰ LOPES, Lucas Salgueiro. “Francisco Carregal: a trajetória de um pioneiro negro em um clube de *football* no Rio de Janeiro”. **Record**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2020, p. 8.

²⁵¹ Lopes, *Op, Cit*, 2020, p. 8-9.

²⁵² Lopes, *Op, Cit*, 2020, p. 9.

AMEA pelo Esperança F.C.²⁵³ Ladislau e Plínio foram outros jogadores que estavam em atividade na década de 1930 que iniciaram as suas atividades pelo Esperança.²⁵⁴

Agremiações como o Bangu e o Esperança permitem ao revisitar o passado, que se identifique um sentimento de “bairrismo” ou “sentimento local”,²⁵⁵ tal como os clubes formados na região da zona sul, espaço geográfico que será emulado por representações voltadas para a segregação socioespacial a partir do século XX no Rio de Janeiro, como analisa a geógrafa Elizabeth Cardoso.²⁵⁶ E, indo além, possibilitou-se que dois pilares - o esporte de uma forma geral e o mundo dos trabalhos - se conectem. Sem perder de vista a “condição operária”, reconhecendo as práticas esportivas, no universo do operariado, como estratégia de controle e vigilância, também.²⁵⁷ Personagens como Domingos da Guia e outros possibilitam novas reflexões a partir das identidades vinculadas aos espaços (imaginados) que moldam o olhar através dos lugares (para se jogar futebol precisa de um lugar) lutas por igualdade e de justiça social.

Domingos da Guia veio de família pobre, sem condições de comprar uma bola.²⁵⁸ Portanto, ter uma bola de couro, chuteira e uniforme para a prática do *football* eram elementos de status, distinção social e estilo de vida *sportman*.²⁵⁹ Tal exemplo citado acima, carrega de significado e representação as desigualdades existentes à época. Quando o ex-zagueiro, da Guia, se permite “ser dono” de um time, evoca-se o vivido, a liberdade e o jogar como (re)existir. E adquire um sentido especial devido à possibilidade de uniformização por empréstimo de uma agremiação que existiu até meados da década de 1940 no arrabalde de Bangu.²⁶⁰

Ainda evocando a entrevista de Domingos, a maioria iniciava no Esperança F.C e depois adentravam no time do Bangu A.C.²⁶¹ Apontando, assim, uma circularidade dentro do próprio bairro de jogadores de futebol que, posteriormente, se alargará para outras zonas da

²⁵³ “As revelações do football caioca”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 20. jul. 1931, p. 3.

²⁵⁴ Idem. Nota 253.

²⁵⁵ Filho, *Op. Cit.*, 2010, p. 39; Dos Santos Junior, 2014.

²⁵⁶ CARDOSO, Elizabeth Dezouart. “Estrutura Urbana e Representações: A invenção da Zona Sul e a construção de um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX”. *GeoTextos*, vol. 6, n. 1, jul, p. 73-88, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/4306/3165>. Acesso em: 10 abr. 2022.

²⁵⁷ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “A condição operária”. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 8-14; BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República”. Cláudio et al (org.). **Culturas de classe: identidades e diversidades na formação do operariado**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

²⁵⁸ Ao ser perguntado se existiria a possibilidade de fazer uma “vaquinha” para comprar uma bola, Domingos foi categórico ao responder que: “Ninguém tinha dinheiro para isso”. Ver Moraes, *Op. Cit.*, p. 191.

²⁵⁹ Sobre status, estilo de vida e outros, ver: Savage, 2012.

²⁶⁰ Os dados referente ao fim do Esperança F.C foram retirados da reportagem do *O Globo* sobre os times que já disputaram jogos de Liga e hoje não existem mais. Ver: *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 janeiro de 2020, p. 26.

²⁶¹ Moraes, *Op. Cit.*, 2002, p. 193

cidade, sobretudo, mas não exclusivamente com a vitória do Vasco da Gama em 1923. O Julio Cezar, no caso de Domingos da Guia, tratou-se das primeiras experiências ludopédicas de um dos grandes zagueiros da primeira metade do século XX. A significância do time de rua foi dada pelo próprio “Divino Mestre”, como foi apelidado pela imprensa esportiva, a partir de seu depoimento/registro para o Museu da Imagem e do Som.²⁶² Não faltam qualificações para descrever o zagueiro, dono da “domingada” que, basicamente, consistia em não dar “chutão pra frente”, “antecipar a jogadas” e passar “a bola em direção a um companheiro”.²⁶³ “A domingada (...) virou sinônimo de drible perfeito”.²⁶⁴ Domingos foi, portanto, um “reinventor da bola”, como escreveu Wisnik.²⁶⁵ Sobre o ex-jogador, negro, ex-operário e zagueiro vitorioso em vários clubes, Obdúlio Varela, carrasco do Brasil no mundial de 1950, cuja final foi no Estádio Maracanã, ponderou: “Foi o maior de todos”.²⁶⁶

1.5 NO PASSE DO *MIUDINHO*: FESTA, CLUBES E COMPETIÇÕES NOS ARRABALDES DE BANGU

Na entrevista de Domingos da Guia no livro *Futebol é arte Parte II*, fala-se muito do futebol de rua, de brincar de bola perto da igreja, de percorrer os subúrbios para praticar o futebol.²⁶⁷ Quando Bernardo Buarque de Hollanda entrevistou o filho de Domingos, Ademir da Guia, mais um elemento se une aos demais: o da dança. Observem um trecho da entrevista do pesquisador com o ex-jogador de futebol presente no acervo do CPDOC da FGV:

B. B. – O jornalista Mário Filho escreveu crônicas dedicadas a ele, falava daquela jogada que passou a se chamar “Domingada”, que ao invés do zagueiro dar o chutão, ele saía conduzindo a bola, driblando, tinha justamente essa habilidade, ele foi reconhecido como um dos maiores zagueiros e jogadores que o Brasil teve, então acredito que isso tenha marcado bastante a sua...

A. G. – É verdade, tem uma história, não vou lembrar direito, uma história que uma vez me contaram, e agora não vou lembrar direito, uma coisa assim que, na verdade, o Uruguai, Argentina, naquela época eles comandavam tudo, tinham os melhores times, os melhores jogadores, e que eles não entendiam porquê o Nacional contratou um jogador brasileiro, e que depois que eles viram o Domingos jogar, então que eles entenderam que, na verdade, o que eles achavam que era muito bom, não era tudo isso. Uma história muito legal, mas eu não vou lembrar direito, mas se resume, mais ou menos, a esse tipo de coisas.

B. B. – Não sei se você ouviu falar, ou se lembra, o Domingos chegou a prestar um depoimento para o Museu da Imagem e do Som, e nesse depoimento, lá no Rio de

²⁶² Moraes, *Op. Cit.*, 2002, p. 181-215.

²⁶³ Moraes, *Op. Cit.*, 2002, p. 194.

²⁶⁴ Moraes, *Op. Cit.*, 2002, p. 2014.

²⁶⁵ WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**. O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 232.

²⁶⁶ *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 jan, 2012, matutina, p. 19.

²⁶⁷ Moraes, 2002.

Janeiro, ele conta que um dos dribles dele, ele se inspirou no “miudinho”, que era um tipo de samba.²⁶⁸

A sua expressão corporal, o respeito ao adversário, a imposição dentro de campo e sua técnica deixaram marcas como a presente no periódico *Última Hora*: “todos nós sabemos o que é uma Domingada”.²⁶⁹ “Homem de estilo imperturbável”, registrou Eduardo Galeano.²⁷⁰ Um jeito de se movimentar no futebol que teria, segundo Bernardo Buarque, suas origens “imitando o passe do ‘miudinho’”.²⁷¹

Leonardo Pereira em seu artigo, “The flower of the Union: Leisure, race, and social identity in Bangu, Rio de Janeiro (1904-1933)”, apresenta um mapeamento de grêmios recreativos que, entre 1904 e 1920, somam mais de 20 associações dedicadas ao lazer somente no bairro de Bangu.²⁷² O licenciamento junto à polícia pode ser visto como o interesse pela regulamentação do funcionamento, para que não tenham maiores problemas durante os bailes dançantes ou recreativos. No livro *A Cidade que dança*,²⁷³ Pereira, sustenta que a música presente nessas pequenas agremiações do bairro do Bangu: “teve seu início no começo da década de 1880, quando começaram a se afirmar no mundo atlântico novos ritmos sincopados que viriam alimentar o início da febre dançante no Rio de Janeiro”.²⁷⁴ Outro detalhe pertinente está no fato de que esses bailes como o de G.R 11 de Junho de Bangu e o do Flor da Lyra, como exemplo, ocorriam na parte da tarde e invadiam as noites suburbanas.²⁷⁵ De igual forma, costumeiramente, ocorreram festivais nos campos do Bangu A.C promovendo, assim, um cronograma de lazer para a classe trabalhadora e suas famílias.²⁷⁶

Em sua tese de doutorado, Nei Jorge dos Santos Junior, sobre festas e lazers no arrabalde de Bangu, mostra que os jogadores de futebol veteranos do bairro organizaram eventos para promover as associações locais. Por exemplo, em 1917 ocorreu um evento no campo do Esperança F.C, cujos times foram formados a partir das principais sociedade há

²⁶⁸ GUIA, Ademir da. **Ademir da Guia (depoimento, 2011)**. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 48p., p. 7.

²⁶⁹ “A tragédia do Futebol Brasileiro! - Domingos da Guia Revelará a espantosa verdade escondida nos bastidores do futebol”. *Última hora*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1957, p. 7.

²⁷⁰ GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e sombra**. Porto Alegre: LP&M, 2012.

²⁷¹ GUIA, *Op. Cit*, 2012, p. 7.

²⁷² PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “The Flower of the Union: Leisure, Race and Social Identity in Bangu, Rio de Janeiro (1904-1933)”. **Journal of Social History**, vol. 46, no. 1, Oxford University Press, 2012, p. 155.

²⁷³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A cidade que dança: clubes e bailes negros no Rio de Janeiro (1881-1933)**. Campinas: Editora Unicamp/Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020.

²⁷⁴ Pereira, *Op. Cit*, 2020, p. 19.

²⁷⁵ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1930, p. 42.

²⁷⁶ “Os jogos de amanhã - Festival no campo do Bangu”. *Jornal do Brasil*, 11 de janeiro de 1930, p. 16.

época como: Lyra, o Casino, Caravana, Prazer das Morenas, Flor da Mocidade e Grêmio Philometrico.²⁷⁷

Em conformidade com Leonardo Pereira, vale ressaltar que essas práticas e costumes costumavam aparecer na imprensa empresarial da época e, com isso, pode-se conferir a esses acontecimentos recreativos uma forma de distanciamento da formulação e construção promovida sobre seus corpos e identidades.²⁷⁸ Apesar disso, Santos Junior e Pereira chamam a atenção não apenas para as negociações políticas e paternalistas que emergiram, vez ou outra, no cotidiano dessas agremiações, mas, também, para a violência e disputas entre os próprios trabalhadores que, por vezes, viravam caso de polícia.²⁷⁹

Enquanto o Flor da Lira era destacado como uma das agremiações mais elegantes do bairro, o Flor da União era frequentado por indivíduos afrodescendentes. Inclusive, segundo Pereira, o irmão de Francisco Carregal, o José Gomes Carregal, foi um dos presidente da União.²⁸⁰ A questão racial aparece mais uma vez, pois “tal diferença de percepção sobre sua composição acabava se expressando no modo pelo qual cada um desses clubes eram vistos pela imprensa”.²⁸¹ O reconhecimento de bairros suburbanos como o Bangu, dentro de espaços de notícias, oferecia à imprensa empresarial a possibilidade de novos leitores para seus jornais.²⁸²

Em jornais como o *Eco Suburbano*, o Bangu A.C aparece vinculado a clubes suburbanos como o Penha Club, Centro Cívico Leopoldinense, o Brasil F.C e outros que, em meios às páginas, promoviam recreativismo, os ranchos e festas carnavalescas. Na sede do Bangu A.C “Os salões estiveram superiormente engalanados e as danças foram animadas por uma optima jazz band”.²⁸³ Um outro exemplo seria a noite dos Blocos suburbanos uma festa popular, promovida na rua, para homenagear o povo dos subúrbios: “foi uma festa de inteiro sabor popular que os habitantes dos suburbios tem direito, pelos esforços que sempre fizeram para o maior brilhantismo do carnaval carioca”.²⁸⁴

A Liga Suburbana foi uma competição que atraiu pequenas agremiações como o Esperança e o *Athletic Mangueira Club*, segundo Glauco Souza.²⁸⁵ Com sentido plural, difuso, desorganizado, a Liga Suburbana, de acordo com o pesquisador Glauco Souza,

²⁷⁷ Santos Junior, *Op. Cit*, 2017, p. 74.

²⁷⁸ Pereira, 2020.

²⁷⁹ Santos Junior, 2017; Pereira, 2020.

²⁸⁰ Pereira, *Op. Cit*, 2020, p. 115.

²⁸¹ Pereira, *Op. Cit*, 2020, p. 115-116.

²⁸² Pereira, *Op. Cit*, 2016, p. 3.

²⁸³ “Bangu Club”. *Eco Suburbano*, Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1932, p. 3.

²⁸⁴ “A noite dos Blocos Suburbanos”. *Eco Suburbano*, 20 de fevereiro de 1936, p. 2.

²⁸⁵ Souza, *Op. Cit*, 2018, p. 39-40.

ocorreu fora do “centro” e contou com o desejo de diversas agremiações, pois várias não podiam arcar com os custos da Liga Metropolitana.²⁸⁶ Por isso, vários times se juntaram para criar uma liga própria.²⁸⁷

A Liga Suburbana também foi um espaço de experimentação de vários jogadores que após boas campanhas puderam ir para clubes com maiores poderes aquisitivos e que, ao mesmo tempo, poderiam se mover pela Capital como jogador de futebol. Postulando, assim, uma oportunidade de melhoria em suas vidas. O Esperança de Bangu chegou a realizar “jogos entre seus associados” para decidir qual seria a equipe que participaria da Liga, mas ao fim e ao cabo, não participou.²⁸⁸ Glauco Souza trabalha com o caso do goleiro Nelson Conceição, negro, *chauffer*, que saiu do Engenho do Dentro A.C e foi parar no Vasco da Gama campeão em 1923.²⁸⁹

Além da Liga Suburbana e dos Blocos de Carnavais Suburbanos existia, antes da profissionalização do futebol no Brasil, uma série de eventos e festejos voltados para a prática de futebol por homens e mulheres. E é esse um dos temas da pesquisa de Aira Bonfim que revelou novas dimensões sociais para a compreensão do que eram os subúrbios entre 1915 e 1941 (ano da proibição durante a ditadura de Getúlio Vargas).²⁹⁰ Tais exemplos apontam para uma sociedade carioca com formações sociais altamente difusas, móveis e dinâmicas que buscava se afirmar e se fazer presente numa vida laboral penosa. Por outro lado, a presença do lazer, do gozo, da teatralização da vida, faz o futebol e outras formas de expressão dialogarem com a “dinâmica dual”, idealizada por Savage.²⁹¹ Com isso, o festejo, a dança, a festa como contraponto, ao mesmo tempo que uma complementaridade dos mundos desses trabalhadores, como manifestação da vida, deixando transparecer os seus desejos, aprendizados e revelando sujeitos para além do trabalhador e trabalhadora.

²⁸⁶ Souza, *Op. Cit*, 2018, p. 34.

²⁸⁷ Souza, *Op. Cit*, 2018, p. 34.

²⁸⁸ Souza, *Op. Cit*, 2018, p. 39.

²⁸⁹ De acordo com Glauco Souza o Nelson teria sido campeão três vezes da Liga Suburbana antes de se transferir para o Clube de Regatas Vasco da Gama. Souza, *Op. Cit*, 2018, p. 19.

²⁹⁰ BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941) / Aira Fernandes Bonfim. – 2019. 213 f.

²⁹¹ A dinâmica dual idealizada por Savage, “envolve a construção de redes sociais de largo alcance, ligando membros da classe através de lugares diferentes – locais de trabalho, vizinhanças residenciais, pontos de encontro de lazer e assim por diante. Nestas situações, a informação pode ser passada adiante, organizações construídas, ideias reunidas, mobilização coordenada”. Savage, *Op. Cit*, 2011, p. 19.

Intelectuais como Joel Rufino dos Santos, autor de *História política do futebol brasileiro*, foi um dos muitos que trabalharam nessa linha de intervenção do patronato, das autoridades e do poder estatal no sentido de fiscalização, controle e monitorização dos corpos operários.²⁹² Assim sendo, buscou-se pensar um meio de olhar para diversas outras questões pertinentes que nos auxilie no entendimento dos processos em cursos a partir de outras formas de consciência de classe.

No próximo capítulo, vamos adentrar a década de 1930 - logo, após o levante que pôs fim à Primeira República - para que seja possível entender os interesses dos jogadores oriundos das camadas populares pelo profissionalismo ou não. Nesta mesma direção, atenta-se às ações de jogadores trabalhadores com o objetivo de analisar suas expressões e escolhas por meio da prática do futebol. Partindo do óbito de um jogador amador do Botafogo e diante deste acontecimento mapear o sentimento de solidariedade de classe entre jogadores de futebol. Neste período, o debate entre amadorismo *versus* profissionalismo corria em marcha acelerada. Diante desta efervescência, busca-se entender como o Bangu A.C, por meio da imprensa, se portou na defesa de uma Liga Profissional de Futebol no Rio de Janeiro.

CAPÍTULO II - 1933: O ANO QUE NÃO CABE EM 365 DIAS

O segundo capítulo tem um recorte temporal claro: o ano de 1933. O capítulo será dividido em três partes. Na primeira trabalharemos o futebol como local de reivindicação e atuação de trabalhadores que também jogavam futebol. Diante deste cenário, argumentamos em defesa da possibilidade de se estudar eventos históricos produzidos a partir de baixo, de seus jogadores, sobretudo os afrodescendentes e trabalhadoras dos mais diversos ofícios. Tal tomada de decisão visa contribuir para compreender a complexidade do processo em trânsito no período. Em uma segunda parte, vamos mostrar como o Bangu A.C agiu em relação ao debate que teve seu ápice e resolução histórica no ano de 1933 a partir da fundação da Liga Carioca de Futebol. Na terceira parte do capítulo trataremos a preparação do Bangu A.C para a primeira competição da Liga Carioca de Futebol Profissional, competição essa, participação do Bangu A.C ao longo da primeira Liga Carioca de Futebol Profissional, competição essa em que se sagrou campeão

²⁹² SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981. Ver também: Batalha, 2004.

2.1 - HOMENAGEM AO *BACK* RODRIGUES: O FESTIVAL ANTES DO INÍCIO DA LIGA CARIOCA DE 1933

Quem tem amigo tem tudo (...)
(...) É presente dos deuses, rimos tantas vezes
Como em catequeses, logo perguntei
Pra Oxalá e pra nossa Senhora
Em que altura você mora agora, um dia lhe visitarei (...).²⁹³

A questão do profissionalismo no futebol carioca estava na ordem do dia no final de 1932. O chamado “amadorismo marrom” emulou-se enquanto problema a partir da conquista do Vasco da Gama em 1923 e desde então houve novas tentativas de moralização dos esportes. O ano de 1932 passou a ser considerado a última temporada antes do “dissídio esportivo”, entre dirigentes dos clubes cariocas.²⁹⁴ O vice-presidente do Botafogo, Eduardo Trindade, em dezembro de 1932, comentou sobre a questão do profissionalismo, no *Jornal dos Sports*.²⁹⁵ Segundo trindade: “O profissionalismo virá desgraçar o nosso foot-ball, que vive animado de ilusões boas, de amizades ternas e sentimento de fraternidade” e afirmou que “se bater a minha porta um amador pedindo trabalho, eu o attenderei mais depressa e com maior sympathia, do que a um profissional interesseiro”.²⁹⁶ As afirmações do vice-presidente do Botafogo F.R preservou não apenas um claro recorte de classe, como emulou que ser profissional era uma questão imoral.

²⁹³ EMICIDA. **Quem tem amigo tem tudo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: https://music.youtube.com/watch?v=DwRoiBQKbQ&list=RDAMVM_DwRoiBQKbQ. Acesso: 18 jun. 2022.

²⁹⁴ Para Maurício Drumond, o ‘dissídio esportivo’ ocorreu em razão de brigas entre elites do Rio de Janeiro que rivalizavam pelo controle do esporte nacional. Um outro fator, mas não menos importante, foi a própria disputa entre jogadores amadores e profissionais na Capital. Para, mais, ver: DRUMOND, Maurício. “Os gramados do Catete: Futebol e política na Era Vargas (1930-1945)”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política. A construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro, Mauad, 2006; DRUMOND, Maurício. O ‘dissídio esportivo’ e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1937). In: GOMES, Eduardo Souza; PINHEIRO, Caio (org.). **Olhares para a profissionalização do futebol: Análises plurais**. Rio de Janeiro, Multifoco, 2015; DRUMOND, Maurício. “Entre Políticos e Paredros: As relações políticas do futebol brasileiro na primeira metade do século XX”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

²⁹⁵ Além de vice-presidente do Botafogo F.R, Eduardo Trindade era, na época da entrevista, o diretor da Casa Bancária do Commercio e Industria do Rio de Janeiro. Na reportagem do *Jornal dos Sports*, destaca-se que começou a trabalhar aos 17 anos no Banco Frances-Italiano e fez curso “As influencias do Sport na vida pratica dos homens”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1932, p. 3.

²⁹⁶ Idem. Nota 295.

No livro de Waldenyr Caldas, *O pontapé inicial — Memória do futebol brasileiro*, um dos temas basilares é o debate entre os defensores do amadorismo *versus* do profissionalismo. Para o autor, este debate se restringe à classe de dirigentes que estavam preocupados com os rumos e o controle do futebol.²⁹⁷ Caldas afirmou em outro texto que “o futebol era oficialmente reconhecido como uma atividade esportiva para amadores. Do ponto de vista jurídico isso era uma farsa. Era esconder uma realidade e a falta de ética profissional (...)”.²⁹⁸ Do ponto de vista dos trabalhadores da Capital que jogavam pelas agremiações, era uma experiência desigual que, por sua vez, silenciava as relações de “mercantilização *coagida* de sua força de trabalho”.²⁹⁹ Além disso, de acordo com Maurício Drumond, “o dissídio esportivo teria sido motivado pela disputa entre amadores e profissionais, como pode ser observado nos discursos oficiais do período (como na imprensa esportiva)”.³⁰⁰

Por essa razão, historicizar as pessoas comuns, os trabalhadores que praticavam o futebol nos anos iniciais da década de 1930, permite que suas ações sejam reveladas aos leitores. Em outras palavras, conferir caráter histórico aos acontecimentos que tendem a “privilegiar o aspecto ativo, voluntarista, criador de valores da cultura popular(...)”.³⁰¹ Para isso, deve-se sempre se perguntar que tipo de estratégia esses agentes promoviam e desconfiar se realmente passaram à margem dos rumos que o futebol tomaria. Não existe o caminho, mas uma das metodologias aplicadas foi a da “negociações impressas”.³⁰² De acordo com Leonardo Pereira, “a necessidade de se render aos interesses do público levava também as folhas a temperar o tom de suas críticas ao mundo das ruas, de modo a não afastar os possíveis leitores interessados nas práticas e experiências ligadas a ele.”³⁰³ Seguramente, o caso do festival ao zagueiro Rodrigues revela relações de poder em disputa, semanas antes do início da Liga Carioca de Futebol. Porém, antes, precisa-se abordar quem foi José Rodrigues e porque um festival em seu nome.

O zagueiro José Rodrigues foi um dos campeões de 1932 da liga local pelo Botafogo. O clube localizado no bairro de mesmo nome, na zona sul do Rio de Janeiro, zona metropolitana ocupada majoritariamente pela elite, seria um dos clubes, no qual os dirigentes esportivos foram contrários à profissionalização no futebol, conforme possível observar em título do *O Globo*: “Botafogo, Flamengo, Vasco e S. Christovão declararam-se contra o

²⁹⁷ CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

²⁹⁸ Caldas, *Op. Cit.*, 1994, p. 44.

²⁹⁹ Linden, *Op. Cit.*, 2013, p. 41.

³⁰⁰ Drumond, *Op. Cit.*, 2020, p. 49.

³⁰¹ Thompson, *Op. Cit.*, 2012, p. 211.

³⁰² PEREIRA, 2016; 2020.

³⁰³ Pereira, *Op. Cit.*, 2016, p. 13.

profissionalismo”.³⁰⁴ No ano de 1932, o Botafogo F.R. comemoraria o seu terceiro título no futebol. O primeiro foi em 1910, o segundo em 1930 e em 1931 fez uma excelente campanha, sendo vice do América.³⁰⁵

De acordo com o *Jornal dos Sports*, a equipe do Botafogo F.R. foi celebrar a conquista do terceiro título em excursão no Rio Grande do Sul. Na volta, alguns jogadores ficaram doentes: Almir, Pedrosa, Carlos Leite, Russinho e José Rodrigues. Segundo o mesmo periódico, a doença, em específico, que acometeu alguns importantes jogadores da equipe alvinegra, foi a febre tifóide. conforme relatos contidos na imprensa, todos os doentes tiveram dificuldades de andar, febre, outras enfermidades e foram hospitalizados.³⁰⁶ O caso estampou a manchete do *Jornal dos Sports*.³⁰⁷ Foi noticiado como se “a cidade inteira se tem interesse pela saúde de Rodrigues”.³⁰⁸

O estado de saúde de Rodrigues era atualizado constantemente pelos periódicos como o *Jornal dos Sports* e o *O Globo*.³⁰⁹ O jogador veio a óbito no dia 8 de janeiro, estava internado no hospital São Sebastião e foi enterrado no cemitério de São Francisco Xavier.³¹⁰ Segundo *O Globo*, na missa de sétimo dia, compareceu um “grande numero de admiradores e amigos do saudoso footballer, estando representadas quasi todas as associações do sport metropolitano”.³¹¹

Na coluna noticiosa, do *Jornal dos Sports*, um resumo biográfico da carreira de José Rodrigues que desfilou primeiramente com a camisa do Magno F.C, clube localizado próximo à Estação Magno, em Madureira.³¹² Depois, se deslocou para o subúrbio da Tijuca, no Syrio Libanez A.C, onde o jovem conheceu o seu companheiro, Aragão e por onde atuou até 1931.³¹³ O zagueiro teria atuado por aquelas bandas até o clube encerrar as suas atividades

³⁰⁴ “Botafogo, Flamengo, Vasco e S. Christovão declararam-se contra o profissionalismo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1933, p. 8.

³⁰⁵ MÉRCIO, Roberto. **A História dos Campeonatos Cariocas de Futebol**. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985.

³⁰⁶ “Os que adoeceram no sul”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1933, p. 1.

³⁰⁷ “O Estado do Back Rodrigues, do Botafogo, que era considerado gravissimo durante o dia de hontem, não soffreu infelizmente, alteração para melhor até a ultima hora”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1933, p. 1.

³⁰⁸ Idem. Nota 306.

³⁰⁹ Ver, por exemplo: “um grande claro nas fileiras do Botafogo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1933, p. 8; “A queda pranteada de um dos heróis da jornada de 32”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1933, p.1.

³¹⁰ “Rodrigues morreu”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1933, p. 2.

³¹¹ “Jose Rodrigues”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1933, p. 8.

³¹² O time do Magno F.C era mais um dos muitos times que surgiram a partir da malha ferroviária desenvolvida no final do século XIX. O apelido do clube era *Mulatinhos Azuis* e era o grande rival do Fidalgo, equipe do mesmo bairro. O Magno F.C nunca chegou a jogar junto aos clubes da elite, mas participou de várias edições da Liga Suburbana e da Associação Athletica Suburbana que, aliás, foi campeão em 1916 e em 1918. Para mais ver: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=70713>. Acessado em: 15, jan, 2021.

³¹³ Aragão, negro, jogador de futebol que atuava como zagueiro, foi um dos grandes idealizadores do festival em homenagem ao zagueiro José Rodrigues. Ver, per exemplo: “Scratch preto “versus” scratch branco”. *Jornal dos*

de futebol. Diante deste cenário, José Rodrigues ficou sem clube e logo conseguiu uma vaga entre os amadores do Botafogo para a temporada de 1932.³¹⁴

O falecido zagueiro traça um caminho comum entre os jogadores menos favorecidos. Vários foram os trabalhadores oriundos de distintas localidades e ocupações que, por meio desse esporte, conseguiram se mover pela cidade. Sua trajetória é complementada pela nova realidade da época, na qual o jogo, também praticado por membros das camadas menos favorecidas, serviria como uma chance de vencer a miséria a partir da adoção de um profissionalismo de surdina ou “amadorismo marrom” que, muitas vezes, era a única possibilidade de se destacar e, ao mesmo tempo, se afastar das “multidões” e “ascender socialmente” ao conseguir um emprego aceitável e recebendo o bicho para jogar futebol. Times mais tradicionais ou da elite como Fluminense, Botafogo, América e Flamengo, em sua maioria, contavam com indivíduos que representavam a camada mais rica da população à época, mas não apenas.

Se, como afirma José Murilo de Carvalho, “após 1930, a política social e trabalhista entrou na agenda dos governos para não mais sair”, não podemos perder de vista que negros e pardos, em períodos anteriores, sofriam de uma marcante exclusão, no qual “seus valores, tradições e costumes” seriam inviabilizados diante de uma visão da elite sobre a gente comum.³¹⁵ Ainda assim, em 1933, ao menos no universo do futebol, ainda amador, o “povo”, os pobres, em boa medida afrodescendentes, estavam desprovidos de garantias mínimas.³¹⁶ Aragão, “bem conhecido nesta cidade como um dos melhores zagueiros da AMEA” foi, também, um dos pilares na promoção de um festival em homenagem a sua dupla de zaga da Syrio Libanez em 1931.³¹⁷ Conforme noticiou o *Jornal dos Sports*, embora próximos, uma desavença por motivo esportivo teria criado uma rixa entre os dois, uma inimizade que resultou em um rompimento de relações. Cada um seguiu a sua trajetória. Aragão foi desfilar o seu futebol no clube da fábrica Cruzeiro, o Andarahy Athletic Club.³¹⁸

Sports, 5. fev. 1933, p.1.. Segundo Molinari, Aragão veio do Andarahy Athletico Club, para o Bangu A.C, na temporada de 1928, mas, por não ter situação regularizada, não entrou em campo muitas vezes. Ver: https://www.bangu.net/informacao/livros/olivrodoscraques/letra_a.php. Acessado em: 10, jan, 2022. Na temporada de 1932, defendeu as cores verde e branca do Andarahy Athletico Club, fazendo dupla de zaga com Antônio de Paula Filho, o Dondon. Este último foi imortalizado na música de Nei Lopes chamada de: Tempo de Don-don. Para ouvir a música, clique no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=kAnlcX15ExE>. Acessado em: 16, jan, 2021.

³¹⁴ “A queda pranteada de um dos heróis da jornada de 32”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1933, p. 1.

³¹⁵ CARVALHO, José Murilo de. “Os três povos da República”. *Revista Usp*, n. 59, set/nov. 2003, p. 109.

³¹⁶ Carvalho, *Op. Cit*, 2003 p. 107.

³¹⁷ “Atitudes nobres que brotam no momento de dor”. *Jornal dos Sports*, 10. jan. 1933, p.1.

³¹⁸ Idem. Nota. 317.

No dia 29 de janeiro de 1933, o *Jornal dos Sports*, noticiou que o Botafogo F.R iria assumir o “compromisso de suprir materialmente a ausência do chefe de família”.³¹⁹ De acordo com edição do dia 29 do mesmo mês, o grêmio do bairro de Botafogo se comprometeu, mediante deliberação dos sócios do clube que iriam ajudar com os custos de pensão para que a viúva, Lucilla Rodrigues, pudesse cuidar de seus dois filhos, Paulo e Eunico, de três e quatro anos.³²⁰ Além disso,

Porém, como noticiou o jornal *O Globo*, essas ideias não avançaram como se esperava e realizou um balanço da situação:

foram muitos os projectos de um match em beneficio para a familia, de um momento para o outro atirada ao desamparo - mas nenhum dos projectos foi levado avante. Era um encontro entre o Botafogo e o Vasco. Era um match de reconciliação entre a APEA e a AMEA. E o tempo se passou sem que se fizesse nada. Agora surge uma idéa interessante apoiada por Domingos da Guia, Aragão, e Bastos Coelho: É a realização de um match entre brancos e pretos, entre cracks das duas raças. Em São Paulo estes matches estiveram muito em voga e alcançaram sucesso. Aqui seria novidade.³²¹

Um dia antes da reportagem do *O Globo*, o *Jornal dos Sports* estampou em sua capa a seguinte manchete: “Scratch preto “versus” scratch branco”. Um festival idealizados por homens negros, no qual parte da arrecadação foi destinado a família de seu amigo, José Rodrigues.³²² Os idealizadores do projeto eram Aragão, Domingos da Guia e Bastos Coelhos. A reportagem do *Jornal dos Sports* ponderou que: “os jogos pretos e brancos, muito bem em voga em São Paulo, são pouco popularizados aqui e por isso a iniciativa daquelas figuras populares do nosso football deve ser coroada de exito”.³²³ Embora tenha sido essa a grande atração do festival, segundo consta, um time usou camisa branca (“team branco”) e o outro camisa preta (“team preto”). Com ambas as cores em campo, realizou-se uma alusão às cores do Botafogo F.R.³²⁴

No dia 16 de fevereiro de 1933, o público leitor do *Jornal dos Sports* não sabia se o Botafogo aceitaria a proposta de festival de Aragão, Domingos e Basto Coelho. Ainda assim, na edição do dia 19 de fevereiro, um torcedor do campeão de 1932, Manoel Glorioso, foi à sede do periódico esportivo e reafirmou a necessidade de “se tratar desde logo do assunto”.³²⁵

³¹⁹ Idem. Nota. 317.

³²⁰ “Um gesto nobre do Botafogo”. *Jornal dos Sports*, 29 de janeiro de 1933, p.3.

³²¹ “Um grande match entre cracks brancos e pretos”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1933, p. 8.

³²² “Scratch preto “versus” scratch branco” *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 5 de fevereiro 1933, p.1.

³²³ Idem. Nota 322.

³²⁴ “Brancos e pretos numa batalha sensacional”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 17 de março de 1933, p. 3.

³²⁵ “O festival pró família do back Rodrigues” *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1933, p.1.

No dia 16 de fevereiro de 1933, saiu uma reportagem no *Jornal dos Sports*, afirmando que o “scratch colored”, os negros, iriam iniciar os treinos que seriam abertos ao público no campo do Andarahy.³²⁶ O Botafogo F.R só se manifestou no dia 25 de fevereiro e ponderou que os preparativos para o festival só ocorreriam “após os folgueiros carnavalescos”.³²⁷

O *Jornal dos Sports*, vale referendar, divulgou várias informações sobre o Festival em homenagem ao zagueiro Rodrigues na primeira capa. Em relação aos jogadores negros, trabalhadores urbanos que mobilizaram o festival em homenagem ao seu amigo e com o objetivo de ajudar a família dele, não foi a primeira vez que seus nomes estiveram atrelados a um time formado inteiramente por homens negros.

Aidan Hamilton, biógrafo de Domingos da Guia, relata que em 1931 houve uma excursão do A.C Cordovil, clube suburbano localizado na rua Oliveira Mello, próximo à estação de trem de Cordovil, que topou excursionar em São Paulo para jogar um “*match* de negros *versus* negros”.³²⁸ Foi no ano de 1931 que o clube se vinculou à Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) e disputava a segunda divisão.³²⁹

O diretor esportivo do A.C Cordovil, na temporada, era o Oswaldo Lima. Antes de dirigir o clube suburbano, atuava no primeiro quadro do Olaria, mas abriu mão para tocar o projeto do A.C Cordovil.³³⁰ Logo, era jogador de futebol amador. Aliás, foi bastante atuante em sua gestão, pois teria sido o responsável por melhorar a praça de esportes do clube para a temporada de 1931 que viria a facilitar a entrada na AMEA.³³¹ Nessa direção, movimentou a vida social do clube, por meio de encontros com direito a feijoada aos jogadores que atuavam como amadores na segunda divisão da AMEA.³³² Por vezes, estes festejos também ocorriam em datas comemorativas como o São Pedro.³³³ Mostrando, assim, que esses clubes não eram apenas voltados para a prática desportiva, mas também um local de sociabilidade com direito a “água que o passarinho não bebe”.³³⁴

Conforme presente no *Jornal dos Sports*, o Cordovil organizou um time formado inteiramente por “gente de côr”.³³⁵ Ainda de acordo com a reportagem, “o interesse

³²⁶ No primeiro treino para o festival confirmaram os seguintes nomes: Adhemar, Aragão, Fraga, Tinoco, Ferro, Oscarino, Otto, Marcello, Chagas, Ladislau, Gradim, Almeida, Jarbas e Orlando. Ver: “Para o festival pró família do back Rodrigues” *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16. fev. 1933, p.4.

³²⁷ “Vae iniciar-se o preapro do selecionado dos brancos” *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16. fev. 1933, p.4.

³²⁸ HAMILTON, Aidan. **Um jogo inteiramente diferente**. Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico. Rio de Janeiro: Grijalva, 2001, p. 44.

³²⁹ Hamilton, *Op. Cit*, 2001, p. 44.

³³⁰ “O Director sportivo do Cordovil”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 18 de março de 1931, p. 2.

³³¹ “O Campo do Cordovil”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 20 de março de 1931, p. 2.

³³² “A.C Cordovil”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1931, p. 3.

³³³ “As festas de S. Pedro no campo do Cordovil”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 28 de Junho de 1931, p. 2.

³³⁴ “A.C Cordovil”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 2 de maio de 1931, p. 2.

³³⁵ “A exibição do Cordovil em S. Paulo”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1931, p. 1.

despertado por essa competição é grande (...) pela interessante originalidade que constituem os dois quadros”.³³⁶ Esse estereótipo racial veste camisas, shorts, meias e chuteiras do que Aníbal Quijano chamou de colonialidade.³³⁷ Afinal, para o autor, a “Europa se pensara a si mesma como espejo del futuro de todas las demás sociedades y culturas; como el modo avanzado de la historia de toda la espécie”. A percepção do mundo e, por extensão, dos esportes, não pode ser dissociada da máxima elaborada por Quijano a partir da problematização das “razas”, “etnias” ou das nações que foram exploradas e violentadas a partir da colonização.³³⁸ Por isso, neste trabalho, se assume que as “raças” são construções históricas de dominação.

Conforme foi possível encontrar no *Jornal dos Sports*, a turma carioca que rumou a São Paulo era, em sua grande maioria, conhecida. O Zezé, Domingos da Guia e Sá Pinto, Marcello, **Aragão** e Ferro, Sobral, Ladislau da Guia, Maméde da Guia e Leônidas da Silva, Jaguarão, Seziano, Canhoto, Natal e Tinduca foram os jogadores que representaram o A.C Cordovil e a AMEA. Destes nomes, cinco eram do Bangu A.C em 1931, são eles: Domingos, Ladislau, Sá Pinto, Zezé e Jaguarão.³³⁹ Vários destes nomes estarão vinculados ao festival em homenagem ao falecido zagueiro do Botafogo F.R dois anos depois. Fazendo com que o historiador possa especular uma rede de contato que ultrapassa as noções clubísticas.

Renato Coutinho manifesta que foi na década de 1930, quando o *Jornal dos Sports* estava se desenvolvendo, que se iniciaram diferentes projetos de construções de identidades clubísticas. Com isso, formulou-se um panorama de investigações do campo esportivo brasileiro que se alinhavam às representações coletivas clubísticas que, em sua maioria, não divergiam dos mecanismos sociais e simbólicos do futebol que se tornaria elemento de formação da identidade brasileira.³⁴⁰

Um dos responsáveis pelo festival, que ocorreu no dia 19 de março de 1933, na sede do Andarahy, teria sido, segundo Aragão, em entrevista ao *Jornal dos Sports*, o tenente Euzébio de Queiroz.³⁴¹ Euzébio, teve como subordinado, vários jogadores de futebol da

³³⁶ Idem. Nota 335.

³³⁷ Conforme defende Quijano, as condições de dominação impostas aos povos do sul, reorienta “o dominado a olhar-se com os olhos do dominador”. São nestes termos que a superioridade européia, o saber eurocêntrico se validam e hegemonizaram na América Latina. QUIJANO, Anibal. Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru. *Estudos Avançados*, [S.l.], v. 6, n. 16, p. 73-80, dez. 1992, p, 18.

³³⁸ Quijano, *op.cit.*, 1992, p. 12.

³³⁹ “O Cordovil em S. Paulo”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1931, p. 1.

³⁴⁰ COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior: O Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933-1955)**, 196 f., Tese (Doutorado), Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

³⁴¹ Ao longo da pesquisa houve a tentativa de mapeamento desses jogadores que trabalhavam na Polícia Especial e que tipo de atividade eles executavam. Além de rondas, era bastante comum a presença de equipes da Polícia Especial em homenagens, aniversários e outros eventos. Os quadros eram compostos, em sua maioria, por

Capital.³⁴² Entre os jogadores citados, o ex-operário da Fábrica Bangu e ex-atleta do Bangu A.C, Domingos da Guia, no ano de 1932 troca o time do subúrbio do Rio de Janeiro por outro time suburbano, o Vasco da Gama. Contudo, não jogou no primeiro time devido a lei do estágio.³⁴³ Sem poder jogar futebol como amador marrom e fora da fábrica Progresso Industrial do Brasil, Domingos trabalharia como “polícia especial”.³⁴⁴ Aliás, ao que parece, quase todos os Antonio da Guia faziam parte da Polícia Especial. Assim como Domingos, seus irmãos Ladislau e Mamede (Médio), ambos jogadores de Bangu A.C, e Elidio também trabalhavam na Polícia Especial sob comando do tenente Euzébio Queiroz.³⁴⁵

homens de equipes pequenas do Rio de Janeiro. Em alguns casos a imagem de Ladislau aparece anunciando determinado evento, mas seu nome não está presente na escalação do time que é composto por muitos jogadores que jogavam na primeira ou segunda divisão da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA). São jogadores de time como: Del Castilho, Anchieta, Bandeirantes, Engenho de Dentro, Everest, Cocotá, Modesto e Central. Vale mencionar que vários desses clubes também são nomes de bairros. E vários destes bairros ficam geograficamente distantes das zonas da elite. Ver: “O festival nocturno do Engenho de Dentro em homenagem ao chefe da Polícia”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1933, p. 5; “O agradecimento do Back Aragão”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 de março de 1933, p. 1

³⁴² “Como é sabido a Polícia Especial é um “viveiro” de sportman”. Ver: “A polícia especial não prejudicará aos jogadores de football”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 de março de 1933, p. 4.

³⁴³ João Malaia afirmou que, embora a imposição ao estágio obrigatório em um mesmo time tenha sido promulgada, isso não quer dizer que a legislação vigente tenha sido efetiva. O historiador aponta isso em seu estudo acerca do Vasco da Gama e os jogadores que atuaram neste período: “As rendas provenientes da venda de ingressos num estádio como São Januário faziam do Vasco da Gama uma equipe poderosa, formada por vários jogadores profissionais, muitos deles das seleções cariocas e brasileiras”. Malaia, *Op. Cit*, 2010, p. 361.

³⁴⁴ Na entrevista para o Museu da Imagem e do Som (MIS), Domingos da Guia relata diversos ofícios ocupados por ele antes de se tornar apenas jogador de futebol profissional. Dentre eles estavam: funcionário da fábrica de Bangu, mata-mosquito e calçadeiro de pedras na rua. O ofício de policial não era um deles. Moraes, *Op. Cit*, 2002, p. 183.

³⁴⁵ Ao longo da pesquisa houve a tentativa de mapeamento desses jogadores que trabalhavam na Polícia Especial e que tipo de atividade eles executavam. Além de rondas, era bastante comum a presença de equipes da Polícia Especial em homenagens, aniversários e outros eventos. Os quadros eram compostos, em sua maioria, por homens de equipes pequenas do Rio de Janeiro. Em alguns casos a imagem de Ladislau aparece anunciando determinado evento, mas seu nome não está presente na escalação do time que é composto por muitos jogadores que jogavam na primeira ou segunda divisão da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA). São jogadores de time como: Del Castilho, Anchieta, Bandeirantes, Engenho de Dentro, Everest, Cocotá, Modesto e Central. Vale mencionar que vários desses clubes também são nomes de bairros. E vários destes bairros ficam geograficamente distantes das zonas da elite. Ver: “O festival nocturno do Engenho de Dentro em homenagem ao chefe da Polícia”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1933, p. 5. Além disso, as relações com o mundo dos esportes não se encerram nesses nomes. Os irmãos Carlos e Hélio Gracie, ambos do universo das Artes Marciais, também trabalharam como policiais especiais. Vale mencionar que Hélio Gracie, ao longo da década de 1930, fez e promoveu o movimento integralista brasileiro, o braço do fascismo no Brasil. Essa variedade de personagens demonstra a complexidade não só do período, mas da importância de se estudar o futebol para além das quatro linhas. Ver: WILKSON, Adriano. “Nos anos 30, Hélio Gracie foi membro do integralismo, o fascismo brasileiro”. UOL, 9 de agosto. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/lutas/ultimas-noticias/2020/08/09/nos-anos-30-helio-gracie-foi-membro-do-integralismo-o-fascismo-brasileiro.htm>. Acessado em: 23 de julho de 2021. Ver também um trabalho de divulgação científica na área de história sobre a relação do esporte com ideologias fascista no *podcast*: Pesquisa Esporte Clube (PEC): Corpo, Esporte e Integralismo com Leandro Gonçalves e José Tuffi. Entrevistados: Leandro Gonçalves e José Tuffi. Entrevistadores Gabriel Estrella D’Ávila, Lucas Petitdemange e Marcelo Viana Araújo Filho. [S.I.]. #Ludosfera, 7 de dezembro de 2020. Podcast. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/pec-corpo-esporte-e-integralismo-com-leandro-goncalves-e-jose-tuffi/>. Acessado em 20 de julho de 2021.

O *Jornal dos Sports* se apoiou no fator “ineditismo” para divulgar o evento. O festival em homenagem ao zagueiro Rodrigues, foi um “espetáculo inédito com fins humanitários que ditam a atraente reunião”.³⁴⁶ O time de camisa preta ou “seleção de côr” treinou ou no campo do Andarahy ou no campo do Bonsucesso e, para acompanhar de perto a preparação, era cobrado ingresso. Em um deles, o *Jornal dos Sports* escreveu que sem a presença de todos os “convocados”, arrecadou-se 23\$000 e todo o valor “foi entregue aos beneficiados com a iniciativa”.³⁴⁷

Diante deste cenário, temos o caso de um evento de participação popular na jovem República. República essa que outrora criou estratégias que coibiram a participação do “povo”, como também explana Pereira.³⁴⁸ Portanto, diante de um caso trágico, surgiu a oportunidade de disputar o espaço não só no noticiário esportivo como, também, uma forma de afirmar os seus posicionamentos e as suas formas de agir no mundo. Na grande maioria das reportagens, encontramos o rosto de jogadores negros que treinavam para uma partida de camisas pretas *versus* camisas brancas. Eram pessoas, como Aragão, que estavam na linha de frente da organização e queriam fazer algo grande por um dos seus que partiu. Mas era mais do que isso. Era também ver aparecer personagens que “sumiram” e tinham seus nomes divulgados na imprensa como entusiasmo, como o *Keeper Zezé*, o “gato preto”, operário que atuava pelo Bangu A.C. Com isso, olhar o cotidiano da imprensa e ver rostos como o de Aragão, do Sá Pinto, do Marcello, do Ferro, Oscarino e outros, não representa, apenas, a recuperação de algumas de suas atitudes, mas o reconhecimento e identificação de suas ações humanísticas que extrapolam a razão clubística e direcionam a atenção para uma forma de solidariedade de classe.

Enquanto isso, o profissionalismo ganhava formas e passaria a ser regulamentado. Os dirigentes de clubes como: Botafogo, Flamengo, América e outros vinham fracassando em sua tentativa de coibir o profissionalismo. Não à toa eles recorreram à uma invenção “moderna”, o rádio, para defender o *ethos sportman*.³⁴⁹

Por isso, também, optou-se por historicizar este evento. Pois, entende-se a prática esportiva como catalisadora de redes de sociabilidade que estiveram em constante movimento.³⁵⁰ E o dinamismo dos relatos, dos acontecimentos ganham forma na medida em que procuramos por eles ou temos acesso. Entre 1892 e 1902, existiu uma maior abertura

³⁴⁶ “Pretos e brancos numa batalha sensacional”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 8 de março de 1933, p.1.

³⁴⁷ “Mais um treino dos players de côr”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 10 de março de 1933, p. 6.

³⁴⁸ Pereira, 2020.

³⁴⁹ “O amadorismo através do espaço”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15. mar. 1933, p. 3.

³⁵⁰ Essa afirmação veio da leitura da obra de Gilmar Mascarenhas. Seu livro convida o leitor a mergulhar na complexidade de redes que um jogo, como o futebol, pode criar. Ver: Mascarenhas, 2014.

para filhos de brasileiros ou de ascendência inglesa na prática do críquete e do futebol, como informa Melo.³⁵¹ Algumas décadas depois, trabalhadores urbanos e jogadores de futebol realizaram, porque não, um dos eventos inaugurais da temporada de futebol de 1933.

Conforme registrou *O Globo*,

A praça de sports do alvi-verde estava completamente cheia. Foram jogadas quatro partidas. A primeira foi disputada entre o combinado Rodrigues formados por *players* da AMEA, e o Macao F.C, vencendo estes por 3x2. O segundo encontro da tarde foi entre o Humaytá e o combinado verde e branco, vencendo com galhardia a equipe do Humaytá, por 3x2. A semi-final foi entre o team da Policia Especial e um quadro formado por elementos da 2ª divisão da AMEA. Este encontro foi mais fraco da tarde, pois o team da Policia Especial não encontrou a menor dificuldade para derrotar o seu adversário pelo elevado score de 8x1. O jogo principal, entre os quadros de Pretos e Brancos, foi a melhor de todas as partidas resolvidas. A victoria conquistada pelo quadro dos Pretos, foi merecida. O team Branco jogou mal, principalmente o segundo tempo (...). No quadro vencedor, todos actuaram de maneira satisfatória (...).³⁵²

O time vencedor da noite, o time “Preto”, o time formado por negros, esteve em campo com os seguintes nomes: “Zezé; Aragão e Fraga; Ferro, Arnó e Caudionor; Astor, Ladislau, Gradim e Miro”.³⁵³ Uma observação curiosa foi que Miro jogou pelos dois times.³⁵⁴ Torna-se imprescindível compartilhar que o Flamengo, que teve alguns jogadores escalados no “time branco”, e por essa razão cancelou o treino que ocorreria no dia do evento. O clube, aliás, estava se preparando para excursionar na região do Rio da Prata (Argentina e Uruguai) que já praticava o futebol profissional.³⁵⁵

Casos como o relatado aqui a partir da imprensa evidenciam que operários, trabalhadores urbanos que jogavam futebol podem ser protagonistas de eventos não só dentro de campo, como jogadores, mas fora dele. Paralelamente, comprova o processo de ascensão e atuação de jogadores negros, ao disseminar a sua própria experiência e se posicionar diante de situações em que lhes é possível atuar. Parte dos agentes da narrativa presente puderam dar seus primeiros chutes dentro da fábrica, nos espaços descampados dos subúrbios, de forma

³⁵¹ Melo, 2020.

³⁵² *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de março de 1933, p. 2.

³⁵³ Idem. 352.

³⁵⁴ Idem. 352.

³⁵⁵ Provavelmente a excursão do jogo que tornou o goleiro amador Eloy em profissional como o leitor poderá encontrar no capítulo 3. “A solidariedade do Flamengo ao festival de Rodrigues”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 de março de 1933, p. 2.

improvisada. Nesse sentido, a lógica do futebol praticado a partir da fábrica como um dos mecanismos de controle da empresa sobre seus empregados é parte do cotidiano desses trabalhadores, mas não os define por inteiro.

Outras questões importantes foram expostas como a relação de um jogador de futebol amador e sua família. Como os laços de dependência econômica e social se vinculam a questões da ordem do dia como a profissionalização do jogador de futebol. Logo, um trabalhador da bola que necessitaria de garantias em caso de invalidez. Por fim, abordamos e trabalhamos algumas conexões entre trabalhadores urbanos que praticavam o futebol. Buscamos por meio de uma reflexão de raça e classe, unir elementos que direcionam para a necessidade que o jogar futebol, não seja encarado apenas como lazer, uma prática lúdica ou como uma oportunidade de se destacar entre os trabalhadores. Mas sim, uma ação política.

Luiz Burlamaqui, mostra em seu trabalho o quanto a ascensão de jogadores oriundos de camadas populares incomodou familiares de abastados como, João Havelange, que na época era atleta do Fluminense e posteriormente ocuparia o cargo de maior importância no futebol mundial, o de presidente da FIFA.³⁵⁶ Não à toa, em uma de suas entrevistas que o historiador apresenta em seu livro, Havelange, cita “os três irmãos negros do Bangu, os jogadores Ladislau, Médio e Domingos” para falar de homens formidáveis e, ao mesmo tempo, explanar o motivo de ter largado o futebol. Quando questionado a respeito abandonado esse esporte, Havelange explica: “porque havia o profissionalismo”.³⁵⁷

Por fim, o epílogo da obra de Sidney Chalhoub foi uma grande inspiração para a confecção deste tópico da dissertação. Sobre tudo a seguinte referência: “O ponto de partida é, portanto, distante de qualquer originalidade, mas é um ponto de partida simplesmente humano e existencial”.³⁵⁸ Soma-se a isso o acesso às fontes impressas que puderam revelar uma experiência que possibilitou a escrita da história que se pretende seguir executando, aquela “vista de baixo”. Porém, não podemos perder de vista que “o advento do profissionalismo não diz respeito exclusivamente a uma mudança de estatuto jurídico, mas coloca problemas de conotação social e ordem política”.³⁵⁹

³⁵⁶ BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)** / Luiz Guilherme Burlamaqui. – São Paulo: USP-Capes; Intermeios; Fapesp, 2020.

³⁵⁷ Burlamaqui, *Op. Cit.*, 2010, p. 191-192.

³⁵⁸ Chalhoub, *Op. Cit.*, 2012, p. 346.

³⁵⁹ DIETSCHY, Paul Apud BURLAMAQUI, Luiz, 2020, p. 192.

2. 2 - O “DISSÍDIO ESPORTIVO” E O BANGU A.C.

Uma fábula encontrada no *Jornal do Brasil* sintetiza bem o ressentimento de alguns jogadores abastados, de dirigentes esportivos e de uma imprensa que atuava em uma lógica empresarial, cujo “público influía nos jornais e era influenciado pelos jornais; e essa relação (...) que, mais adiante, tanto pesariam na orientação dos periódicos”.³⁶⁰ A defesa ou à crítica ao profissionalismo, dentro dos periódicos, representam o encontro de visões distintas para uma coisa em comum: a prática do *Football Association*.³⁶¹

Não era difícil encontrar grandes manchetes divulgando a tentativa de uma liga profissional como “praga” de “mercadores do *sport*”,³⁶² um desvio moral da funcionalidade que o esporte deveria exercer. Afinal, sob a égide do *fair play* e apostando na “nobreza” do jogo, a elite via diante de si a perda do monopólio dessa prática. Por isso, encontrar testemunhos que reforçam os discursos de parcelas dessas elites – que se sentiam fundadoras – da prática do futebol como mecanismo de fomento à “elementos civilizatórios” não era uma tarefa árdua. Afinal, “la norma amateur era un instrumento de la guerra de clase”.³⁶³

Nos parece interessante pontuar que o *Jornal do Brasil*, por exemplo, incorporava em seu cotidiano de publicação uma enorme variedade de registros. Contudo, quando o assunto era profissionalismo, sobretudo em 1933, eram valorizadas as representações das elites. Sem mais nem menos, sob a fórmula de crítica, valorizou-se símbolos de uma cultura cosmopolita, neste caso, uma fábula em francês. Se como mecanismo de exclusão a AMEA exigia que esses jogadores soubessem escrever seus nomes, podemos considerar que a reportagem foi escrita para um público bem específico.³⁶⁴

Não obstante, reconhece-se as fábulas como poderosas ferramentas de comunicação e aprendizagem, principalmente quando deseja-se capturar um sentimento moral sobre determinado período histórico. Afinal, são recursos literários necessários à vida.

Vale referenciar que, na época, o *Diário D’esportivo*, setor de esporte do *Jornal do Brasil*, era o “órgão oficial das entidades desportivas”.³⁶⁵ Foi neste setor que encontrou-se a fábula em questão: *La génisse, la chèvre et la brebis en Société avec le lion* (A novilha, a

³⁶⁰ Sodré, *Op. Cit.*, 1999, p. 356.

³⁶¹ O *Football Association* é a prática de futebol presente no livro de regras redigido por jovens ingleses. Segundo Arlei Sander Damo, seria o conjunto de códigos que direciona ao futebol espetacularizado, monopolizado e sob controle da FIFA-IB. Ver: Damo, 2002. Consta também no Art. 2º do estatuto original da Liga Carioca. Ver: *O Globo*, Rio de Janeiro, 21. Jan. 1933, p. 1.

³⁶² “A praga do profissionalismo no football carioca”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31. Jan. 1933, p. 17.

³⁶³ Idem. Nota 30.

³⁶⁴ Idem. Nota 362.

³⁶⁵ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31. Jan. 1933, p. 17.

cabra e a ovelha em sociedade com o leão), do poeta francês Jean de la Fontaine.³⁶⁶ Em linhas gerais, trata da novilha, da cabra e sua irmã ovelha que dividiriam uma presa, um alimento, com o leão. O alimento, que na fábula trata-se de um veado, seria dividido em quatro partes. Em tese, um para cada um. Todavia, o Leão, o mais forte, acaba ficando com todas as partes e vai justificando as razões para não dividir o alimento com os demais até que reste a violência. Logo, o leão ficaria com todo o alimento e os demais animais passariam fome. Após a fábula, presente na reportagem do *Jornal do Brasil*, o jornalista M. Cabral Soares, conclui: “Parece-me que a adaptação da fábula está quase perfeita, pois coincide até nos números de bichos”.³⁶⁷ Esses “bichos” seriam os seguintes clubes: América, Vasco da Gama e Bangu. O leão, para Soares, seria o Fluminense e o alimento, em tese, o *Football Association*. Vale mencionar que o campeonato da AMEA era vinculado à CBD que estava vinculada à FIFA.³⁶⁸ Até o momento da coluna, ventilava-se que América, Vasco e Bangu estavam dispostos a adotar o novo modelo. Além destes, o Bonsucesso entraria no esquema. Posteriormente, o Flamengo e o São Cristóvão vão abandonar o campeonato da AMEA e, então, entrarão no campeonato dos clubes com jogadores profissionais.

Papéis impressos, como o *Jornal do Brasil* e *O Globo* na década de 1930, podem ser compreendidos como agentes dialéticos entre a esfera pública que permitia a adoção de uma “opinião pública” e um ator político capaz de afetar processos e tomadas de decisões.³⁶⁹ Na obra de Sodré, periódicos como o *Jornal do Brasil*, *O Globo* e o *Jornal dos Sports*, faziam parte do que o autor chamou de “A grande imprensa”. Estes, se inseriram em um primeiro momento em um contexto de “imprensa política” e, logo em seguida, se adaptaram para uma “imprensa burguesa”.³⁷⁰ Porém, se atentar apenas a isso seria ignorar a constante relação entre o lazer que emergia ao final do século XIX e início do século XX, sobretudo dos trabalhadores, e sua aproximação com uma imprensa de caráter mais comercial. Essa relação, segundo Leonardo Pereira, pode ser compreendida como “negociações impressas”.³⁷¹

³⁶⁶ Poeta do século XVII.

³⁶⁷ SOARES, M. Cabral. “A praga do profissionalismo no football carioca”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1933, p. 17.

³⁶⁸ Uma pesquisa com foco nas Instituições que organizavam o jogo no Brasil foi produzida por Sarmento. Ver: SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da Nação Canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol 1914-1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013

³⁶⁹ Em certa medida, os clubes da chamada elite do Rio de Janeiro e a imprensa empresarial representavam um corpo social burguês que mediava os debates. Para Habermas o espaço público seria o local onde se constrói uma opinião pública que, embora tendo editorial próprio, esses jornais apresentavam e representavam os interesses públicos sobre determinado tema. Ver: HABERMAS, J. **Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

³⁷⁰ Com a virada do século XIX para o XX, segundo Sodré, “a transição da pequena à grande imprensa”. Sodré, *Op, Cit*, 1999, p. 275. Nesse período, conforme presente na obra de Sodré, a imprensa estariam “nitidamente estruturadas em moldes capitalistas”. Ver: Sodré, *Op, Cit*, 1999, p. 355.

³⁷¹ Pereira, 2016; 2020.

Segundo Bernardo Buarque de Hollanda, o *Jornal dos Sports* adotou um “posicionamento político do jornal ante as possibilidades franqueadas pela conjuntura da época ia ao encontro de uma progressiva estruturação do campo esportivo. Os motivos parecem óbvios, em virtude dos interesses comerciais advindos da implantação do profissionalismo no futebol”.³⁷² Logo, demarcava-se uma clara distinção com periódicos como o *Jornal do Brasil*.

O *Jornal do Brasil*, enquanto órgão noticioso, objetivava o Bangu A.C como “humilde”, “sympathico” e “pobre”, quando tratava-se do profissionalismo.³⁷³ Levantava-se a hipótese de que o Bangu A.C não conseguiria sustentar os custos onerosos do modelo profissional. No mesmo texto, a seguinte afirmação: “O Fluminense, o Vasco e o América fariam empréstimos ao Bangu daquela importancia que será paga com renda futura. (...) É ahi está como o veterano e querido club suburbano vai encrençar-se a espera de rendas que nunca chegarão”.³⁷⁴ Não era apenas o clube do Bangu A.C que recebia qualificações de periódicos com o *Jornal do Brasil* e *O Globo*, que o colocavam em dúvida em relação às suas capacidades enquanto clube que adotaria o modelo profissional.³⁷⁵ Na mesma matéria trabalhada no parágrafo anterior, estabelecia-se juízos de valor entre aqueles que detinham “a dimensão fundamental do ethos das “elites” burguesas” e aqueles que recebiam para praticar o futebol.³⁷⁶ Existia, portanto, em parte da imprensa uma construção de que aqueles que recebiam o “bicho” para defender as cores de um clube eram vistos como “vagabundo” ou “malandro remunerado” por parte dos *sportman* da elite e de alguns periódicos.³⁷⁷ No *Jornal do Brasil*, aqueles que desejavam a implementação do novo regime eram chamados de “moralisadores” e, por vezes, engrandeciam as agremiações que repudiaram, que contestaram a “mercantilização do football”.³⁷⁸ E os jogadores que aceitassem se profissionalizar eram taxados de fujões.³⁷⁹

³⁷² Hollanda, *Op. Cit.*, 2012 p. 86.

³⁷³ “A praga do profissionalismo no football carioca”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31. Jan. 1933, p. 17.

³⁷⁴ Idem. Nota 372.

³⁷⁵ “as cousas no Bangu não andam boas”. *Jornal do Brazil*, Rio de Janeiro, 2. fev. 1933, p. 17;

³⁷⁶ O profissionalismo no *Jornal do Brasil* era entendido como “a inversão da finalidade” da prática esportiva. Pois, o esporte “desde os primórdios da civilização humana têm sido praticados com o intuito de fortalecer o physico, o moral e o caráter”. Ver: “A praga do profissionalismo no football carioca”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22. fev. 1933, p. 20. Ver, também: Bourdieu, *Op. Cit.*, 1983, p. 5.

³⁷⁷ Essa elite não era exclusivamente carioca. O ato de pagar um jogador para praticar o futebol, era um problema para alguns setores da elite no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Minas Gerais. Ver: “Será possível? jogadores cariocas classificados como “profissionais” e “aguiaes””. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1930, p. 7.

³⁷⁸ “A praga do profissionalismo no football carioca”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3. fev. 1933, p. 17.

³⁷⁹ “A praga do profissionalismo no football carioca”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 22. fev. 1933, p. 20.

Por essa razão, ao mesmo tempo que o jornal capta a “sensibilidade social”,³⁸⁰ ele é capaz de refletir uma historicidade que talvez seja mais difícil de encontrar em outras tipologias documentais, conforme desenvolveu Luca.³⁸¹ Diante deste cenário, o debate entre amadorismo e profissionalismo no futebol reverbera até mesmo entre aqueles que eram mediados pela emoção dos torcedores.³⁸²

Como discurramos há pouco, as tensões acerca do profissionalismo eram anteriores à data. Ainda assim, alguns historiadores como Maurício Drumond vão afirmar que “O processo que deu início ao profissionalismo no Rio de Janeiro foi caracterizado por uma forte disputa entre grupos antagônicos na política esportiva, que se confrontaram entre 1933 e 1937”.³⁸³ Recortes temporais à parte, seria de grande importância observar como o Bangu A.C se organizou para esse modelo e tentar mapear as formas de participação da associação atlética nesse processo.

De acordo com o *Jornal dos Sports*, o primeiro mês do ano de 1933 foi de movimentação política na sede do Bangu A.C, pois haveria uma assembleia geral para formação do quadro presidencial que comandaria o clube naquela temporada.³⁸⁴ Na ocasião, havia duas chapas disputando a direção do clube. Na primeira, a situação com o Sr. José Alberto Guimarães, engenheiro da fábrica Bangu, e a segunda com o Sr. Pedro Reis que já havia sido presidente do clube no biênio de 1929 e 1930.³⁸⁵

Segundo o *Jornal dos Sports*, ambos os presidentes seriam “mestres iguais”, pois realizaram administrações esportivas decentes em seus mandatos.³⁸⁶ Por isso, a grande diferença entre eles era a opinião a respeito do profissionalismo. Se por um lado, o Sr.

³⁸⁰ PESAVENTO, 2008, p. 368 apud BUARQUE DE HOLLANDA; MELO, 2012. Ver: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012.

³⁸¹ Luca, 2005.

³⁸² Em 1931 o jornal *O Globo* publicou uma entrevista de jogadores como Ennes, jogador que “merece reverência” por, assim como Preguinho, do Fluminense, e outros que são reconhecidos como “amadores inconfundíveis”, por serem “meros palhaços” por jogar sem receber. Um dos principais argumentos elencados a respeito da “crise” que o futebol atravessava era o fato de que a “a torcida não acredita no amadorismo”. “Só há no mundo uma casa de diversões em que o palhaço não recebe: o campo de foot-ball”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 de julho de 1931, p. 8.

³⁸³ Drumond, 2015, *Op. Cit.*, p. 73.

³⁸⁴ “O pleito do Bangu A.C”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1933, p. 1.

³⁸⁵ Coronel Antônio Pedroso Reis, nascido na Bahia, foi um ex-presidente do Bangu A.C e de outros clubes como o Engenho de Dentro A.C que ficou conhecido no impresso pela sua aproximação com as religiões afro-brasileiras, pelo gosto pela música e carnaval. Gostava de uma “Fuzarca dos diabos!”. Ver: “Seu Pedroso está numa fuzarca do Diabo!”. *A Batalha*, Rio de Janeiro, 2 de março de 1930, p. 4. E, também, por ter organizado a primeira grande excursão do Bangu A.C. O destino foi Salvador, sua terra natal. O historiador e banguense, Carlos Molinari, escreveu uma coluna sobre o presidente do biênio 1929/1930 do Bangu A.C no Caderno de Esportes. Ver: <https://historiadoresdosportes.wordpress.com/2020/05/02/4091/>. Acessado em: 22/06/2021.

³⁸⁶ Idem. Nota 384.

Alberto Guimarães era partidário do regime profissional, por outro, o coronel “seu” Pedroso Reis era favorável ao regime vigente, o amador. Essas tensões não ocorriam apenas no Bangu A.C e podem ser identificadas em um cenário nacional e até mesmo internacional.³⁸⁷

No ano de 1932, quando se anunciou a tentativa de fundação de uma Liga de profissionais, Pedroso Reis foi a público, em entrevista dada ao jornal *O Globo*, como uma voz “autorizada”³⁸⁸ por ser o “ex-presidente do Bangu e que hoje é a palavra maxima no Engenho de Dentro A.C”.³⁸⁹ O dirigente esportivo temia a debandada de *players* dos pequenos clubes para os da primeira divisão por conta da profissionalização. A perda de bons elementos para os de maior poder aquisitivo não era o único problema para Pedroso Reis. Ele acreditava que os clubes da primeira divisão também teriam dificuldade de se filiar à Liga: “Muitos não poderão pagar, ou se fizerem ficarão encalacrados, como sejam o Olaria, Bangu, Carioca, Bonsucesso, Brasil e etc”.³⁹⁰ Diante deste cenário, o que estava em jogo no Bangu A.C era a disputa pelo futuro do clube.

O resultado eleitoral foi amplamente favorável à situação. Com o total de 217 votos contra 63, o Alberto Guimarães se reelegeu presidente do Bangu A.C. A oposição, derrotada, na figura do “Seu” Pedroso Reis, acabou tendo como resolução, o regresso à presidência do clube de Engenho de Dentro.³⁹¹

No livro, *A construção da Nação Canarinho*, Sarmiento apresenta a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) como uma entidade abertamente favorável ao amadorismo e que essa posição trouxe ruídos no final dos anos 1920 e começo de 1930.³⁹² A AMEA era vinculada à CBD. E alguns países que a entidade realizava cooperação estavam emigrando para o novo regime. Essa postura sofreu novo abalo, uma vez que, na década de 1930, “o interesse manifesto de clubes estrangeiros em contratar atletas brasileiros e a política de valorização do trabalhador do governo Vargas” vinha se consolidando.³⁹³ Em estudo mais recente, o historiador Luiz Guilherme Burlamaqui expõe que a FIFA, ao longo da década de 1920, adotou um princípio de não intervenção no debate entre amadorismo e profissionalismo. Segundo o autor, no congresso organizado pela entidade em 1928, já havia

³⁸⁷ Idem. Nota 384.

³⁸⁸ A antropóloga Simoni Lahud Guedes (2011) escreveu um artigo sobre as falas que seriam melhores aceitas no debate esportivo e aquelas que seriam “dissonantes”. Para a autora, o jornalismo esportivo, desde a década de 1920 se portava como uma voz “autorizada” do debate esportivo. Essa “voz” estava sujeita à uma “discutibilidade” entre os próprios enunciadorees da prensa esportiva como “especialistas”. Na entrevista de 1932, o jornal *O Globo*, trata o Coronel Pedro Reis como uma autoridade sobre o tema.

³⁸⁹ “A implantação do profissionalismo é a morte dos pequenos clubes”. *O Globo*, 30 de agosto de 1932, p. 1.

³⁹⁰ Idem. Nota 389.

³⁹¹ “O pleito do Bangu A.C”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1933, p. 4.

³⁹² Sarmiento, 2013.

³⁹³ Sarmiento, *Op.Cit*, p. 55.

uma certa maleabilidade para a situação, que pode ser confirmada pela primeira edição da Copa do Mundo, em 1930, na qual, segundo o autor, não definiram “uma distinção rígida entre profissionais e amadores”.³⁹⁴ De toda forma, nas palavras de Burlamaqui, “ainda que seja possível afirmar que suas atitudes mais gerais tenham favorecido a difusão do profissionalismo”, na década subsequente, “a adoção do futebol profissional nos principais centros da América Latina (Uruguai, Brasil, Argentina etc.) mostraria como medidas administrativas tinham impactos internacionais”.³⁹⁵ Ainda assim, a CBD “resistia tenazmente à ideia de oficializar as relações profissionais no esporte”.³⁹⁶

À luz da obra de Sarmiento, o profissionalismo era entendido como uma tentativa de desestabilização do grupo no poder e que estes seriam irredutíveis³⁹⁷. De forma mais detalhada, segundo Drumond a partir de leitura de Thomaz Mazzoni, foi um processo que se iniciou no Rio de Janeiro, com alguns dirigentes de clubes, e em São Paulo a partir da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), que elegeram alguns “delegados” para criar uma comissão que construiria as bases da legislação do jogador de futebol profissional, no Brasil. Além disso, da Liga Carioca de Futebol.³⁹⁸ Dentre os nomes responsáveis, encontram-se o do jovem Ari Azevedo Franco³⁹⁹, vice-presidente do Bangu A.C no ano de 1933⁴⁰⁰.

Segundo o *Jornal dos Sports*, em 1931, o juiz e professor Ari Azevedo Franco, ocupava a vice-presidência da AMEA.⁴⁰¹ Ainda segundo o mesmo jornal, no ano seguinte, tornou-se vice-presidente do Bangu A.C e abriu mão de continuar no cargo do Conselho de Julgamento da AMEA.⁴⁰² De acordo com reportagem lida no *O Globo*, Ainda no ano corrente

³⁹⁴ Burlamaqui, *Op. Cit*, 2020, p. 89

³⁹⁵ Burlamaqui, *Op. Cit*, 2020, p. 89-90.

³⁹⁶ Sarmiento, *Op. Cit*, 2013, p. 58.

³⁹⁷ Sarmiento, 2013.

³⁹⁸ MAZZONI, Thomaz, 1950, p. 236 Apud DRUMOND, 2020, p. 50.

DIETSCHY, Paul Apud BURLAMAQUI, Luiz, 2020, p. 192

³⁹⁹ Segundo o verbete disponível na FGV CPDOC, Ari Azevedo Franco nasceu em Vassouras (RJ), no ano de 1900 e em 1922 tornou-se bacharel em Direito. Concursado em 1925 como pretor da justiça, 1931 voltaria a faculdade de Direito do Rio de Janeiro e atuaria como professor até se tornar catedrático no ano de 1935. Além de ocupar importantes cargos na República e no Judiciário foi presidente da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos e da Liga Profissional de Futebol do Rio de Janeiro. Para mais, ver: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ari-de-azevedo-franco>. Acessado em: 14/02/2021.

⁴⁰⁰ Consultar o site disponível na íntegra: <https://bangu.net/futebol/titulos/1933.php>. Acessado em: 18/01/2021.

⁴⁰¹ “Ary Franco na vice-presidencia da AMEA”. *Jornal dos Sports*, 20 de junho de 1931, p. 3.

⁴⁰² “O Dr. Ary Franco não ficara no conselho”. *Jornal dos Sports*, 4 de fevereiro de 1933, p. 4.

e em 1933, além de vice-presidente do Bangu A.C, ocupou o cargo de redator da comissão de três que ficou responsável por formular o estatuto da Liga Carioca de Football.⁴⁰³

A Liga Carioca de Football foi elaborada no final do ano de 1932 e teve sua resolução final em 1933. O objetivo era manter vínculos com o antigo estatuto da AMEA e:

desenvolver e vulgarisar, no Districto Federal, o football association, que será disputado, entre clubes filiados, em campeonatos e torneios, com jogadores, profissionais e amadores, sendo obrigatória, como prova máxima, o campeonato profissional.⁴⁰⁴

O projeto teve influência das bases de regulamentação de futebol profissional da Argentina e da Inglaterra.⁴⁰⁵ Além disso, foi elaborada “no mais longo sigilo” por Arnaldo Guinle, Antonio Avellar e Ari Franco.⁴⁰⁶

Diante deste cenário, de intensa disputa como pode-se observar pelos relatos dos jornais, seria natural que o Bangu A.C fosse uma espécie de alvo daqueles que não desejavam a profissionalização. Afinal, era a agremiação que Ari Franco tinha vínculos clubísticos. A redação final esteve disponível e foi divulgada, ao menos no jornal *O Globo*, no dia 12 de janeiro de 1933.⁴⁰⁷ Antes desta data, o Bangu A.C, o São Cristóvão F.R e alguns outros clubes da AMEA, não haviam se posicionado a respeito do profissionalismo. Da parte do Bangu A.C, o começo do ano de 1933 começaria com eleição interna a ser realizado. O objetivo de fato foi conquistado, mas isso não era sinônimo de estabilidade.

Saiu na edição do dia 31 de janeiro de 1933, uma entrevista com o Fausto Guimarães de Almeida, ex-associado do clube do subúrbio, que foi até a redação do *O Globo* contestar a última eleição presidencial na agremiação suburbana.⁴⁰⁸ “Disse-nos o *sportman* banguense que justamente por isso, os jogadores do Bangú vão abandonar o club, caso elle seja governado pela directoria eleita”. Fausto Guimarães de Almeida se referia à reeleição do presidente Alberto Guimarães. “Quem na séde do Bangu compareceu, notou forçosamente

⁴⁰³ A comissão de três foi uma comissão escolhida para elaborar o projeto de regulamentação do profissionalismo. Era composto por Sr. Arnaldo Guinle, Antonio Avellar e Ari Franco. Ver: “Está concluido o projecto para a Liga Carioca de profissionais”.. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30. Jan. 1932, p.8.

⁴⁰⁴ “O profissionalismo no football. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1933, p.1.

⁴⁰⁵ “Está concluido o projecto para a Liga Carioca de profissionais”.. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30. Jan. 1932, p.8.

⁴⁰⁶ “O profissionalismo no football. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12. Jan. 1933, p.1.

⁴⁰⁷ Idem. Nota 404.

⁴⁰⁸ A situação do Bangu A.C era diferente de clubes como América e Fluminense. Ao menos para os jogadores. Pois, o emprego na fábrica ou em outros trabalhos trazia certa estabilidade. Por isso, se torna um assunto delicado, porque o modelo profissional era duvidoso em relação à certeza, embora, muitas vezes, precárias em que viviam. Com a mudança de regime, esses jogadores seriam obrigados a abandonar o emprego. Isso sem falar no risco de lesão e demais agravantes. Ver mais : “Uma crise no Bangú A.C?”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1933, p. 8.

que os operários da fábrica recebiam dos seus superiores os envelopes já com a chapa oficial”.⁴⁰⁹ Ainda segundo o entrevistado, “e para essa eleição foram admittidos como socios para mais de 150 operários, sómente para effeito de voto (...). O Bangu precisa de uma directoria que assista de perto as suas necessidades que viva no convívio do club e se interesse pelo seu futuro”.⁴¹⁰ Guimarães, conforme declarou ao redator do *O Globo*, questionou outras irregularidades como a ausência de balancete da última temporada, a ausência de convívio social como, por exemplo, festas no clube, o fato do Bangu jogar em campo adversário e não levar nem membros da diretoria. “Nem o thesoureiro”.⁴¹¹

Na mesma entrevista do parágrafo anterior, mais alguns elementos interessantes. Fausto Guimarães, o entrevistado do *O Globo*, afirmou que “Ladislau, Newton, Sá Pinto, Zé Maria, Eduardo. Sant’Anna, Medio, Plínio e outros já se declararam solidários com a nossa causa”.⁴¹² Estes nomes, embora atuassem pelo Bangu A.C, fossem associados do clube, não eram empregados da fábrica. Por outro lado, do quadro principal, tinha-se Sobral,⁴¹³ Busa e Dininho que eram empregados da fábrica Bangu.⁴¹⁴

Na capa da edição de 3 de fevereiro do *Jornal dos Sports*, uma entrevista do zagueiro banguense, Sá Pinto, com a seguinte chamada: “O veterano zagueiro declara que não autorizou a citação do seu nome numa entrevista recente”.⁴¹⁵ Embora as partes envolvidas não tenham sido citadas nominalmente na matéria do *Jornal dos Sports*, sabe-se que Sá Pinto “viu seu nome envolvido numa entrevista publicada nos ultimos dias num vespertino, na qual feitas allusões à situação actual da política interna do Bangú”.⁴¹⁶ Por essas razões, acredita-se que tenha sido uma resposta à entrevista de Fausto Guimarães ao *O Globo*.⁴¹⁷

A entrevista de Sá Pinto ao *Jornal dos Sports* revela algumas questões pertinentes sobre a situação do Bangu A.C e, também, do sentimento que viviam em relação à profissionalização do jogador de futebol.⁴¹⁸ Segundo, o zagueiro:

⁴⁰⁹ Idem. Nota 408.

⁴¹⁰ Idem. Nota 408.

⁴¹¹ Idem. Nota 408.

⁴¹² Idem. Nota 408.

⁴¹³ O *player* Sobral, na temporada de 1932, não foi jogar contra o time do Flamengo. A razão de não ter atuado pelo time alvirrubro se deu por razão de acidente de trabalho. Segundo relatos, o ponteiro esquerdo do Bangu A.C teria se machucado na oficina da Fábrica Bangu com uma barra de ferro. “Sobral soffreu um accidente”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1932, p. 2.

⁴¹⁴ Idem. Nota 408.

⁴¹⁵ “Sá Pinto e a política interna do Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1933, p. 1.

⁴¹⁶ Idem. Nota 415.

⁴¹⁷ Uma crise no Bangú A.C?”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1933, p. 8

⁴¹⁸ “Sá Pinto e a política interna do Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1933, p. 1-4

Eu realmente não fiquei satisfeito com o relativo pouco caso votado aos amadores por parte dos responsáveis pelos destinos do Bangú. O individuo que se esforça durante uma temporada por este ou aquelle club, merece bem que no fim desse esforço lhe reconheçam ao menos a dedicação. Isso, porém, não vem acontecendo no Bangú. (...) De hoje em diante, é claro que o meu ponto de vista terá de ser outro, porque, com a vinda do profissionalismo, o jogador terá obrigações de empregado para com o club que o contractar. Hontem, todavia, a situação não era essa dahi a magua que eu tinha guardada, que não viria a publico se não fosse a entrevista que mencionei acima. Foi ainda em consequencia desse meu jeito de pensar que votei no nome do coronel Pedroso para a presidencia do Bangú, porque na sua gestão os amadores tinham outro tratamento.⁴¹⁹

A entrevista de Sá Pinto revela uma consciência mais vinculada ao pertencimento, respeito e identificação com a agremiação do Bangu A.C do que, propriamente, um interesse pelo profissionalismo. O jogador mostrou-se descontente com a forma como as coisas foram ocorrendo na agremiação suburbana, mas não se opôs ao novo regime. Com isso, pode-se afirmar que o zagueiro aceitou a formação de novas relações dentro do clube a partir de uma visão de empregador e empregado. Ao ser questionado pelo jornalista, cujo nome não se encontra na matéria, acerca do profissionalismo, o zagueiro se limita a dizer que, para ele, só havia um amador no *football* carioca e era o Rafinha do Vasco da Gama. “É possível que existam outros, porém, dentre os que eu conheço intimamente a historia, só aquelle escapa”.⁴²⁰ E finaliza a entrevista no *Jornal dos Sports*, com a seguinte colocação: “Mesmo que eu não venha a ingressar no profissionalismo, por não poder conciliar os interesses do football com o meu emprego actual, não mudarei de opinião, porque sei que todos os meus companheiros do Bangú e de outros clubs vão lucrar com a innovação”.⁴²¹

A descoberta de uma vida pública e laboral fora da conexão clube, sede social, e a fábrica de tecidos de Bangu, se torna de suma importância para compreendermos a autonomia que alguns desses jogadores tinham na tomada de decisão em relação ao seu futuro. Por exemplo, na temporada de 1932 o Bangu A.C perdeu três titulares do primeiro time, são eles: o goleiro Zezé⁴²², o jogador de lado de campo Jaguarão e o Domingos da Guia.⁴²³

⁴¹⁹ “Sá Pinto e a política interna do Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1933, p. 4.

⁴²⁰ Idem. Nota 419.

⁴²¹ Idem. Nota 415.

⁴²² O goleiro Zezé, na temporada de 1931, sofreu um acidente na fábrica Bangu que o tirou de algumas partidas. Ver: “O Bangú não terá, amanhã, o concurso do keeper Zezé”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 23. mai. 1931, p. 4.

⁴²³ Os três jogadores fizeram parte do time principal nos anos 1931 e 1932. O goleiro Zezé, o atacante Jaguarão (cujo nome verdadeiro era Cyrillo Campello) e o zagueiro Domingos da Guia, ambos futebolistas negros, saíram do Bangu A.C na temporada de 1932 e acabaram enquadrados na Lei do Estágio. Os dois primeiros tiveram os seus registros cassados junto à AMEA em pedido protocolado pelo próprio Bangu A.C. A razão? Segundo o tenente Balthazar, ao *Jornal dos Sports*, “(...) Os amadores eliminados do club o foram merecida e justamente. Tanto Zezé, como Jaguarão e Domingos, fiseram jus a essa punição. Entre outras coisas, esses elementos andavam a propalar que iam jogar potars ou quaes clubs, assignavam inscripções, envergavam outras camisas (...)”. Ver: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 9. Jan. 1932, p. 4. Essas situações demonstram uma aparente

No ano de 1932, em entrevista ao *O Globo*, Jaguarão, que é original do Rio Grande do Sul, afirmou ser favorável ao profissionalismo. Segundo o jogador:

Eu sou pelo “mercado de cracks” não só porque moralisa mais o nosso football como também devido à garantia que tem o jogador em qualquer oportunidade. Actualmente os jogadores vivem de favores e “bichos”. Em nossa capital a maioria dos jogadores são pobres. Ora, não há nada de mais que esses homens ganhem pelos seus serviços. Não são eles que dão renda ao club? (...) Quanto a mim não vacilo em dizer: “sou pobre e vindo o profissionalismo eu o abraçarei, pois defenderei, pelo menos, um bom ordenado. Acho mesmo que serei um dos primeiros a me alistar.”⁴²⁴

A liberdade seria constantemente negociada uma vez que esses homens eram limitados, em grande maioria, pelo controle da AMEA que detinha mecanismos de controle como, por exemplo, a lei de estágio. O historiador João Malaia afirma que, embora a imposição ao estágio obrigatório em um mesmo time tenha sido promulgada em 1917, não quer dizer que a legislação vigente tenha sido efetiva. Nesse sentido, segundo o autor, clubes como o Vasco da Gama aproveitavam uma vez que “As rendas provenientes da venda de ingressos num estádio como São Januário faziam do Vasco da Gama uma equipe poderosa, formada por vários jogadores profissionais, muitos deles das seleções cariocas e brasileiras”.⁴²⁵ Sendo assim, uma das ordens que imperava no futebol carioca era a falta de transparência e, até mesmo, de controle das Instituições que coordenavam o futebol na época. E era na parte de fiscalização e de tribunal de registros de jogadores da AMEA que o banguense, Ari Franco, atuava e advogava em defesa da profissionalização. Com isso, Ari e os outros identificavam um problema de conotação social com dimensões políticas.

Primeiro, “paredros” como Oscar Costa, Guinle, Avellar e Ari Franco precisavam desarticular a noção construída socialmente de que o futebol ou deveria ser amador ou profissional. A noção binária remete às origens e desenvolvimento da prática esportiva, dos lares no Rio de Janeiro, mas na década de 1930 a vida esportiva ia muito além dos clubes

contradição dentro do tecido amador há época. Estes jogadores costumavam desfilar em festivais. Por exemplo, Zezé e Jaguarão jogaram um amistoso entre a cidade de Niterói *versus* a cidade de Petrópolis no estádio da Guanabara, campo do Fluminense FC. Ver: “Dois encontros de scratches oficiais. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 29. Jul. 1931, p. 1. Outro fator pertinente foi a quase ida de Domingos da Guia para o América. Tal situação desagradou não apenas os associados, dirigentes do Bangu A.C, mas os seus irmãos, também. Ver: “Pedi ao America a devolução do meu boletim de inscrição para não desgostar meus irmãos”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3. Jan. 1932, p. 1-4. Vale referendar que Domingos da Guia saiu do Bangu A.C em 1932 e foi para o Vasco da Gama, como “estagiário”. No ano seguinte, com rápida passagem pelo Andaraí, logo vai para o futebol profissional do Uruguai e atua pelo Nacional, onde foi campeão profissional em 1933. Em 1934 retorna para o Brasil e vence o Campeonato Carioca de 1934 pelo Vasco da Gama. No ano seguinte, desfilou pelo Boca Junior e conquistou o campeonato argentino do mesmo ano. A sua grandeza e importância ainda foi pouco explorada, embora reconhecida. Para mais informações, ver: Hamilton, 2005.

⁴²⁴ *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1932, p. 8.

⁴²⁵ Malaia, *op.cit*, 2010, p. 361.

da elite ou dos campeonatos organizados pelas entidades tidas como “oficiais”. Na visão dos que defendiam o profissionalismo, um modelo auxiliaria na continuidade da prática do outro. Ou seja: ao desenvolver o profissionalismo, logo uma prática regulamentada e espetacularizada,⁴²⁶ estariam, ao mesmo tempo, fazendo com que o futebol despertasse maior interesse e atenção do público, das pessoas. Ademais, como argumenta Ari Franco:

Quando dois teams entravam em campo, no regimen passado, uma duvida alanceava o publico. Ali estavam dois teams de legitimos amadores ou dois teams de legitimos profissioaes? O profissionalismo ia, como disse Oscar da Costa, salvar o amadorismo. Uma coisa ia provar a existencia da outra.⁴²⁷

A associação entre o Bangu A.C e o operariado da Fábrica Bangu foi um dos fatores que me levaram a esse tema. Parecia tão óbvio que consideramos essa associação direta como algo “natural”. Que se tratava única e exclusivamente de brigas entre elites nacionais. Nesse mesmo sentido, percebe-se que alguns discursos seriam mais “autorizados” do que outros, talvez os historiadores possam revelar novas interpretações e compreensões do passado futebolístico quando ouvirem os “rebeldes”.⁴²⁸

Por essa razão, questionar se o Bangu A.C teria um papel marginal, sem tanta importância no processo. Ora, estar dentro do campo já não bastava para essa gente? A história dos trabalhadores que tomou uma nova forma nos anos 1970 a partir de visões “a partir de baixo”, possibilitou uma análise da classe trabalhadora vista em meio ao cotidiano, de suas ações e de suas escolhas. A experiência cultural, sob influência da literatura thompsoniana, possibilita, ao historiador que assim deseja, iluminar os comportamentos sociais estudando as práticas de sociabilidade, os tempos e os lugares em que esses grupos ocuparam e se constituíram.⁴²⁹

⁴²⁶ O espetacularizada empregado aqui foi no sentido de evento, espetáculo. Não é difícil você encontrar referências entre cantores, artistas de um modo geral e jogadores de futebol. Ainda assim, o antropólogo Arlei Sander Damo que se dedica ao estudo do futebol, formulou matrizes para pensar as formas de se jogar o jogo. Dentre elas temos a principal que é a matriz espetacularizada ou futebol-espetáculo que é aceita e compreendida como a oficial. Logo, a que estaria sob a batuta da FIFA-IB. Ver: DAMO, Arlei. “Senso de jogo”. **Esporte e Sociedade**, número 1, Nov 2005/ Fev 2006.

⁴²⁷ “Falam Oscar Costa e Ary Franco”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1933.

⁴²⁸ GUEDES, Simoni. “Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro”. **Esporte e Sociedade**. Ano 6, n.16, nov.2010/fev.2011.

⁴²⁹ Na leitura do volume I da obra *A formação da classe operária inglesa*, foi possível compreender que E. P. Thompson estava interessado em entender como as pessoas comuns viviam e de que forma elas atuavam em suas realidades. Quando Thompson afirma que “eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não”, o autor mostra ao leitor que sua afinidade política está correlacionada com o seu ofício como historiador. Tal qual, formalizou Thompson em sua obra, tentou-se engajar-se junto aos acontecimento dos passados na tentativa de permitir que o empírico, a fonte fale por si. O objetivo, com isso, era mostrar que estes homens que jogaram futebol há quase um século atrás se posicionaram e negociaram os seus direitos sobre o que se entendia como a prática do futebol. Ver: Thompson, *Op. Cit*, 1987, p. 13.

Quando se adentrou na temática não mais pela bibliografia e, agora, pelos agentes históricos vinculados ao Bangu A.C, pode-se descobrir, por exemplo, que um personagem da república brasileira estava, desde o Bangu, se posicionando em defesa de uma noção legal de esporte que divergia de uma noção moral (própria do *ethos sportman*). Ari Franco, assim como outros, foram responsáveis por estabelecer uma cisão na forma de compreender a prática do futebol. Por isso, acredita-se, não se tratar única e exclusivamente de uma questão política ou de disputa de poder entre elites locais, regionais ou nacionais. E, nesse sentido, um diálogo maior com a história social e cultural pode fazer reaver determinadas narrativas consolidadas.

A partir da experiência banguense e munido do conceito de discursos rebeldes é possível estabelecer novos pontos de percepção do passado histórico. Afinal, assim como, Ari Franco cumpriu seu papel legalista na elaboração da redação final da Liga Carioca de Football, os jogadores de futebol, alguns trabalhadores, também cumpriram o seu. Domingos da Guia foi mais um deles.

No ano de 1931 o jogador do Bangu A.C vai até a redação do *Jornal dos Sports* e numa interessante entrevista, alerta: “Não me envergonharei de ser profissional” e vai além ao ser questionado da razão:⁴³⁰

(...) Estou disposto agora, a sair da propria terra natal, para jogar football com remuneração, caso encontre boas vantagens. Irei para a Hespanha, para a Italia, para a China! A “plata” é quem manda a gente seguir a trajetoria de vida. O jogador de football deve aproveitar o momento da sua grandeza tecnica, do contrario, ficará esquecido como um pobre cão vadio, quando a decadencia bater à sua porta. Se eu fôr convidado a actuar num club de profissionaes com vantagens, repito, abandonarei o amadorismo. Não me envergonharei de ser profissional.⁴³¹

Decisões como a de Domingos da Guia e de Ari Franco mostram que haviam projetos pessoais, locais, regionais, nacionais e internacionais sendo conectados por um esporte, por um jogo. Mostram, também, que reduzir o debate entre amadorismo e profissionalismo à disputa de poder é silenciar os trabalhadores que praticavam o futebol, assim como, os torcedores. A entrevista de Domingos da Guia, na época jogador do Bangu A.C, comprova o meio que ele, indivíduo, escolheu de construir a sua “ponte”, por onde passariam vários jogadores de origens semelhantes. Ele estava atento ao que ocorria no mundo dos *Sports*. Ainda assim, não podemos decretar que todos os jogadores oriundos de camadas populares desejavam ou almejavam o profissionalismo, pois havia dúvidas em relação ao novo modelo

⁴³⁰ “Não me envergonharei de ser profissional”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1931, p. 1.

⁴³¹ Idem. Nota 430.

e era natural que muitos desses estivessem receosos. Era o caso, por exemplo, do zagueiro do Bangu A.C, Sá Pinto, que, segundo o *Jornal dos Sports*, hesitou assinar o contrato de profissional, pois não queria perder o posto de funcionário público. Na reportagem que anunciou o seu firmamento com a agremiação alvi rubra, consta que os “players Placidos, Sobral, Mario, Paulista, Camarão, Paiva, Euro, Tião, Dindinho e Médio” tornaram-se profissionais.⁴³² Segundo consta na reportagem, o compromisso com o time alvirrubro era feito de forma individual e os últimos a acertarem os seus contratos foram Sant’Anna, Ladislau, Newton e Gentil.⁴³³

Allen Guttmann, embora não foque no caso brasileiro, aponta uma certa hostilidade e ressentimento por parte das classes altas em relação à perda de controle do jogo que creiam ser essencial para a formação das elites. A regra amadora era, portanto, uma retórica de classe que buscava coibir e excluir indivíduos de camadas populares do jogo. Sua obra possibilita análises interpretativas a partir de complexas noções como, por exemplo, “ritual”, “modernização”, “poder”, “hegemonia”, “controle social”, “classe” dando enfoque histórico em perspectivas provenientes do diálogo com outras disciplinas.

Pesquisar os eventos ocorridos no Bangu A.C, com seus jogadores e sua relação mais ampla com a prática esportiva esbarra nas diferentes formas de se compreender a importância e o papel do esporte, de uma forma geral, para determinada sociedade. É correto afirmar que para alguns a prática esportiva seria uma etapa em suas vidas e, para outros, o esporte se converteu no meio possível de se tornar visível. Nesse sentido, por meio da fala dos jogadores do Bangu A.C como, por exemplo, Sá Pinto, Jaguarão e outros, tornou-se possível afirmar que os “especialistas” no futebol e aqueles que eram “profissionais”, recebiam o pagamento faziam parte de um grupo difuso, amorfo, mas que, tinham algo a dizer sobre os rumos que o futebol deveria tomar. Definitivamente o futebol era um negócio.

Estando em 1933 fundada a primeira Liga Profissional de futebol, no Rio de Janeiro, com a participação de America, Fluminense, Vasco, Bangu, Flamengo e Bonsucesso, esses dois últimos aderindo posteriormente ao campeonato, seria interessante elucidar ao leitor a forma com que o clube suburbano do Bangu A.C se preparou para a competição. A preparação da equipe, como veremos, segundo relatos dos personagens do próprio clube, foi

⁴³² “Sá Pinto firmou contrato com o Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 9 de abril de 1933, p. 7.

⁴³³ Idem. Nota 432.

diferente. Afinal, até 1933 os banguenses nunca tinham sido campeões de campeonatos “oficiais” da primeira divisão local.⁴³⁴

2.3 – O SEGREDO DO BANGU A.C: SE PREPARANDO PARA A LIGA CARIOCA DE FOOTBALL

Graças à possibilidade de ir à Biblioteca Nacional, pude acessar a obra de Roberto Mércio sobre as histórias dos campeonatos de futebol disputados no Rio de Janeiro.⁴³⁵ E, por meio desse livro, foi possível encontrar uma coincidência. Digamos que até 1933 apenas dois clubes, que não eram tidos como clubes da elite, venceram a principal competição da época. O primeiro foi Vasco da Gama que, conhecido como camisas negras, venceu em 1923, com uma incrível campanha de onze vitórias, dois empates e apenas uma derrota, o campeonato carioca. O técnico há época era o uruguaio Ramón Platero, quem investia no exercício físico como método de preparação de seus jogadores a ponto de criar “uma máquina de ganhar jogos”.⁴³⁶ O historiador João Malaia, ao estudar o Vasco da Gama, brinda o leitor com a afirmação de que “o excelente condicionamento físico dos jogadores do Vasco, assim como a forma como tiravam proveito dessa condição na segunda parte dos jogos”, faziam com que a equipe pudesse vencer suas partidas.⁴³⁷ Fatores como o descrito por João Malaia podem ser, porque não, significativo para uma conquista.

O outro clube foi o São Cristóvão, campeão em 1926. De acordo com Roberto Mércio, um detalhe une essas duas conquistas para além de contar com jogadores oriundos de camadas populares: o preparo físico.⁴³⁸ Segundo Mércio:

Em 1926 o São Cristóvão surpreendeu os favoritos e conquistou de maneira indiscutível o título máximo do futebol carioca. Luiz Vinhais que mais tarde seria o treinador do selecionado brasileiro, começou este campeonato atuando como jogador, disputando uma partida como centro-médio contra o Botafogo, quando venceu por 6 a 3. Mas, logo depois, cedia o posto para o Henrique Carreiro, passando a atuar pelo 2º time, acumulando as funções de treinador do 1º com as de

⁴³⁴ Até o ano de 1933, o Bangu A.C só havia conquistado duas Taças João Ferrer (1907 e 1911) e campeão da segunda divisão da liga local duas vezes (1911 e 1914).

⁴³⁵ Mércio, 1985.

⁴³⁶ Segundo João Malaia, Ramón Platero foi contratado pelo Fluminense em 1919 e, além disso, prestava serviço para a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Treinava o time do selecionado carioca. Em 1921 foi a vez do Flamengo contar com as habilidades do uruguaio. De acordo com Malaia, ele era “o melhor treinador da cidade”. E o Vasco da Gama, clube de colônia portuguesa, conseguiu levar para treinar o “time do povo”. Malaia, *Op. Cit*, 2010, p. 258.

⁴³⁷ Malaia, *Op. Cit*, 2010, p. 288.

⁴³⁸ Mércio, *Op. Cit*, 1985, p. 50.

jogador do 2º time. Finalmente, resolveu parar como atleta dedicando-se exclusivamente à direção da equipe principal. O segredo maior do time sancristovense era o preparo físico e o sentido de conjunto. Luiz Vinhaes mandava que os seus atletas se uniformizassem completamente, chuteiras, meias e tudo o mais e o levava de ônibus até a praia de Copacabana. Fazendo-os correr, com o uniforme molhado do posto 1 ao 6.⁴³⁹

O técnico Luiz Vinhaes ficou à frente do comando do São Cristóvão entre 1926 e 1931, e depois, entre 1929 e 1933, realizou trabalhos junto ao Fluminense F.C. Pela seleção brasileira ele foi campeão da Copa Rio Branco, conquistando uma vitória sob os campeões mundiais, Uruguai.⁴⁴⁰ E, em 1933, chegou ao Bangu A.C na segunda metade da temporada, na tentativa de ajudar o tenente Jayme Mathias Rincão a manter o nível que o Bangu A.C, de forma surpreendente, estava mantendo.⁴⁴¹ Para isso, se faz necessário compreender como o Bangu A.C se preparou para a temporada de 1933, seria uma boa forma de mostrar que o “humilde” clube suburbano fez com que “a bola não entre por acaso”.⁴⁴²

O Bangu A.C era um dos clubes que tinha o selo de “fundador” da Liga Metropolitana de 1906, a primeira liga do Rio de Janeiro. De modestas conquistas, foi campeão da segunda divisão das competições locais em 1911 e 1914. Além disso, conquistou as taças João Ferrer, torneio da Fábrica Progresso Industrial do Brasil, em 1907 e 1911. Sendo assim, ainda não havia conquistado um título no primeiro escalão em sua história.

Naquela época era comum que as equipes se desgastassem no primeiro tempo e no segundo a melhor condicionada fisicamente levasse a vitória. No Bangu A.C não seria diferente, conforme afirmou o Tenente Rincão ao *O Globo*.⁴⁴³ “Se jogavam bem, em compensação, perdiam energia em doses preciosas” que poderiam custar vitórias ou pontos em competições.⁴⁴⁴ Por isso, na época, conforme confirmou o Tenente Mathias Rincão, ao *O*

⁴³⁹ Idem. Nota 438.

⁴⁴⁰ Ver: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/485681/>. Acessado em: 15 fev. 2022.

⁴⁴¹ “O club da Rua Ferrer está, realmente, numa situação invejável. Junta ao título de ponteiro o de invicto. Livre de qualquer revés, os seus jogadores mostram um estado moral optimo e preparam-se com entusiasmo para as batalhas futuras”. Ver: *O Globo*, Rio de Janeiro, 26. jun, 1933, p. 8.

⁴⁴² Na verdade, é uma referência ao livro de Ferran Soriano chamado: *A bola não entra por acaso: estratégias inovadoras de gestão inspiradas no mundo do futebol*. Ferran Soriano foi um dos gestores responsáveis por transformar o Barcelona F.C nessa empresa global que conhecemos hoje. Seu livro é um relato da experiência pessoal. Ao mesmo tempo que trata de campo, foca na gestão profissional e na mudança de rumo que o Barcelona F.C toma ao deixar de ser um clube com uma forte identidade local para se tornar um dos mais importantes clubes do mundo. Atualmente, Soriano é *CEO* do grupo City, cujo maior patrimônio é a equipe da *Premier League*, Manchester City. Ver: SORIAN, Ferran. **A bola não entra por acaso: estratégias inovadoras de gestão inspiradas no mundo do futebol**. Princípio, 2013.

⁴⁴³ “O segredo das victorias”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 de junho de 1933. p. 8

⁴⁴⁴ “Com o profissionalismo o Bangú é outro!”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 23 de abril de 1933, p. 5.

Globo, existia a máxima de que o Bangu A.C “sempre foi assim (...) começou vencendo para de repente, tombar sem mais entusiasmos de antes. fogo de palha”.⁴⁴⁵ Portanto, ao menos na primeira divisão local, pode-se afirmar que o Bangu A.C era reconhecido como uma equipe que declinava bastante nos jogos e nas competições. Sobre a questão das vitórias e derrotas de agremiações suburbanas, Rincão, afirmou que “não atribuíam às victórias á superioridade tecnica: “Foi sorte”. Havia o preconceito de que um quadro suburbano não se poderia impor na cidade. Hoje o preconceito já não existe”.⁴⁴⁶ Vale a ressalva de que a entrevista em questão foi em junho de 1933. Segundo o *Almanaque Bangu*, o primeiro jogo foi contra o América, vitória por 6 a 2, no dia 7 de maio de 1933.⁴⁴⁷ Até a data da entrevista o Tenente e seus comandados possuíam quatro vitórias e dois empates.

Porém, na temporada de 1933, os banguenses pretendiam fazer diferente, pois, segundo Elias Gaze, ao *Jornal dos Sports*:⁴⁴⁸

Os nossos jogadores, scientificamente preparados para o esforço a que serão obrigados, graças aos cuidados de um instructor competente como é o tenente Francisco Barbosa, elles poderão produzir muito mais sem grandes esforços. A gymnastica esta fazendo prodígios no team do Bangu, cuja agilidade deve ser objecto de attenção de quem vá vel-os jogar.⁴⁴⁹

Realmente, ao menos nos momentos de preparação para a temporada vindoura, o Bangu A.C estava no ritmo da canção carnavalesca da época, entoada por Elias Gaze e registrada pelo redator do *Jornal dos Sports*: “a turma la de casa não está sopa...”.⁴⁵⁰ Sob comandando técnico de Rincão, seus comandados buscaram se aperfeiçoar em algumas deficiências como, por exemplo, treinamento individual, melhorar a confiança e convencer os jogadores de que “com um pouco de decisão, elles poderão fazer muito”.⁴⁵¹

Os goleiros da temporada de 1933 foram Newton da Silva Barbosa, Euro Bitencourt Coelho e Euclides de Oliveira. O zagueiro Sá Pinto era reconhecido por ser um excelente jogador dentre os que desfilavam pelos campos do Rio de Janeiro e, ao seu lado, agora, faria

⁴⁴⁵ Idem. Nota 443.

⁴⁴⁶ Idem. Nota 443.

⁴⁴⁷ Para ver os confrontos, escalações e resultados do Bangu A.C na temporada de 1933, ver: <https://www.bangu.net/informacao/livros/almanaquedobangu/1933.php>. Acesso: 10. Jun. 2022.

⁴⁴⁸ Elias Gaze foi presidente do Bangu A.C nos anos 1969 e 1970. Ver: <https://www.bangu.net/clube/presidentes.php>. Acesso em: 10. Jun. 2022. Além disso, foi juiz de futebol representando o Bangu na década de 1930. Ver: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 de abr. 1933, p. 1; “Os juizes de hoje no match S. Christovão x Andarahy”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 28 de out, 1933, p. 4.

⁴⁴⁹ “Com o profissionalismo o Bangú é outro!”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 23 de abril de 1933, p. 5.

⁴⁵⁰ Idem. Nota 443.

⁴⁵¹ Idem. Nota 443.

dupla com o Camarão, zagueiro pela direita.⁴⁵² A lista de defensores seria completada por Mario. A linha do meio, no começo da temporada, se desenhava da seguinte forma: Médio, Sant'Anna e Paiva. As opções reservas seriam Paulista, que teria subido do segundo para o primeiro time, e Ferro. E a linha mais próxima à área adversária era formada por Sobral, Ladislau, Tião e Gentil. Com Buza, Plácido, Orlandinho e Dininho como opções.⁴⁵³

Na medida em que o escrete do Bangu A.C se preparava para a temporada profissional, o seu ex-zagueiro, Domingos da Guia, realizava bons jogos no Nacional, equipe uruguaia. Seus jogos, ia enchendo de “espectativas o football uruguayo” ao fazer dupla com um dos principais nomes da história do futebol daquele país, José Nasazzi.⁴⁵⁴ O goleiro do Nacional, Domingos da Guia e Nasazzi foram apelidados de “triangulos de ouro”.⁴⁵⁵ Se no time uruguaio que seria campeão nacional sobravam craques, no Bangu A.C o entendimento, do periódico *O Globo*, era que a engrenagens da “machina” funcionava bem justamente pela “falta de cracks”. Nas palavras do técnico Rincão: “Temos onze elementos optimos, em conjunto, mas que talvez fracassem isolados, em outros teams. Jogadores para screatch? Creio que poucos o Bangu poderá dar”.⁴⁵⁶

Nesse sentido, podemos entender que a maior complexificação do jogo também passa pelo aperfeiçoamento dos jogadores. Craques como Leônidas da Silva ou Domingos da Guia e outros de seu tempo, eram capazes de atrair público e despertar interesse. Por conseguinte, essa disparidade pode ser diminuída com treinamento e o Tenente Jayme Mathias Rincão revelou ao jornal *O Globo* que:

O regimen a que se submettem os nossos jogadores é simples. Muito mais simples do que o dos “cracks” da Portuguesa que, antes dos jogos, vão para a fazenda. Eu treino os rapazes individualmente duas vezes por semana. E dou um unico exercicio em conjuncto de dous tempos de meia hora.⁴⁵⁷

⁴⁵² Idem. Nota 443.

⁴⁵³ Idem. Nota 443.

⁴⁵⁴ Ver: “Domingos, o crack brasileiro que enche de expectativa o football uruguayo!”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 de março de 1933, p. 1. Domingos da Guia jogou ao lado de um dos melhores se não o melhor zagueiro de seu tempo. José Nasazzi Yarza começou atuando pelo Bella Vista (1922-1933) e depois atou apenas pelo Nacional (1933-1937). Segundo a Asociación Uruguaya de Fútbol (AUF) o capitão Nasazzi debutou no dia 4 de novembro de 1923 e encerrou a sua carreira, pela seleção, no dia 20 de setembro de 1936. Ao todo foram 40 partidas com 29 vitórias, 4 empates e 7 derrotas. A dupla de zaga de Domingos nos tempos de Nacional do Uruguai conquistou vários títulos com a celeste, entre eles: a Copa América de 1923, 1924, 1926 e 1935; os Jogos Olímpicos de 1924 e 1928 e a primeira Copa do Mundo de 1930. Para mais, ver: <https://www.auf.org.uy/jose-nasazzi-yarza/>. Acessado em: 10 de nov. 2020.

⁴⁵⁵ “Domingos, o crack brasileiro que enche de expectativa o football uruguayo!”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 de março de 1933, p. 5.

⁴⁵⁶ “O segredo das victorias”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 de junho de 1933. p. 8.

⁴⁵⁷ Idem. Nota 443.

Nessa mesma entrevista, Rincão nos brinda com uma informação relevante ao afirmar que “os cracks não gostam de trabalhar como um jogador de classe média”.⁴⁵⁸ Prefere jogadores como Plácido, que aproveitou os amistosos contra o Bonsucesso antes da temporada regular para se firmar no time.

No *Almanaque Bangu*, de Carlos Molinari, foi possível observar que o primeiro jogo do Bangu A.C foi um empate em 3 a 3 com o Bonsucesso.⁴⁵⁹ O jogo teria ocorrido no estádio do América, pois na temporada de 1932 o Bangu A.C havia sido penalizado por incidente sob seu mando.⁴⁶⁰ Ainda assim, o Bangu A.C com seu conjunto com “elementos de eficiência reconhecida” fez jus fora do campo da Rua Ferrer. O Bonsucesso, por sua vez, contou com jogadores em excelente forma e bem preparados. Tudo isso fez a peleja que, embora não tenha sido impecável do ponto de vista técnico, serviu, no entanto, para oferecer uma visão do que essas equipes poderiam oferecer na temporada. O resultado da partida tendo sido um empate com gols de Cozinheiro, Sobral, Plácido e Miro no primeiro tempo e, Cozinheiro e Dinho no segundo, então ficou acordado entre as equipes a realização de um novo jogo na segunda-feira, feriado.⁴⁶¹

O próximo capítulo dialoga com a área de investigação voltada para os trabalhos de memória e a sua problemática no terreno do futebol carioca.⁴⁶² A motivação teórica articula-se também a aspectos de coletivo e social. Afinal, se o jornalismo e a memória promovida por jornalistas componham um importante papel no “desenvolvimento de registro de dados” do futebol nacional, a primeira parte do terceiro capítulo objetiva compartilhar com o leitor uma narração de como foi a campanha do Bangu A.C na Liga Carioca de 1933.⁴⁶³ A

⁴⁵⁸ Idem. Nota 443.

⁴⁵⁹ O memorialista do Bangu A.C, Carlos Molinari, atualiza constantemente as obras digitais do Bangu A.C. Para mais ver: <https://www.bangu.net/informacao/livros/almanaquedobangu/apresentacao.php>. Acessado em: 13. Mar. 2021.

⁴⁶⁰ No livro digital *Nós que somos banguenses*, Carlos Molinari, memorialista do Bangu A.C, informa que no dia 14 de agosto de 1932 teria ocorrido a maior invasão de campo do estádio da Rua Ferrer. A invasão acabou com o jogo que foi disputado entre Bangu e Botafogo. A invasão impediu o retorno da partida, que teve seu retorno no campo do São Cristóvão e com portões fechados. Para mais, ver: <https://www.bangu.net/informacao/livros/nosequesomosbanguenses/1932.php>. Acessado em: 13. mar. 2021.

⁴⁶¹ “A nova batalha entre o Bomsucesso e o Bangú”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de abril de 1933, p. 7.

⁴⁶² Sobre memória e história, ver: GOFF, J. L. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

⁴⁶³ Nesse ensaio de caráter global, Ginzburg volta aos clássicos para postular, dentre outras coisas, que as sociedades produzem “registros de dados”. Segundo o autor, “os progressos na capacidade de registrar dados que se desenvolveram ao longo de cinco mil anos sucessivos poderiam ser considerados como capítulos de uma narração ininterrupta: um fenômeno longuíssima duração”. Ver: GINZBURG, Carlo. “Memória e Globalização”. In: *Revista Esboço* 16, Nº 21, Florianópolis, UFSC, 2009, p. 12. Vale referendar que no site, desenvolvido por Carlos Molinari, encontram-se várias informações sobre a temporada de 1933. Ver: <https://www.bangu.net/informacao/livros/almanaquedobangu/1933.php>. Acesso em: 10/ 07/ 2022.

razão para isso se deu pelo simples fato de que, quando iniciou-se às pesquisas, uma das poucas certezas era de que o Bangu A.C havia sido campeão em 1933, mas não se sabia como. Olhando os periódicos como *Última Hora*, *O Globo*, *Jornal dos Sports* e outros posteriores ao recorte da pesquisa, a data: 1933 aparece como um marco cronológico de um acontecimento importante para o futebol nacional. Tal feito foi transformado em quadrinho pelo *Jornal dos Sports*, no ano de 1951, em coluna redigida por Mario Filho.⁴⁶⁴ Por fim, como teceu Le Goff: “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.⁴⁶⁵

CAPÍTULO III - NO CAMPO DA MEMÓRIA: O BANGÚ A.C E AS COMPETIÇÕES DE FUTEBOL PROFISSIONAL ÀS CLARAS

O presente capítulo inscreve-se na intersecção entre a história, narrativa e a memória.⁴⁶⁶ Se anteriormente à fundação da Liga Carioca, os jogadores recebiam o “bicho” ou favores das agremiações aos quais desfilavam o seu futebol. Agora, com a nova liga, sabe-se quem é amador e quem é profissional. Nessa perspectiva, reavivamos a temporada profissional de futebol às claras de 1933 a partir da ótica do Bangu A.C, seus jogadores, dirigentes e técnicos. Faz-se uso da imprensa como fonte histórica na tentativa de observar crônicas e reportagens que iluminam os jogos do ano corrente. No item 3.1, o leitor encontrará uma narrativa histórica que tem por objetivo abordar e analisar a campanha de um clube que, em 29 anos de existência, nunca tinha conquistado um título da elite local. Portanto, trata-se da campanha do Bangu A.C na Liga Carioca de *Football*, de alguns amistosos e, também, da participação da agremiação banguense no Interestadual com equipes de São Paulo.

No item 3.2 elabora-se uma nota reflexiva a partir do fazer história e suas dívidas com a memória. O esquema tático utilizado neste subcapítulo parte de duas ilustrações: O Clube de Regatas Vasco da Gama e o Bangu Atlético Clube. A estratégia adotada foi a de reconhecer que as duas agremiações foram importantes na luta pelo direito à cidadania e a prática do jogo independente da raça, etnicidade e nacionalidade. Para isso, propõe-se ao leitor a reflexão de que uma memória coletiva do futebol carioca, mais importante do que a

⁴⁶⁴ *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1951. p. 7.

⁴⁶⁵ Goff, *Op. Cit*, 1990, p. 250.

⁴⁶⁶ Sobre narrativa, ver: CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativa, sentido, história**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

validação coletiva de uma instituição ou de outra, pode-se-ia servir como uma ferramenta, ao historiador que desejaria revisitar novos rumos e novas pesquisas com o objetivo de investir cientificamente não apenas no resgate de trajetórias como, também, de associações que não existem mais. Por isso não se trata de um *versus* o outro (se isto de fato ainda existir), mas um mais o outro. Afinal, a história poderia caminhar no sentido social permitindo que o oprimido se revele em detrimento do dominante.

3.1 REFULGENTE CONQUISTA: A CAMPANHA DO BANGU A.C ATÉ A CONQUISTA DA LIGA CARIOCA

A imprensa esportiva destacou o ânimo do público local com a temporada vindoura. O primeiro campeonato profissional do país. A preparação começava a todo vapor e o Bangu A.C e o Bonsucesso E.C teriam mais um embate antes dos jogos oficiais. Dessa vez, o confronto aconteceria no estádio do Fluminense FC, no dia 1º de maio, dia do trabalhador. De acordo com o *Jornal dos Sports*, Os presentes tiveram a oportunidade de ver um “match-revanche”.⁴⁶⁷ O resultado foi um segundo empate com placar final em 2 a 2. Se no primeiro jogo o *Jornal dos Sports* elegeu o Bonsucesso como melhor equipe, no segundo, a crônica já destacava o Bangu A.C.

O Bonsucesso abriu o placar de pênalti. O jogador Mamede da Guia pôs a mão na bola dentro da área. Aragão converteu aos 32º do primeiro tempo e não tardou para o time banguense empatar aos 35º com Plácido. Tião guardou o segundo gol aos 38º do primeiro tempo. O empate veio nos minutos finais da parte derradeira e deixou o *score* em igualdade.⁴⁶⁸ Elogiou-se a técnica e os físicos dos jogadores do Bangu A.C.⁴⁶⁹

Em paralelo à Liga Carioca de *Football*, que promoveria o primeiro campeonato profissional “às claras”, algumas equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo participaram do Campeonato Brasileiro de Profissionais ou Interestadual que, posteriormente, passou a ser conhecido como Taça Rio-São Paulo.⁴⁷⁰ O *Jornal dos Sports*,⁴⁷¹ noticiaria as partidas

⁴⁶⁷ “Jogando melhor, o Bangú empatou com o Bomsucesso”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 2 de maio de 1933, p. 1.

⁴⁶⁸ “Jogando melhor, o Bangú empatou com o Bomsucesso”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 2 de maio de 1933, p. 8.

⁴⁶⁹ “A abertura sensacional do Campeonato Brasileiro de Profissionais”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1933, p. 6.

⁴⁷⁰ O campeonato não tinha abrangência nacional. Contava apenas com algumas equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo.

⁴⁷¹ Segundo Bernardo Buarque de Hollanda, o *Jornal dos Sports* foi favorecido pelo fato de estar na Capital da República e, também, pela promoção do profissionalismo. Por ser um importante jornal de época, sobretudo quando o recorte é o gênero esportivo. Ver: Hollanda, 2012.

utilizando o termo “profissionalismo”, em grande medida pelo fato de que a AMEA disputaria a edição, no modelo amador, em 1933. O campeão amadorista foi o Botafogo F.R. Outro fator importante é deixar claro que aquelas competições ocorridas em 1933, passaram a ser distinguidas entre amadoras e profissionais, isso deixou claro ao público se os atores do campo de jogo eram remunerados ou não. Além disso, vários clubes que se profissionalizaram mantiveram as suas equipes amadoras ativas que, geralmente, desfilavam nos *matches* anteriores aos profissionais.

Outra questão importante sobre as equipes amadoras está no fato de que nem todos os associados ou jogadores desejavam mudar de regime. O estatuto da Liga Carioca criou um tribunal de registro para ambos os modelos. Como presente no Art. 2º, o seu objetivo é “desenvolver e vulgarizar no Distrito Federal, o exercício physico denominado “Football Association”.⁴⁷² Aos clubes, a possibilidade de contar com os dois modelos tinha a sua vantagem, também. Em primeiro lugar, os associados que não se enquadram nos requisitos do profissionalismo poderiam continuar jogando e com isso mantinha-se o sócio. Outro ponto pertinente seria a oportunidade de testar o jogador sem assinar um contrato com ele. Afinal, como destacou o *O Globo*, “em cada team profissional poderão ser incluídos tres amadores”.⁴⁷³

No mês de maio de 1933, o Bangu teve três embates difíceis pelo torneio local. A estreia contra o América, o Fluminense e o Vasco da Gama. A partida contra o América foi realizada no *ground*, que não existe mais, da rua Campos Sales que pode ser visto na imagem em anexo na figura 2.⁴⁷⁴

Segundo o *Jornal dos Sports*, a abertura da Liga Carioca não poderia ser melhor para o Bangu A.C. A vitória foi de 6 a 2. Em dez minutos de jogo, o clube alvirrubro fez quatro gols. Esse início avassalador deixou os “rubros”, como era chamado o América, “inactivo deante da onda de entusiasmo que cercava seu adversário”.⁴⁷⁵ Mesmo com os associados locais apoiando muito, Oswaldinho, campeão pelo América em 1922 e 1928, relatou que os donos da casa erraram demasiadamente, causando nervosismo e ponderou: “devemos ver o lado real da derrota. O que foi que ella exhibiu: a ameaça dos suburbios.”⁴⁷⁶ Diante desta

⁴⁷² “Estatutos da Liga Carioca de Football”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1933, p. 1.

⁴⁷³ Por essa razão, o clube não precisaria contratar de imediato o jogador, pois pode testá-lo dentro de campo antes de assinar um contrato profissional. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1933, p. 8.

⁴⁷⁴ Documentos de Arquivos (iconografia). Biblioteca Nacional (BN), “América Football Clube, RJ - 1930”, Rio de Janeiro, Arq. 27.2.7 (32).

⁴⁷⁵ “A contagem esmagadora por que o Bangú derrotou o America”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1933, p. 8.

⁴⁷⁶ “A ameaça dos suburbios vem crescendo anno para anno e hoje é mais forte do que nunca!”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1933, p. 1.

vitória, o *Jornal dos Sports*, divulgou o seguinte: “Não se illudam com os suburbios. Organizaram grandes teams e tanto o Bonsucesso quanto o Bangú podem vencer o mais forte conjuncto da cidade. Igual para igual”.⁴⁷⁷ Outro detalhe pertinente presente na primeira rodada está nas exigências da Liga com a arbitragem. Os diretores técnicos da nova entidade estavam presentes nas partidas para ver se os juízes cumpriram a regra de intervalo entre os dois tempos e buscou-se advertir jogadores que retardaram o regresso dos jogos.⁴⁷⁸ O próximo confronto foi contra o Fluminense.

O Bangu e o Fluminense venceram na primeira rodada. Tal situação aumentava o nível de dramaticidade presente no *Jornal dos Sports*. O segundo jogo ocorreu em um domingo no campo da Guanabara. Os ingressos no clube localizado na rua Álvaro Chaves, eram pessoais e só poderiam comprar mediante carteira de identidade e com o título de quitação em dia.⁴⁷⁹ Os jogadores da rua Ferrer trataram de vencer os tricolores por 2 a 0. Tião marcou os dois gols no primeiro tempo. Para um time conhecido como “fogo de palha”, expressão da época para uma equipe que começa bem, mas cansa rápido, por isso perde os jogos. De acordo com a crônica do jogo, presente no *Jornal dos Sports*, os comandados de Jayme Mathias Ricão dominaram a primeira parte e conseguiram segurar o ataque tricolor na segunda. O primeiro gol foi de pênalti e o segundo veio com assistência de Sobral.⁴⁸⁰ Passado duas rodadas os destaques do time eram Plácidos e o jovem jogador Tião.

Um jornalista, cujo nome não se encontra na reportagem do *Jornal dos Sports*, entrou no vestiário do Bangu A.C após o término da partida e descreveu uma confraternização entre associados, diretores e jogadores do grêmio suburbano. Algumas fatos registrados chamam a atenção, dentre eles:

Ninguém procurava ocultar a grande satisfação que intimamente possuía. Aspectos interessantíssimos apreciamos dentre os quaes aquelle em que o sr. Ary Franco figura das mais respeitaveis nos meios sportivos se dirigia com eloquencia aos que abandonavam o campo da luta victoriosos. Era a demonstração publica da inexistencia de preconceitos.⁴⁸¹

Afinal, que preconceitos eram esses? Os relatos não possibilitam uma conclusão. Ainda assim, é possível afirmar que a profissionalização não afasta ou elimina a

⁴⁷⁷ “A ameaça dos suburbios vem crescendo anno para anno e hoje é mais forte do que nunca!”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1933, p. 8.

⁴⁷⁸ “Os juizes devem observar cuidadosamente o descanso regulamentar”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 7 de maio de 1933, p. 3.

⁴⁷⁹ “A entrada dos sócios do Fluminense”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1933, p. 6.

⁴⁸⁰ “O Bangú em marcha triunphante no campeonato de profissionaes”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1933, p. 8.

⁴⁸¹ “visitando os bangúenses no vestiario”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1933, p. 8

discriminação racial ou de classe presentes na sociedade carioca.⁴⁸² Outro fator pertinente está nos vínculos de empregador/empregado, às quais evidenciam novas relações de vínculos dentro das associações esportivas. A distinção entre empregado e associado era um ponto pertinente em clubes como o Fluminense e outros. No Bangu A.C, destacou-se a presença de militares vinculados à agremiação como, por exemplo, o técnico tenente Mathias Rincão. Esse registro do jornalista permitiu ter acesso à intersubjetividade, ou seja, da sua conexão consigo e com o meio em que viveu e à luz dos distintos padrões de comportamento que existiam entre as diversas agremiações. Se nesse acontecimento em específico, o redator observou a ausência de preconceitos, é porque em outras situações se faz presente nos meios esportivos.

Passadas duas rodadas da Liga Carioca, os bastidores da batalha entre amadores e profissionais não tinham chegado ao fim. Existiam intensas manifestações de que o São Cristóvão e o Flamengo poderiam migrar para o profissionalismo. A fragilidade econômica de ambos os times botava em cheque se era oportuno ou não adotar o modelo profissional. Situação semelhante circundava o Bangu A.C. Na tabela da Liga, em tese, o terceiro jogo era de mando do selecionado da rua Ferrer, mas o *match* provavelmente ocorreria em São Januário, campo do Vasco da Gama, o seu próximo adversário.

O *Jornal dos Sports* relatou o caso com naturalidade e trouxe a informação de que o Bangu A.C mandaria todos os seus jogos, da Liga Carioca, “aqui em baixo”.⁴⁸³ Para um modesto clube como a agremiação da rua Ferrer não seria de todo ruim, pois pelas leis da Liga a receita do jogo seria dividida em igualdade. Além dessa informação, os jogos só podem ocorrer em praças que tenham mais de dez mil lugares, como o caso de São Januário.⁴⁸⁴ Os dias que antecederam a terceira rodada foram movimentados. Além da adesão do Flamengo a Liga Carioca, ocorreu o julgamento de *habeas corpus* do jogador Jaguaré que, naqueles tempos, tinha status de “astro”.⁴⁸⁵

O caso Jaguaré, goleiro afrodescendente, se destacou por ter feito parte de um acontecimento importante para uma geração de futebolistas. Ele, que debutou pelo Pereira

⁴⁸² O goleiro Barbosa, na Copa de 1950, talvez seja o grande exemplo de uma realidade que se faz presente nas vitórias e nas derrotas. O racismo tem sido tema de debate em nossa sociedade no tempo presente. Iniciativas como o Observatório da discriminação racial catalogam, identificam e denunciam o racismo em relatórios produzidos anualmente desde 2014. Para acessar, ver: <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>. Acessado em: 30, jun, 2022.

⁴⁸³ O emprego de advérbio de lugar no caso do Bangu A.C é bastante comum. “O local do jogo Vasco x Bangu”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 18 de maio de 1933, p. 1.

⁴⁸⁴ “Na Liga Carioca todos são iguaes”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1933, p. 6.

⁴⁸⁵ “O Flamengo definitivamente integrado á Liga Carioca”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1933, p. 1.

Passos e Fausto, a “maravilha negra” que foi operário-jogador do Bangu A.C, foram um dos muitos jogadores que partiram junto ao Vasco da Gama para excursionar na Europa.⁴⁸⁶ Ao passar pela Espanha, ambos acabaram sendo contratados, como profissionais, pelo Barcelona F.C. Se por um lado, como informou João Malaia, o time catalão contrataria os seus primeiros jogadores negros, por outro, esses jogadores de origem humilde passariam a “viver legalizadamente sob a responsabilidade de um clube de futebol da grandeza do Barcelona”.⁴⁸⁷

Em setembro de 1931, o correspondente especial na Espanha, José Vicente Payá teve reportagem de sua autoria sendo publicada no Jornal *O Globo*. Uma entrevista com o espanhol Josep Samitier ao lado dos novos jogadores brasileiros, que, segundo o próprio site oficial do clube catalão foi o responsável pelo primeiro “boom” de torcedores do Barcelona F.C, devido à sua “magican” com a bola.⁴⁸⁸ Na reportagem, o entrevistado é chamado de “el dios do football hespanhol”.⁴⁸⁹ Ainda na mesma notícia, Samitier não poupa palavras ao correspondente ao afirmar que “Jaguará e Fausto foram a melhor aquisição que fez o football hespanhol nos últimos annos”.⁴⁹⁰ Ao ser questionado, o goleiro Jaguaré teria sido categórico: “No Brasil, os jogadores não têm a minima garantia que os colloque a salvo de necessidades”.⁴⁹¹

Em 1932, em terras brasileiras, o então ex-goleiro do Barcelona F.C teria sido visto “batendo-bola” no *ground* do Vasco da Gama com seus antigos companheiros. O caso teve grande repercussão por se tratar de um profissional gracejando a bola com amadores.⁴⁹² O arqueiro não poderia atuar no Brasil por ser profissional. No segundo capítulo desta dissertação, discorre-se que a FIFA, desde 1928, vinha tentando administrar os casos de amadores e profissionais no futebol. Por exemplo, Eloy, *keeper* do Flamengo, em janeiro de 1933, atuou em *match* contra uma equipe profissional na Argentina. Ao chegar no salão nobre do Flamengo foi “hostilizado” com gritos de “profissional!”.⁴⁹³ Ele e os outros que fizeram parte dessa excursão não sabiam “que, jogando, perderíamos o título de amador.

⁴⁸⁶ “Jaguará Bezerra de Nascimento”. *A Batalha*, Rio de Janeiro, 5 de março de 1933, p. 7.

⁴⁸⁷ Malaia, 2010, p. 383.

⁴⁸⁸ Com Josep Samitier, o Barcelona teria conquistado 11 títulos do campeonato catalão, 5 campeonatos espanhóis e a primeira liga espanhola profissionalizada, que teria se iniciado na temporada 1928/1929. Iniciou nos gramados catalões como meio campista, mas ficou na memória dos espanhóis como um excelente atacante. Ocupou cargos técnicos no Barcelona e, em 1993, seu nome foi eternizado em uma das ruas que dão acesso ao Camp Nou, atual estádio do Barcelona F.C. Ver: <https://www.fcbarcelona.com/en/card/648404/josep-samitier>. Acessado em: 20. junho. 2021.

⁴⁸⁹ “Jaguará em sensacional entrevista ao GLOBO” *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1931, p. 8.

⁴⁹⁰ Idem. Nota 489.

⁴⁹¹ “Jaguará em sensacional entrevista ao GLOBO”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1931, p. 9.

⁴⁹² “Jaguará treinou no Vasco!”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1932, p. 7.

⁴⁹³ “Eloy declara que se perder o seu título de amador, não abandonará o football”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 de março de 1933, p. 8.

Soubemos depois do match, quando não havia mais remédio”, declarou em entrevista ao *O Globo*. Diante deste cenário, recebeu um “título com carimbo e tudo” de profissional da FIFA e, conseqüentemente, da C.B.D.⁴⁹⁴

O problema é que os dois goleiros são de realidades diferentes. Enquanto o ex-Vasco e Barcelona veio de origem popular e fazia do futebol o seu meio de sustento, demonstrando que o esporte comportava trajetórias bem distintas daquelas de origens “aristocráticas”, o ex-amador do Flamengo via no futebol um passatempo, uma diversão. E a situação de Jaguaré em 1933 não era nada boa, pois o exército junto do dr. Hugo Auler, delegado do 12º distrito, fizeram uma caravana à porta do jogador para detê-lo como "insubmisso" por não ter feito o dever cívico do serviço militar.⁴⁹⁵ Paralelamente a essa informação, seu nome vinha sendo constantemente associado à imoralidade e à incivilidade nos periódicos da capital.

Enquanto restava ao São Cristóvão decidir se continuaria na AMEA ou se embarcaria na Liga Carioca, o *Jornal dos Sports*, de tiragem diária, levantava a hipótese de quando os dois clubes do subúrbio (Bangu e Bonsucesso) perderiam o título de invictos. Por um lado, o Bangu se exercitava na Escola Militar em Realengo, com o treino começando às 16 horas e o campo rodeado de adeptos da agremiação da rua Ferrer. Esses treinos eram vistos como importantes momentos não só de aperfeiçoamento físico, mas de liga, compreensão de grupo, construção de uma unidade, um time.⁴⁹⁶ Por outro, o público do Vasco da Gama estava receoso em relação ao resultado do pedido em liberdade de Jaguaré para que o mesmo pudesse se juntar ao time.⁴⁹⁷

À luz de Guttman, um de seus questionamentos é que tipo de relacionamento as sociedades estudadas por ele criam com as práticas desportivas.⁴⁹⁸ Para o autor, o esporte representaria um reflexo do mundo contemporâneo. A tradição, a especialização das regras, racionalização e aperfeiçoamento do corpo, o treino, a mudança do amadorismo para o profissionalismo nos desportos, o controle do tempo, os dados estatísticos e a galeria de conquistas e feitos representam uma evolução da sociedade. Nessa perspectiva, Guttman se demonstra interessado na condição humana, em seu desenvolvimento e se atenta ao recorde

⁴⁹⁴ Idem. Nota 493.

⁴⁹⁵ “Jaguaré impedido de pisar a cancha na tarde de hoje”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1933, p. 1-8.

⁴⁹⁶ “Bangú, Bonsucesso e Fluminense fizeram treinos rigorosos para a rodada de Domingo”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1933, p.1.

⁴⁹⁷ O pedido de “Habeas Corpus” em favor de Jaguaré tinha por objetivo a negação de alistamento militar. Este é um caso, cuja origem vem de 1931 quando o goleiro excursionou pela Europa junto do Vasco da Gama. Em reportagem do *Jornal dos Sports*, algumas informações pertinentes, como o fato do goleiro ser “arrimo de mãe viúva”. Logo, a pessoa responsável por sustentar a família. Ver: “Vae ser julgado hoje o “Habeas-Corpus” em favor de jaguaré”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1933, p. 1.

⁴⁹⁸ Guttman, 2019.

como uma forma atemporal, sacra que se une a uma narrativa histórica de um sistema secular de práticas desportivas aparentemente desconectadas.

Alguns desses fenômenos descritos por Guttman podem ser observados no caso do Bangu A.C. Sobre a transição do homem lúdico para o atleta. E, em um jogo como o futebol, é essencial que os jogadores nutram a racionalidade do jogo coletivo e o desejo de triunfar. Na vitória contra o América e contra o Fluminense destacou-se a união dos homens de frente do escudo banguense. Por sua vez, as equipes derrotadas foram mencionadas pelos valores individuais dos “astros” dos times. Contra o Vasco da Gama, além do fato de jogar fora de casa, outro elemento surge com empecilho: à contratação de Russinho como profissional do Cruz de Malta.⁴⁹⁹

Russinho era parceiro de Mamede e Ladislau na polícia especial. Inclusive, durante uma partida de *snooker*⁵⁰⁰ na sede da polícia, entre provocações dos irmãos da Guia, o futuro jogador profissional⁵⁰¹ do Vasco retruca: “você jogam muito mais em casa própria. Num campo como o do Vasco, vocês não dão no couro. O gramado é muito mais extenso”.⁵⁰² A vitória não veio, mas sim um empate em 2 a 2 com gols de Plácido e Ladislau do lado alvirrubro. Do lado cruz-maltino Russinho e Carreirinho deixaram suas marcas. A rivalidade aparentemente não era apenas dentro de campo entre companheiros de trabalho e clubes. Adeptos do Bangu A.C vociferavam em São Januário: “Sá Pinto! Ladislau! Tião! essa a gente não pode perder”.⁵⁰³ A associação da rua Ferrer foi a primeira a entrar em campo e recebeu uma pressão dos torcedores da casa. “Uma gritaria infernal que parece sacudir o gigante de cimento” se iniciou com a entrada de Russinho, Itália, Jaguarão e o resto da equipe adversária. O *Jornal dos Sports* aponta que, ao goleiro cruz-maltino, se as leis da L.C fossem cumpridas à risca, poderia ter tido o seu registro de profissional cancelado em base no Art. 53, itens F e G, voltados para autores de atos desonrosos ou imorais.⁵⁰⁴

O mesmo jornal também destaca que Ladislau da Guia deixou suas impressões sobre a Liga Carioca após o embate contra o Vasco da Gama:

⁴⁹⁹ Por vezes, a imprensa esportiva como o *Jornal dos Sports*, anunciava o Vasco da Gama como: grêmio da Cruz de Malta. Alusão à cruz presente no escudo do clube.

⁵⁰⁰ sinuca.

⁵⁰¹ Como amador, Russinho tinha um histórico invejável. Goleador nato fez parte de grandes times do Vasco da Gama na década de 20. Além disso, era considerado um dos melhores centroavantes do país.

⁵⁰² “Ladislau vence Russinho em uma “Preliminar” do encontro Vasco X Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1933, p.2.

⁵⁰³ “Os 2 x 2 do “placard” foram o espelho fiel da luta entre o Vasco e o Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1933, p.1.

⁵⁰⁴ Idem.

Não poderia supor que o campeonato de profissionais, atingisse às proporções gigantescas que está assumindo. A organização é perfecta. Os juizes que antigamente contituíam uma horrível icógnta, começam já a merecer a nossa inteira confiança, uma vez que se lhes pode ver o enorme desejo de accertar e a mais absoluta honestidade.⁵⁰⁵

Na mesma direção de Ladislau, Russinho destacou a boa arbitragem e ponderou sobre a não invasão de campo ou agressão a jogadores e ao juiz. “Ha mais disciplina”.⁵⁰⁶ Pode-se pontuar outras questões como a obrigatoriedade dos atletas inscritos na Liga de fazerem exames na sede de seus clubes ou da própria L.C.F.⁵⁰⁷ E, no viés econômico, uma boa renda de 42:000\$000 que, com o desconto de despesas, rendeu 19:200\$000 para cada agremiação.⁵⁰⁸ Para efeito de comparação, “Vasco e Fluminense se enfrentaram, e a renda em São Januário foi de 36:367\$000”.⁵⁰⁹ A arrecadação era boa para o clube, mas alguns associados bangüenses estavam descontentes. E se isso não foi noticiado pelo *Jornal dos Sports*, foi possível ter acesso no *O Globo*.

O jornal *O Globo* trouxe no dia 22 de maio de 1933 uma queixa de associados bangüenses que não queriam que o local da partida contra o Vasco da Gama fosse alterado para a Zona Sul do Rio de Janeiro e muito menos para São Januário. “Os associados do Bangú querem o jogo com o Vasco, lá em cima”. Um dos torcedores, Ary Marques, achava “um absurdo o Bangú jogar fora de seu campo”. O incômodo com a alteração do local da partida e com a preferência do clube ter optado pela bilheteria em detrimento de seus torcedores se desenha como uma desapropriação das classes populares suburbanas. “O trabalho de vir a cidade com a família é por demais penoso; muitos não dispõem de dinheiro. Pois, como a directoria do club sabe, a maioria dos socios e pobre”.⁵¹⁰ Nas palavras de Ary:

O Bangú tem por obrigação jogar em seu campo, para a commodidade do seu corpo social. Nós, sócios exigimos. Então se os matchs são disputados cá em baixo, por que o club não acaba só com os sócios? Por que não vive só da renda? Os associados do Bangú, na maioria, moram nas estações vizinhas áquellas. Logo, sendo o jogo na cidade, muitos deixarão de o assistir dada a distancia. Ademais, lá em cima os socios levarão as suas familias, o que não poderão fazer aqui.⁵¹¹

⁵⁰⁵ “Ladislau fala da peleja com o Vasco”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1933, p.6.

⁵⁰⁶ “As impressões de Russinho”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1933, p.1.

⁵⁰⁷ “Os exames dos Athletas”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1933, p.5.

⁵⁰⁸ “A renda bruta do encontro Vasco x Bangu foi superior a 42:000\$000”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1933, p.3.

⁵⁰⁹ Malaia, 2010, p. 418.

⁵¹⁰ “Os associados do Bangú querem o jogo com o Vasco, lá em cima. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1933, p. 8.

⁵¹¹ Idem. Nota 510.

As tensões não eram apenas no sentimento local dos torcedores. Notou-se que Sá Pinto era uma das porta-vozes do grêmio de Bangu. O que chamam, no futebol de hoje, de capitão. Veterano do tempo em que Arthur Fridenreich, popularmente chamado de “El Tigre” ou “Fried” se destacava pelos campos amadores. Seu verdadeiro nome era Euclydes da Conceição e se mostrava atento ao noticiário esportivo. Certa vez alegou que o time da rua Ferrer recebia pouca atenção: “Falem do Bangu. O meu club precisa agora é de propaganda. Team elle tem. E como tem”.⁵¹² Uma clara insatisfação com a forma que se noticiava os fatos do jogo contra o Vasco da Gama. A partir da leitura do *Jornal dos Sports*, podemos considerar que um dos fatores que explica as conquistas desportivas que seu clube vinha adquirindo jogo a jogo estava na manutenção do elenco de 1932 para 1933: “O conjuncto já estava formado. Modificammos apenas a maneira de treinamento. Antes nem todos treinavam. Agora isso virou uma obrigação”.⁵¹³ E essa mudança de postura foi trazendo cada vez mais resultado como, por exemplo, mais uma vitória; A vítima da vez foi o Bonsucesso.

Os rapazes do Bonsucesso deram um tremendo trabalho ao time do Bangu no estádio da Campos Sales, na Tijuca. Na primeira parte do jogo a bola tocou a rede cinco vezes. Os dois primeiros gols foram do time adversário com Miro e Eurico. Plácido fez o primeiro do lado alvirrubro e Tião “em bella jogada pela meia direita, driblou Loló, Aragão e Heitor e estendeu hábil e inteligentemente a Ladislau” arrematar e fazer o segundo gol.⁵¹⁴ De acordo com a crônica do confronto, o Bangu fez o terceiro antes do intervalo. No segundo tempo Sobral bateu escanteio e Bauza, o centroavante, escorou e ampliou o placar. Grandin, do Bonsucesso, fez mais uma excelente jogada para Miro que descontou, mas não foi o suficiente.⁵¹⁵ O Bangu A.C continuaria invicto e, dentre os times profissionais do Brasil, apenas ele, o Palestra Itália e a Portuguesa ostentavam, naquele momento, essa especificidade.⁵¹⁶

Em resumo, até aqui, o Bangu A.C conquistou três vitórias e um empate e liderava com certa vantagem a Liga Carioca. O próximo desafio era interestadual, na terra dos bandeirantes, contra a Portuguesa. Conforme texto do *Jornal dos Sports*, a partida do trem

⁵¹² “Sá Pinto não gostou da technica vascaína”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1933, p. 6.

⁵¹³ “Como se formou e se preparou o team do Bangú”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1933, p. 1.

⁵¹⁴ “O Bangú manteve ainda vez o sceptro de invicto”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1933, p. 1.

⁵¹⁵ “O Bangú manteve ainda vez o sceptro de invicto”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1933, p. 6.

⁵¹⁶ Segundo reportagem do *Jornal dos Sports*, do dia 14 de junho de 1933, A sétima rodada do “campeonato brasileiro de proissionaes” o Palestra Itália, atual Palmeiras, de São Paulo, viria ao Rio de Janeiro disputar uma partida de futebol. Ver: “A sétima rodada”, *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1933, p. 1.

noturno que levaria a equipe banguense foi agitada, pois “foi uma verdadeira apoteose, o bota-fôra dos banguenses, culminando o entusiasmo com os “hurraha” vibrantes levantados pelos que ficavam (...)”.⁵¹⁷ Essa peleja continha certa importância, pois se tratava da primeira partida do Bangu A.C em São Paulo. E o clube regressou à capital sem o amargor da derrota, já que empatou em 3 a 3. De acordo com a crônica da partida, a Portuguesa chegou a abrir 3 a 0, mas o grêmio suburbano deu o “sangue banguense”. A torcida e jogadores locais não reagiram bem à reviravolta do alvirrubro e agrediram o árbitro.⁵¹⁸ Na mesma rodada ocorreu violência de São Paulinos no *match* contra o Fluminense. A ausência de disciplina em caso de derrota preocupava a Liga e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA).⁵¹⁹

O retorno não era apenas ao Rio de Janeiro, mas também à rua Ferrer, palco do próximo jogo contra o São Bento, de São Paulo. Conforme noticiou o *Jornal dos Sports*, como boa prática o presidente do Bangu A.C, Alberto Guimarães e outros diretores do clube, foram de automóvel buscar “os seus colegas de São Bento” para levar à Bangu.⁵²⁰ De acordo com a crônica da partida publicada pelo *Jornal dos Sports*, a goleada de 6 a 2 com direito à virada de seis gols do Bangu A.C na segunda parte do jogo.⁵²¹ Outro fato pertinente são os valores dos ingressos de arquibancada custando 5\$500, geral 3\$300 e promoção para militares, que na compra de dois ingressos pagavam apenas um.⁵²² As ações do jogo extrapolaram o tempo da partida. Nos dias seguintes o time de São Paulo, em reportagem publicada pelo *Jornal dos Sports*, culpava o adversário pelas lesões e vice-versa.⁵²³ Essa seria a penúltima exibição do Bangu em seu próprio estádio. No dia 5 de novembro, final da temporada de jogos, já com o Luis Vinhaes a frente do comando técnico, também venceu o Ypiranga, de 4 a 0, pelo torneio interestadual. Ao menos em casa, o clube suburbano terminou o ano invicto.⁵²⁴

Até esse momento a agremiação banguense ainda não havia jogado em seu estádio, na rua Ferer. Na edição do dia 29 de junho do ano corrente, *O Globo*, noticiou a reafirmação dos laços entre a APEA e a Liga Carioca.⁵²⁵ De acordo com *O Globo*:

⁵¹⁷ “O Bangú rumo a São Paulo para a peleja dos invictos”, *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 17 de junho de 1933, p. 1.

⁵¹⁸ “Portuguesa e Bangú fizeram authentica luta de gigantes”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1933, p. 6.

⁵¹⁹ “As aggressões nos campos de football”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1933, p. 2.

⁵²⁰ “Gentileza do Bangú para com o S. Bento”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1933, p. 4.

⁵²¹ “A historia dos 6x2 do Bangú sobre o São Bento”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1933, p. 3.

⁵²² “Os preços dos ingressos para o jogo Bangú S.Bento”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 25 de junho de 1933, p. 3.

⁵²³ “As consequencias do Bangú x S. Bento”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1933, p. 4.

⁵²⁴ “O Bangú manteve a colocação na tabela”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1933, p. 1.

⁵²⁵ “A APEA reafirma a sua solidariedade á Liga Carioca”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1933, p. 1.

Segundo informação autorizada a APEA resolveu que os seus clubs que vêm disputando o campeonato brasileiro só jogarão no Rio, dentro do perímetro urbano. A decisão foi tomada, hontem, em reunião secreta, realizada na associação paulista. Dessa fôrma não poderá ser na cancha da rua Ferrer, como estava anunciado a grande peleja de domingo, Santos e Bangú.⁵²⁶

Como buscou-se demonstrar anteriormente, cada local tem a sua própria particularidade, sua própria dinâmica, sua própria história e formação de identidade em relação ao espaço. De toda forma, se faz necessário pontuar que os clubes de futebol e entidades organizadoras do jogo, como instituições promotoras de determinados hábitos e culturas, podem interferir ou influenciar, mediar opiniões entre localidades ou ratificar preconceitos e generalizações. No jogo contra o Vasco da Gama foi uma imposição acordada em estatuto e opção da diretoria do clube suburbano, porém houveram equipes que não quiseram “subir” para enfrentar os banguenses. Esse foi o caso do time de Santos do litoral paulista.

No seio dessa não ida do Santos E. C à Bangu, tem-se embates entre “paredros”⁵²⁷ de São Paulo e Rio de Janeiro. Em suma, intrigas entre a APEA e a AMEA o que demonstrava certa instabilidade entre associações promotoras da prática esportiva.⁵²⁸

Segundo o *O Globo*, o presidente do clube, Carlos de Barros, também estaria presente. Os embates e debates extrapolavam o espaço de autoridade banguense e, com isso, ficou decidido que o Santos jogaria contra o Bangu na capital e não no subúrbio. Por determinação da APEA, o jogo não poderia ocorrer no campo da rua Ferrer. Teria sido acordado que os clubes de São Paulo só atuariam dentro do perímetro urbano.⁵²⁹ Nesse sentido apresentado pelos paulistas, o espaço se configura e reconfigura a partir das práticas sociais e políticas. Apreender o urbano como “produto social”, conforme postulado por Lefebvre, auxilia em um olhar crítico sobre a forma como a associação paulista hierarquizou o bairro de Bangu

⁵²⁶ “Não poderá ser no campo da rua Ferrer a peleja Bangú e Santos”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1933, p. 1.

⁵²⁷ “Paredro” é uma das formas de chamar o dirigente de clube de futebol. Ver: Drumond, *Op. Cit*, 2020, p. 44.

⁵²⁸ “A Apea reafirma a sua solidariedade à liga carioca”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29, jun. 1933, p. 2.

⁵²⁹ Idem. Nota 525.

retirando do perímetro urbano.⁵³⁰ Com isso, passa a fazer sentido a síntese construída pelo historiador Cláudio Batalha:

Subúrbio, palavra que carrega em si a marca da incompletude, da precariedade, da ausência, da distância. Fora dos limites da cidade, detentor de uma urbanidade rudimentar, intocado pela musa urbana evocada por João do Rio, funciona em contraposição ao discurso da cidade moderna, propugnada pelos ideólogos da reforma urbana que pretende, nos primeiros anos do século XX, redesenhar a então capital federal.⁵³¹

Ao fim e ao cabo, a peleja ocorreu no estádio da Guanabara, no bairro das Laranjeiras. O Bangu abriu o placar com Ladislau no primeiro tempo e no segundo ampliou com Plácido. Seguiu, assim, o embalado clube que muito orgulha os habitantes dos bairros que seguiam a linha do trem. O próximo jogo, embora amistoso contra o Atlético Mineiro, organizado pela Liga mineira, carrega consigo um historicismo que se manifesta na esfera cultural.

Optou-se por tratar desta partida não pôr se a primeira derrota do Bangu A.C na temporada de 1933, mas pela experiência vivida pelos jogadores banguenses. Sobre o C.A Mineiro, Ladislau comentou em reportagem do *O Globo*:

Não tenho muitas informações acerca da eficiência do Athletico Mineiro. Ignoro quão são suas condições técnicas. Mesmo assim, porém, espero vencer. O Bangu está num estado de preparo excelente, verdadeiramente excepcional. Com os valores de que dispõe, pôde sustentar uma ótima “performance”. Levamos, além do mais, a vantagem de todos os times invictos. Não tendo sofrido e nenhuma derrota é justo que as nossas disposições morais sejam as melhores possíveis. Gosto muito dos cracks mineiros: e minha opinião é a de que o futebol de Minas é de classe (...) mas creio, como já disse, mau grado os obstáculos venceremos.⁵³²

Como noticiado pelo *O Globo*, mesmo que o jogo contra o C.A Mineiro seja apenas um amistoso, os jogadores estavam empolgados com o momento em que viviam. A animada excursão não terminou nada bem. Pois, além de perder de 3 a 0, o time da rua Ferrer sofreu com lesões de atletas fundamentais até aquele momento, são eles: Sá Pinto, Sobral e Tião. E sobre o *match*:

⁵³⁰ Para Henri Lefebvre o espaço, enquanto produto social, ocorre a partir das relações de poder. David Harvey, busca apreender o espaço a partir da experiência. Com uma visão menos ortodoxa do que Lefebvre, o “*space*” adquire um sentido multidimensional, cujo objetivo é compreender as relações sociais. No caso em questão, a APEA formulou uma definição de perímetro urbano e, a partir disso, proibiu que seus clubes jogassem fora dessa margem invisível, mas permeada de poder. Ver: HARVEY, David. “Space as a keyword”. **Paperfor Marx and Philosophy Conference**. Londres: Institute of Education, 2004; Lefebvre, *op.cit*, 2013.a, p. 125

⁵³¹ BATALHA, 2011, p. 13 apud. MYIAKASA, 2011.

⁵³² “Os rapazes do Bangu antes de partir falam sobre a excursão a Bello Horizonte”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 de julho de 1933, p. 7.

O jogo bruto empregado pelo Athletico e o pessimo estado do campo (...) O campo era conhecido só pelos mineiros. Chegamos lá e encontramos uma cancha de barro, estranha para todos nós, cheia de segredos que só com o tempo se poderia conhecer. O Athletico jogou desembaraçadamente, como seria de se esperar, enquanto que nós encontramos todas as dificuldades. Foi permitido, além disso, pelo arbitro o jogo pesado que os nossos adversários adoptaram sem muitas hesitações.⁵³³

Cada campo ou *graund*, cancha ou estádio tem sua própria particularidade. Sua historicidade. Em Bangu, desde sempre, estavam habituados a jogar em campos de grama. Em Bangu plantou-se “grama inglesa”, conforme registrou Mário Filho.⁵³⁴ Diante disso, pode-se considerar que o tipo de local de prática de futebol em Minas Gerais influenciou na baixa produção dos jogadores banguenses. Conforme publicado pelo *Jornal dos Sports*, no dia 15 de julho de 1933 o Bangu A.C, líder na Liga Carioca e no interestadual, seguiu invicto em jogos oficiais, foi visitar o Ypiranga em São Paulo. A partida seria no domingo às 16 horas, mas foi remarcada para sábado, pois já havia um jogo neste horário. A justificativa era evitar a concorrência nos portões, uma vez que jogos de profissionais prejudicam o número de “assistentes”, quando no mesmo horário. O jogo terminou empatado em 4 a 4. O destaque da partida, do lado da rua Ferrer, foi Tião que fez três gols no primeiro tempo. O empate fez com que a liderança no Interestadual ficasse dividida entre os alvirrubros e o Palestra Itália.⁵³⁵

Na Liga Carioca, o Bangu liderava sozinho e o próximo embate era contra o CR Flamengo, na rua Álvaro Chaves, campo do Fluminense FC. Nesse momento da temporada, a qualidade do Bangu foi decaindo. Na crônica da partida, atribuíram a queda de rendimento pela falta de troca no time principal, ou seja, precisavam rodar mais os jogadores. O resultado foi um empate em 2 a 2 com críticas do lado banguense ao árbitro, Sr. Teixeira de Carvalho por anulação de gol de Tião após “protestos rubro-negros”.⁵³⁶

Na última semana de julho de 1933 a Portuguesa perdeu para o Corinthians por 1 a 0. Nesse cenário, o Bangu era o único invicto no campeonato brasileiro de profissionais, cuja liderança estava sob seu domínio com dois pontos de vantagem em relação ao São Paulo e ao Palestra Itália. Conforme o campeonato interestadual ia se afunilando, *O Jornal dos Sports aumentava* a dramaticidade da chamada, como essa: “A Batalha que está sendo uma icógnota”.⁵³⁷ Cujo texto focava no próximo confronto que foi Bangu A.C *versus* São Paulo. Uma das razões para isso está no fato de que essas agremiações não tinham históricos de

⁵³³ “O Bangú com vários elementos seriamente machucados”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 de julho de 1933, p. 2.

⁵³⁴ Filho, *Op. Cit.*, 2010, p. 31.

⁵³⁵ “Hoje ou amanhã? - Quando será?”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1933, p. 3.

⁵³⁶ “Sá Pinto quer saber o que succederá a João Teixeira de Carvalho”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1933, p. 4.

⁵³⁷ “A Batalha que está sendo uma icógnota”, *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1933, 6.

confronto. Em entrevista para o *Jornal dos Sports*, Luizinho, jogador do São Paulo, afirmou o seguinte sobre a agremiação banguense: “Não conheço o quadro do Bangú, por isso que ainda não o vi jogar. Sei, todavia, que é um conjuncto potente, uma vez que a imprensa e as “performances” que tem realizada o nosso adversario de hoje, assim o attestam”.⁵³⁸

O São Paulo foi o próximo adversário. No dia 5 de agosto de 1933, no estádio das Laranjeiras, a associação da rua Ferrer perderia pelo valor mínimo, com gol de Zarzur em falha de Euclides. Segundo a crônica da partida do *Jornal dos Sports*, “o Bangu jogou mal. Ninguém nos poderá contestá. A defesa retraiu-se ante a fama do ataque tricolor. E a linha ficou sem apoio com Sobral esquecido. Tião péssimo (...)”.⁵³⁹ Foi no confronto contra o São Paulo, portanto, que o grêmio do bairro de Bangu perdeu a sua invencibilidade na temporada.

Segundo o *Jornais dos Sports*, as boas exibições fizeram o simpático clube do bairro de Bangu atravessar “um surto extraordinário de progresso”.⁵⁴⁰ Embora sem jogar em seu próprio campo e, muitas vezes, longe de seus associados, o grêmio conseguiu, com dinheiro do profissionalismo, comprar um terreno perto do clube e não contrair dívidas.⁵⁴¹ Em entrevista ao *Jornal dos Sports*, o presidente Alberto Guimarães, ponderou que no ano passado inteiro o time havia conseguido 35 contos de renda e, este ano, já teriam ultrapassado 90 contos com expectativa de fechar o ano com uma renda de 180.⁵⁴² Com esse aumento considerável de receita a associação decidiu investir em outras práticas esportivas, no caso foi o boxe, com o objetivo de promover novos programas em sua sede.⁵⁴³

Na rodada seguinte, os times da pauliceia venceram todos os da guanabara e o destaque foi a vitória por 6 a 0 do Palestra Itália sobre o Bangu A.C, diante de quarenta mil pessoas.⁵⁴⁴ Com o fiasco, a liderança foi perdida e decaiu para o terceiro lugar no Interestadual.⁵⁴⁵ Ao *Jornal dos Sports*, Ladislau, jogador do Bangu A.C, partilhou sua visão do campeonato profissional:

⁵³⁸ “Falam tres “cracks” do S. Paulo”, *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro 5 de agosto de 1933, 6.

⁵³⁹ “Caiu ante o São Paulo - a invencibilidade do Bangú”, *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1933, p. 8.

⁵⁴⁰ O Bangú atravessa um surto extraordinario de progresso”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1933, p. 1.

⁵⁴¹ Idem. Nota 538.

⁵⁴² Idem. Nota 538.

⁵⁴³ As lutas de boxe amadoras ocorreram no campo do Bangu A.C e eram abertas para quem quisesse participar. Ver: “O box no Bangú A.C”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1933, p. 2; “O grandioso espectáculo de amanhã, no Bangú - um interessantissimo programma com 8 combates”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1933, p. 3.

⁵⁴⁴ “O Palestra Italia, uma potencia do football brasileiro”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1933, p. 4.

⁵⁴⁵ “Ainda os 6x0 do Palestra sobre o Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1933, p. 3.

Nunca se disputou um campeonato tão exaustivo. Não ha um match que se possa classificar de facil e muito menos quando se tem um team como o Bangu attinge uma situação privilegiada. Onze jogadores difficilmente resistirão até o fim. Veja o caso do Palestra. Tambem atravessou periodos maus, porém tinha reservas a que recorrer sem a desvantagem de ter que procura-los. Todos estavam a mãos. Qualquer jogador que se machucasse, que estivesse atravessando um período delicado em suas performances ou cedesse ao cansaço provocado pela extensão do campeonato, tinha um substituto immediato, sem que fosse preciso modificações radicaes.⁵⁴⁶

Em entrevista para o *Jornal dos Sports*, o tenente Ricão, afirmou que o “Bangu possui um quadro disciplinadissimo, que joga com muito entusiasmo(...)”, porém “diversos elementos se vinham mostrando fatigados”.⁵⁴⁷ Ainda segundo Ricão, o elenco titular ficou sobrecarregado, em especial o experiente zagueiro Sá Pinto.⁵⁴⁸ Com a confiança individual e no coletivo prejudicada, foram atrás de jogadores para profissionalizar como o extrema esquerda Orlandinho, que era estudante do segundo ano do “Gymnasio Arte e Instrução” e surgiu no futebol pelo S.C do Brasil, clube amador de Bangu⁵⁴⁹ e o Ferro, que era do time carioca de *Chauffeurs*⁵⁵⁰ e *half-back* amador do Andarahy.⁵⁵¹ Em entrevista, o novo reforço para o meio de campo disse o seguinte ao *Jornal dos Sports*:

O desanimo já tinha apossado de mim. Pois, a Amea havia perdido o seu prestigio. Às suas competições comparecia acistencia alguma. Jogavamos sem o menor entusiasmo, quasi que mecanicamente. A minha efficiencia technica retrocedia assustadoramente. Resolvi, por isso, mudar de regimen passando-me para a facção onde poderia obter taes proveitos.⁵⁵²

Ler relatos de jogadores que optaram pela profissionalização, independente da etnicidade, mas com um claro recorte de classe, também pode trazer importantes revelações sobre o passado desportivo. Por isso, a presente investigação não busca apenas os fatos, mas os porquês, quais os significados presentes e como isso pode ser pertinente para a compreensão dos processos sociais. No caso de Ferro o descaso da AMEA foi fundamental. Pelo seu relato ao *Jornal dos Sports*, nos parece que o que moveu a nova contratação do Bangu foi o desafio e não o capital. Exaltou o treino e a oportunidade de marcar Orlandinho e

⁵⁴⁶ “Como o Bangu poderia reconquistar sua situação na tabela”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1933, p. 4.

⁵⁴⁷ “O Bangú reunirá reforços para uma reabilitação completa no retorno”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1933, p. 1.

⁵⁴⁸ Idem. Nota. 546.

⁵⁴⁹ “Orlandinho no quadro profissional do Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1933, p. 1-3.

⁵⁵⁰ “Opinião dos nosso leitores”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1933, p. 2.

⁵⁵¹ “Um reforço para o Bangu”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1933, p. 1.

⁵⁵² “Ferro, o novo reforço da linha média do Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1933, p. 8.

Plácidos, agradeceu as amizades que o convidaram para o Bangu e que quase abandonou o “Association”.⁵⁵³

O Bangu A.C foi o clube da Guanabara melhor classificado. Estando em quarto, ficou atrás apenas de Portuguesa, São Paulo e do campeão Palestra Itália. Mostramos que as crônicas, em sua grande maioria do *Jornal dos Sports*, passaram a destacar a queda de rendimento do Bangu nas vitórias e nas derrotas. Sofrendo com lesões e problemas físicos na primeira partida do retorno da Liga Carioca, mais um revés, dessa vez, para o Vasco da Gama por 3 a 0. Logo em seguida, já no mês de setembro, o clube suburbano perderia para o São Bento por 2 a 1 na casa do adversário.⁵⁵⁴ Tal resultado, descartaria as chances de conquista do torneio entre clubes do Rio de Janeiro e São Paulo. Na iminência de evitar mais uma temporada de “fogo de palha”, logo uma boa temporada que não conquista títulos, Ary Franco opta por fazer uma importante mudança que foi a contratação de Luís Vinhaes que, em 1933, vinha sendo o técnico do Fluminense FC.⁵⁵⁵

Na temporada de 1926, começou o ano como jogador (centromédio) do São Cristóvão e logo depois assumiu como técnico levando o seu clube para uma conquista inédita, o de campeão da primeira divisão. O maior título da história do São Cristóvão em uma campanha surpreendente com “quatorze vitórias, dois empates e apenas duas derrotas em dezoito jogos”.⁵⁵⁶ Além desse feito, comandou a CBD na Copa Rio Branco de 1931 e 1932 e esteve à frente da seleção na Copa do Mundo de 1934, na Itália.⁵⁵⁷

Segundo dados divulgados pelo *Jornal dos Sports*, uma das razões pela qual o Luís Vinhaes saiu do comando técnico do Fluminense foi porque não tinha o controle sobre o time e vivia sofrendo interferência de outras pessoas de dentro do clube.⁵⁵⁸ Segundo apuração do *Jornal dos Sports*, a administração não queria que Vinhaes utilizasse amadores como Preguinho e Amaury no time profissional.⁵⁵⁹ No dia de setembro de 1933, Mathias Ricão em entrevista ao *Jornal dos Sports*, assumiu não ser remunerado pelo Bangu e comunicou a

⁵⁵³ Idem. 547.

⁵⁵⁴ “Rodada profissionalista em S. Paulo - vencedores o S. Bento e o Corinthians”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1933, p. 3.

⁵⁵⁵ “Afim, Vinhaes é o tecnico do Bangu”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1933, p. 3.

⁵⁵⁶ Disponível em: <https://www.saocristovaooficial.com.br/historia>. Acessado em: 20 de junho de 2020.

⁵⁵⁷ Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/485681/>. Acessado em: 20 de junho de 2020.

⁵⁵⁸ “Luiz Vinhaes não é mais o tecnico do Fluminense”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 8 de julho de 1933, p. 1-6.

⁵⁵⁹ Idem. Nota. 558.

imprensa que procurou o ex-técnico da agremiação do bairro das Laranjeiras para assumir o seu lugar como técnico da agremiação banguense.⁵⁶⁰

Segundo consta na mesma entrevista ao *Jornal dos Sports*, o tenente Mathias Ricão não era apenas o técnico do Bangu. Ele ocupou outros cargos como o de 2º vice-presidente da agremiação e de diretor de educação física do clube dos Aliados, em Campo Grande. Além disso, como militar, foi secretário da fábrica de Cartuchos e ministrava instruções militares para mais de 180 homens. Na vida civil era bacharel em direito e exercia a profissão também. Ao *Jornal dos Sports*, em entrevista publicada no dia 10 de setembro, declarou não ver problema em ser técnico amador em clube declaradamente profissional: “concorro, pelo contrário, no alcance das minhas possibilidades, para o engrandecimento do Bangú”, mas pondera que a agremiação “necessita de um treinador remunerado”.⁵⁶¹

Personagens como o Mathias Ricão ampliam o alcance dos vínculos do Bangu A.C. Se o clube tem sua imagem atrelada à fábrica, o corpo técnico e os jogadores trazem uma diversificação de ocupações que expandem o elo da associação para outras zonas, formulando, dessa forma, mundos diversos que se conectam a partir da prática do *football Association*. Do exército, passando pela polícia especial, do operário da fábrica e funcionários públicos se configuram em diferentes trajetórias no interior do clube. A agremiação é o meio que possibilita trocas e articulações culturais em um universo bem mais complexo do que a própria noção de subúrbio e de clube faz aparecer. A localidade, assim como a prática esportiva, é a fronteira que possibilita ao historiador entender figuras do passado que, a partir de um curto momento de suas trajetórias, revelam configurações distintas daquelas naturalizadas.

Uma das razões pela qual o Luiz Vinhaes demorou para aceitar ser técnico do Bangu A.C, foi as suas funções junto à prefeitura. Porém, atendendo ao pedido de Ricão, aceitou treinar os banguenses uma vez por semana e comparecer nos dias dos jogos.⁵⁶² Assim, sob novo comando, a associação alvirrubra enfrentou na rua Campos Salles a equipe Leopoldinense do Bonsucesso. A expectativa era de que o ex-técnico tricolor corrigisse as falhas que o conjunto tinha. E ele não só conseguiu como emplacou sete vitórias seguidas.

Nos 5 a 0 do Bangu sobre o Bonsucesso, uma equipe com postura bem distinta teria sido avistada em campo. Ferro e Orlandinho, as novas aquisições, se destacaram junto do goleiro Euclides, Ladislau e Tião. “Uma contagem esmagadora que espelha com fidelidade o

⁵⁶⁰ “O tenente Ricão faz palpitantes declarações ao *Jornal dos Sports*”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1933, p. 3.

⁵⁶¹ Idem. Nota. 560.

⁵⁶² “Afiml, Vinhaes é o technico do Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1933, p. 6.

transcurso da peleja”.⁵⁶³ Com três gols de Ladislau, um de Orlandinho e outro de Plácido, o *Jornal dos Sports* mencionou que o técnico Luiz Vinhaes foi apelidado de “médico de team”, por ter feito os jogadores recuperarem a confiança em suas atuações.⁵⁶⁴ Outro mérito do técnico banguense foi ter apostado em Ferro que, a partir desse jogo, até a conquista da e na Liga Carioca, não sairia mais do time.

O Bangu A.C derrotou a Portuguesa por 2 a 1 para uma “assistencia numerosa que apareceu ao estádio do Fluminense, local do animado confronto”.⁵⁶⁵ Os visitantes abriram o placar, Ladislau igualou e Tião virou no segundo tempo. Os *matches* banguenses vinham despertando maior interesse devido às chances remotas de título Interestadual. Segundo o *Jornal dos Sports*, “a torcida não se conforma com a má situação dos seus clubs e tratou de “appellar” para o certame da cidade”.⁵⁶⁶ De acordo com a crônica esportiva do *Jornal dos Sports*, o torneio local, a Liga Carioca, contou com mais uma boa atuação da associação banguense, dessa vez, contra o Flamengo, em Laranjeiras. A vitória de 3 a 1 com dois gols de Tião, no segundo tempo, sacramentou a vitória.⁵⁶⁷

No treino seguinte ao jogo do Flamengo, estava presente o zagueiro Sá Pinto que regressava após uma lesão. O jogador estava ausente desde a derrota por 6 a 0 para o Palestra Itália.⁵⁶⁸ O técnico Luiz Vinhaes não o utilizou nos jogos da Liga Carioca mantendo como titular o Camarão. Sendo assim, o jogador mais experiente do time esteve em campo na vitória do Bangu sobre o Santos por 3 a 2, na Vila Belmiro, no dia 29 de outubro, e nos dois últimos jogos da temporada contra o Palestra Itália, 4 a 3,⁵⁶⁹ no dia 3 de dezembro, em São Januário e na derrota para o Corinthians, último jogo da temporada, no dia 10 do mesmo mês, em São Paulo.⁵⁷⁰

Na Liga Carioca apenas dois clubes poderiam ser campeões: o Bangu que estava em primeiro lugar e o Fluminense, dois pontos atrás, em segundo.⁵⁷¹ E foi justamente esse o

⁵⁶³ “Os cinco a zero do Bangú sobre o Bomsucesso”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1933, p. 1.

⁵⁶⁴ “Luiz Vinhaes realizou um verdadeiro milagre no team do Bangú - Dizem os entendidos”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1933, p. 1.

⁵⁶⁵ “Os dois a um que o Bangú derrubou a Portuguesa”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1933, p. 1.

⁵⁶⁶ “Porque o certamen regional está perdendo a atenção da torcida”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1933, p. 3.

⁵⁶⁷ “O Flamengo um obstáculo sério que o Bangú tranzpos”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1933, p. 1.

⁵⁶⁸ “O treino semanal do Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1933, p. 1.

⁵⁶⁹ “Mesmo tendo contra si a parcialidade do Juiz, o campeão do Rio soube derrotar o de S.Paulo”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1933, p. 1.

⁵⁷⁰ “A perda do 3º posto pelo Bangú”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1933, p. 1.

⁵⁷¹ O Fluminense abriu mão do Interestadual, poupando alguns jogadores, para tentar o tudo ou nada contra o Bangu A.C em jogo que foi realizado em seu campo. “A peleja com o Bangú terá maior significação”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 29 de Outubro de 1933, p. 1.

próximo confronto pelo torneio local. No próximo domingo, dia 12 de novembro, reservava um embate com rosto de final. Do lado tricolor, uma ironia que revela algumas falhas na legislação da própria Liga na definição de quem é amador ou profissional.

Na edição do dia 1 de novembro de 1933, Mr. Fred Browm, diretor do Departamento técnico da Liga Carioca, logo, quem selecionava os jogadores que representavam o time da capital, declarou ao *Jornal dos Sports* que o *forward* Preguinho e o *Keeper* Velloso poderiam atuar na peleja contra o Bangu como amadores. Como justificativa, utilizou o caso de Nico, do Bonsucesso, que defendeu o clube leopoldinense em quatro oportunidades mesmo sendo amador, uma vez que não tinha registro profissional junto a Liga Carioca.⁵⁷² Para defender sua tese, Browm, faz artifício da jurisdição da Liga Carioca que determinava que o clube poderia testar o jogador em três jogos antes de decidir se assinaria um contrato profissional ou não. Os casos de pessoas que rejeitam o profissionalismo, mas atuam em jogos oficiais, em tese, não teriam sido previstos pelo regulamento. Deu a seguinte declaração ao *Jornal dos Sports*:

Um club teria o direito de “esperimentar oficialmente” um jogador em tres partidas. Si o jogador vae alem dos tres jogos a Liga subtede que o elemento serviu ao club e espera o seu contracto como profissional. Si o contracto não vem, que poderemos fazer? Considerar o jogador profissional. Mas elle actuou como amador. O maximo que se póde fazer é puni-lo com o estagio. Si Prego e Velloso jogarem contra o Bangú não serão considerados profissionnaes. Cumprirão, porem um estagio. É a única pena applicavel no caso.⁵⁷³

Segundo as regras da Liga Carioca, divulgadas pelo *O Globo* no começo do ano, fossem seguidas a rigor o Art. 34 itens C e D que tem por objetivo “zelar rigorosamente pelo cumprimento dos principios de amadorismo, pelos jogadores amadores” e de igual forma para profissionais, alguns futebolistas deveriam ter sido julgados e expulsos do campeonato.⁵⁷⁴ De acordo com o Art. 54 itens B, a única brecha nesse caso, que caçaria o registro amador se Prego e Velloso atuassem pelo Fluminense “sem previo consentimento da Liga ou entidades a que esta estiver subordinada”.⁵⁷⁵ A entrevista foi publicada onze dias antes do jogo. Logo, houve aviso prévio em manifestação pública. Além disso, não pode-se perder de vista que os dirigentes do clube das Laranjeiras estavam na posição de poder. Apesar de inúmeras especulações na imprensa, nenhum desses jogadores desfilou por medo

⁵⁷² “Mr. Fred Browm decreta que se Prego e Velloso actuarem contra o Bangú, ainda não poderão ser considerados profissionnaes”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1933, p. 1.

⁵⁷³ “Mr. Fred Browm decreta que se Prego e Velloso actuarem contra o Bangú, ainda não poderão ser considerados profissionnaes”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1933, p. 4.

⁵⁷⁴ “Estatuto da Liga Carioca de Football”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1933, p. 1.

⁵⁷⁵ Idem. Nota. 573.

de perderem os seus registros de amator. Na edição do dia dois de novembro de 1933 do *Jornal dos Sports*, saiu uma reportagem sobre a opinião do Bangu A.C acerca da possibilidade de Prego e Velloso jogarem a partida. A opinião do time: “Os jogadores do Bangú desejavam que os dois atletas amadores jogassem para que o Fluminense apresentasse na peleja decisiva, com o maximo de sua força”.⁵⁷⁶

Um jornalista do *Jornalista dos Sports* foi cobrir a preparação dos banguenses e relatou os seguintes detalhes: a preparação do Bangu A.C, sob comando de Luiz Vinhaes, foi reclusa, fazendo treinos leves e muito repouso. A partida era uma decisão. Uma final antecipada. Se o grêmio suburbano vencesse, seria matematicamente o campeão. Restaria apenas um jogo contra o América FC. Pura formalidade. “É a oportunidade que o Bangú nunca teve”.⁵⁷⁷ Segundo reportagem do *Jornal dos Sports*, a diretoria do clube deu “carta branca” para o técnico fazer o que quisesse com o elenco profissional. Diante disso, optou-se pela “concentração” em uma fazenda no meio da mata. Segundo Carlos Molinari, o local seria um “Chalé dos ingleses”.⁵⁷⁸ Segundo a notícia, apenas os *jogadores* e alguns diretores podiam entrar.⁵⁷⁹ “O pessoal nos obedece cégamente. Estão todos contentes porquê vêem que a direcctoria está facilitando tudo para que elles consigam o seu maior desejo - o título de campeão”, ponderou o tenente Barbosa.⁵⁸⁰ A descrição era de um ambiente harmônico:

O repórter regressava para a cidade e vem ao volante concatenando as impressões que tivera. A situação na fazenda é excelente. É no alto de um morro. Ar puro, saudavel. Muito ar. Vida simples e sadia. Não ha visitas nem conversas sobre o jogo de domingo. Ninguém tem a menor preocupação. Tudo ali é tranquilidade.⁵⁸¹

Na semana do jogo, as praças não falavam de outra coisa. “O Bangu reuniu maior numero de adeptos eventuaes, em virtude de sua invejavel situação, nunca por ele obbtida”.⁵⁸² E foi nesse espírito, da tranquilidade, construído por Luiz Vinhaes que o Bangu A.C venceu o Fluminense FC por 4 a 0 com gol contra de Ivan, dois de Tião, sempre ele, e Plácidos. Os

⁵⁷⁶ “Como encara o Bangú a inclusão de Velloso e Prego na batalha decisiva?”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1933, p. 1.

⁵⁷⁷ “No recanto onde o Bangú se concentrou para o choque decisivo”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1933, p.3.

⁵⁷⁸ Disponível em: <https://www.bangu.net/informacao/noticias/jogos/1933/19331112.php>. Acessado em: 30 de agosto de 2022.

⁵⁷⁹ Idem. 577.

⁵⁸⁰ “No recanto onde o Bangú se concentrou para o choque decisivo”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1933, p. 4.

⁵⁸¹ Idem. 577.

⁵⁸² “Fluminense e Bangú, Héroes da mais sensacionais peleja do Campeonato Carioca”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1933, p.1.

onze alvirrubros conquistaram um esmagador triunfo.⁵⁸³ O clube demorou 29 anos para conquistar uma taça da elite local. E tudo começou em 1905, quando um grupo de britânicos resolveu criar uma associação voltada para a prática de esportes. As instalações, que tentavam seguir a burocratização do próprio jogo, foram adquiridas pouco a pouco em negociação com a fábrica Progresso Industrial. Seu corpo de associados não era tão volumoso como os da capital, mas era grande perto das agremiações da mesma região e trabalhadores operários ou não, ao longo dessa jornada, foram essenciais para a transformação do “empreendimento” até a conquista do título. Assim como o clube tornou público vários desses homens que puderam adquirir uma oportunidade melhor em outros times.

Trata-se, portanto, de um clube que reterritorializou o sentido associativo empregado até então ao tornar o *ground* multiétnico, multinacional e popular. Com escretes formados por jogadores sem “renome”, com figuras que fora das quatro linhas não tinham ressonância. No regime amador eram “fogo de palha”, diferente de clubes como Vasco da Gama e o São Cristóvão. Embora no ano de 1933, houvesse “uma verdadeira allucinação com a população quase toda nas ruas”,⁵⁸⁴ desfilou a grande maioria dos jogos longe de sua própria praça esportiva. Em certa medida, longe dos seus locais. Ainda assim, a festa à Bangu aconteceu na mesma noite do título. Os jogadores, ao atravessarem as alas formadas pela gente do bairro, foram recebidos por um cortejo, seguido de efusivos “Hurrah!”, bandeirolas e panos vermelhos que dominavam o ambiente.⁵⁸⁵ Além desse festejo, o clube também foi homenageado na sede do Nova Iguaçu FC⁵⁸⁶ e o tenente Ricão e Vinhaes foram celebrados com danças e retratos autobiográficos na Flor da Lyra.⁵⁸⁷ A essa altura o leitor deve imaginar um escrete de ressaca para o próximo jogo, certo? Negativo.

Na rua Campos Salles, contra o América FC, um 7 a 3 para não deixar dúvida do valor desse escrete. O jovem Tião, artilheiro da competição, abriu e encerrou o placar fazendo, ao todo, três gols.⁵⁸⁸

⁵⁸³ “Quatro bolas na rêde de Armandinho, o resultado que sagrou o Bangú campeão da cidade”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1933, p.1.

⁵⁸⁴ “Como o povo de Bangú recebeu os seus heróis”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1933, p.1.

⁵⁸⁵ Segundo Nei, à Bangu ou “à moda bangu” se trata de uma “locução adverbial de modo – à moda Bangu –, cotidianamente presente na linguagem popular, e, em particular, relacionada ao futebol, expressa de certa forma a multiplicidade do bairro suburbano: sem compromisso, amador ou de qualquer jeito. Isto é, vamos fazer isso como se faz em Bangu”. Ver: Santos Junior, *Op. Cit*, 2017, p. 196.

⁵⁸⁶ “O Bangú vae ser homenageado em Nova Iguaçu as festividades de hoje”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1933, p.1.

⁵⁸⁷ “Vinhaes e o tenente Ricão vão ser homenageados”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1933, p.2.

⁵⁸⁸ “O Bangú manteve em toda linha o prestigio de campeão”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1933, p.1.

Os esportes de uma forma geral e o futebol, aqui em particular, reserva, a cada disputa, uma trajetória de vencedores e vencidos. Nessa primeira parte do terceiro capítulo, optou-se por uma escrita da história de caráter narrativo, partindo, portanto, da idealização e conhecimento de uma associação. Trata-se de uma coletividade que entrelaça-se às narrativas individuais. São novos comportamentos que referendam a complexidade das agremiações esportivas. Bangu A.C é um clube diverso, com pessoas de origens diferentes e que vão trilhar distintos caminhos. Por isso, reconhecer que quando se veste uma camisa todos os onze titulares em campo, ao menos na experiência banguense, são um só. Esse um representa uma comunidade multifacetada. Ao mesmo tempo, exige-se certa obediência, integral e respeitosa para que todos possam laborar por um objetivo: a vitória. Assim sendo, o bairro do Bangu e o Bangu A.C se confundem, também, com uma comunidade de trabalhadores.

No entanto, vale recordar que o ser jogador de futebol ainda não era uma profissão. Exigia-se comprometimento exaustivo e o preconceito em relação aqueles que recebiam como profissionais não tinha secado. As viagens de trens, a vida “disciplinar”, as lesões, ficar longe da família e, embora recebesse algum vintém, não havia segurança alguma. Por isso, o resultado reflexivo apresentado aqui é a de que para muitos desses jogadores a mudança do regime do amadorismo mascarado para o profissionalismo às claras foi quase nula. Por fim, como declarou Luís Vinhaes ao *Jornal dos Sports*:

alguns directores de clubs não comprehenderam bem o que se ta a fazer - que a Associação dos jogadores seria, com o tempo, uma das forças do profissionalismo. Hoje todos se syndicalizam. Unem-se. Procuram tornar-se fortes por isso mesmo. Também alguns jogadores - e não foram poucos os que assim pensaram - não todos - sentiram-se como se nada de novo tivesse acontecido.⁵⁸⁹

Segundo João Malaia a ideia de fazer um sindicato de jogadores surgiu na década de 1930 por parte de esportistas e treinadores, mas não teria vingado em razão do controle sindical na “Era Vargas”.⁵⁹⁰ Tal afirmação, talvez, mereça uma maior atenção. As transformações iniciadas em 1930 são duradouras no imaginário político e social no Brasil. Ainda mais refletindo que a questão social ou assistir os trabalhadores era uma das agendas do governo Vargas e “Os primeiros anos da década de 1930 assistiram a uma disputa intensa em torno do modelo sindical proposto pelo governo”.⁵⁹¹ Em 1932 criou-se a carteira de

⁵⁸⁹ “Luiz Vinhaes aponta o erro do campeonato Rio São Paulo e declara que a preocupação maxima dos dirigentes deve ser o torneio local”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1933, p.3.

⁵⁹⁰ Malaia, *op.cit.*, p. 431.

⁵⁹¹ FONTES, Paulo; PIRES, Isabelle. “A Revolução de 30 e os sindicatos: história e historiografia do trabalho. In. AURÉLIO VANNUCCHI, Marco; ARONNE DE ABREU, Luciano. (org.). **A era Vargas** [recurso eletrônico]: 1930-1945 - Dados eletrônicos - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021, p. 321.

trabalho, importante documento que garantiria e comprovaria a relação entre empregador e empregado. Ainda assim, ao menos nos periódicos analisados, poucos foram os clubes que se manifestaram em favor da necessidade de se criar uma Associação para jogadores de futebol. Nessa dissertação apontou-se e analisou o caso do A.C Cordovil, mas por não ser o objeto da pesquisa não foi possível maior investigação. Porém, pode-se concluir que nenhum clube da elite tinha interesse, pois certamente seria uma ferramenta institucional de valorização da memória nos dias de hoje. Assim sendo, seria interessante mapear e analisar quais jogadores se mobilizaram na direção do sindicalismo ou mutualismo de sua profissão. Vale destacar que somente em 1976, em plena ditadura civil-militar, aplicou-se a Lei 6.354/1976 que discorreu sobre a profissão de atleta de futebol que foi revogada em 2011.⁵⁹²

3.2 OBSERVAÇÕES SOBRE AS MEMÓRIAS E A BUSCA PELAS PRÁTICAS DESVIANTES NO RIO DE JANEIRO

Segundo Ricardo Pinto dos Santos, o Clube de Regatas Vasco da Gama foi a primeira associação esportiva do Brasil a criar um centro de memória no ano de 2001.⁵⁹³ No dia 16 de agosto de 2014, este centro recebeu um novo espaço.⁵⁹⁴ Mais recentemente, no dia 1 de novembro de 2020, o local onde o Vasco da Gama foi fundado em 1898, passou por um processo de revitalização e hoje recebe exposições mensais além da possibilidade de visitar virtualmente o novo empreendimento.⁵⁹⁵

Iniciativas como as promovidas pelo Vasco da Gama se articulam com o conceito de “lugares de memória”, de Pierre Nora.⁵⁹⁶ Assim como, ações com as exposições mensais, livros de memória, documentários, filmes, programas esportivos e outros, em nosso tempo,

⁵⁹² BRASIL. **Lei 12.395, de 16 de março de 2011.** [...] cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências.. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm#art19. Acesso em: 14 julho de 2022; BRASIL. **Lei 6.354, de 2 de setembro de 1976.** Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências [...]. Brasília, DF, [1976]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6354.htm. Acesso em: 14 maio de 2021.

⁵⁹³ SANTOS, Ricardo Pinto de. “Criando uma nova história - a experiência do centro de memória do Vasco da Gama”. **Acervo**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 28-37, 2014.

⁵⁹⁴ Ver: <https://www.netvasco.com.br/n/150846/vasco-inaugurou-o-novo-espaco-do-centro-de-memoria-em-sao-januario>. Acessado em: 20/05/2022.

⁵⁹⁵ Ver: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/11/01/local-de-fundacao-do-vasco-e-inaugurado-com-exposicao-sobre-inicio-do-clubes.htm>. Acessado em: 20/05/2022.

⁵⁹⁶ Sobretudo no que confere a preservação de toda a tipologia de documentos das instituições e dos agentes históricos envolvidos com ela. Ver: NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. **Revista Projeto História**. n.10, 1993, p. 9-28.

aguçam o que Halbwachs categorizou como: “memória coletiva”.⁵⁹⁷ Em síntese são as formas de reconstrução da memória na sociedade. Isto ocorre quando determinada memória deixa de ser individual e torna-se coletiva. Observe o caso a seguir.

Em razão da celebração do aniversário de 122 anos do Clube de Regatas Vasco da Gama, o professor e historiador Luiz Antônio Simas, no programa Redação *Sportv*, da rede *Globo*, afirmou:

O Vasco talvez tenha uma das histórias mais lindas do futebol brasileiro. É uma história que deveria ser estudada em escola. Em colégio, né? Se a gente debate, se a gente discute tanto hoje decisões vinculadas ao racismo estrutural, né? A história do Vasco da Gama, do aniversariante, é para ser estudada em colégio. Como a gente estuda proclamação da República, abolição da escravidão, a gente estuda esse negócio todo e tinha que estudar a história do Vasco, tinha que estudar o título de 23 do Vasco, então, é bom, né? E é bom ver o Vasco da Gama em campo, porque é a grande história do futebol brasileiro, o Vasco é um patrimônio do Rio de Janeiro, Vasco é um patrimônio do Brasil e nessa circunstância toda o Vasco é um patrimônio da cultura do mundo.⁵⁹⁸

Argumentar em defesa da utilização do Clube de Regatas Vasco da Gama como objeto de ensino se apresenta como uma proposta pedagógica relevante.⁵⁹⁹ O caso do clube de São Januário permite trabalhar a riqueza da diversidade étnico-racial e é um valioso exemplo de luta contra formas de discriminação racial na Primeira República sendo, “a resposta histórica”, datada de 1924, uma possível estratégia de uso de fonte histórica a ser trabalhada em sala de aula.⁶⁰⁰

A tese do historiador João Malaia tem por base analisar o processo de profunda mudança no futebol carioca a partir do caso do Vasco da Gama.⁶⁰¹ No título da tese encontra-se “Revolução”, justamente por entender que o seu objeto de estudo fez parte de um processo histórico de mudanças no futebol carioca. Em certa medida, como mostra o autor, no futebol nacional e internacional, também. Um dos méritos da obra é situar o Vasco da Gama antes da década de vinte mostrando que, em outras modalidades - como esportes náuticos - o clube se fazia presente na conquista de títulos e atraía a atenção de uma comunidade para além da colônia portuguesa. Outro ponto de destaque foi ter conseguido

⁵⁹⁷ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

⁵⁹⁸ SIMAS, Luiz Antonio. (Vasco Play). A história do Vasco deveria ser estudada nas escolas - Professor Luiz Antônio Simas. **Youtube**, 18 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GFbdc9JXjU&t=3s>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2021.

⁵⁹⁹ O caso em questão cumpre uma série de requisitos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

⁶⁰⁰ Disponível em: <https://vasco.com.br/conteudo/1924-a-resposta-historica/>. Acessado em: 10 de maio de 2022.

⁶⁰¹ Malaia, 2010.

comprovar que o clube de regatas pagava os jogadores. Com esses dados, o autor diverge da obra clássica de Mário Filho. E não discorda que um dos grandes feitos da “revolução” vascaína tenha sido “colocar atletas negros, oriundos das camadas mais baixas, vítima de preconceitos e ironias por conta de suas profissões consideradas braçais nas páginas de jornais”.⁶⁰²

A construção de São Januário se apresenta de grande importância, desde a história urbana à história material do Rio de Janeiro até a demonstração de senso de comunidade. Em contrapartida, a revolução promovida nunca veio, pois como é possível observar na tese, primeiro o poder do Clube de Regatas continuou sendo exercido pelos mesmos grupos que viam os lucros que o futebol vinha arrecadando. O autor mostra, a partir de análise dos públicos, que o clube tinha um contingente de adeptos multifacetados e espalhados pelos centros urbanos. Em segundo lugar, utiliza-se mão de obra mais barata, os operários. Esses passavam a receber um vintém que antes não recebiam, mas, ainda assim, de forma ilegal. Logo, no mínimo feria os princípios básicos do jogo como o *fair play*. Malaia também mostra que o Vasco não foi “ponta de lança” no processo de profissionalização em 1933. Após a mudança de regime, os jogadores passaram a sofrer represália por parte dos sócios. Todos os pontos elencados não desmerecem a importância da carta histórica, das conquistas do clube ou das formas como a associação lida com a sua memória. Todavia, como historiador, problematizo e, por isso, rejeito a disciplina histórica como mera “noção evolutiva de um processo histórico cumulativo”.⁶⁰³

Aliás, a concepção do historiador como um profissional informativo, de exemplos e de imagens sem contradições é uma das grandes críticas de Lévi-Strauss. O antropólogo e filósofo em seu texto, *Raça e História*, tinha como um dos objetivos questionar a linearidade do progresso histórico a partir da noção de que a realidade não era estática ou unívoca, mas sim, complexa.⁶⁰⁴

Diante deste cenário, o Vasco da Gama que foi campeão em 1923 fugia à lógica dos padrões societários desportivos à época, entendidos, por muitos, como uma prática de indivíduos da elite e continua sendo comandado pela elite. Porém, conforme postulou Pollak, a memória pode “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem

⁶⁰² Malaia, *Op. Cit.* 2010, p. 312.

⁶⁰³ LÉVI-STRAUSS, C. “Raça e História” in **Antropologia Estrutural II** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, capítulo XVIII, pp 328-366. Outros autores também ponderam essa questão, ver: Sazbín; Frydenberg, 2018; Elsey, 2017.

⁶⁰⁴ Lévi-strauss, *op.cit*, 1976, p. 206.

em comum”.⁶⁰⁵ No site oficial do Vasco da Gama, sobre a “resposta histórica”, têm-se a seguinte afirmação:

Nesse dia histórico, o futebol brasileiro começou a ser do povo. Começou a forjar a tolerância, traço fundamental da cultura brasileira, que possibilitou a diversidade e a riqueza racial e cultural que vivenciamos hoje. No ano de 1923 começou a ser possível conhecermos Pelé, Garrincha, Didi, Barbosa, Romário e tantos e tantos outros talentos inigualáveis do nosso esporte. E o Vasco deu o seu mais importante passo para ser o gigante no qual ele se tornou.⁶⁰⁶

A forma como a história acima é contada, revela o centralismo e silencia as diferenças. Neste texto o Vasco acumulou para si a história do futebol brasileiro. O historiador que deseja estudar um esporte tão popular como o futebol precisa lidar com as construções das próprias associações. Sobretudo na década de 1930 quando se inicia o crescente processo de popularização dos clubes, conforme defende Drumond.⁶⁰⁷ O autor tem diversos trabalhos sobre a relação do governo Getúlio Vargas com o estádio de São Januário. Logo, também não se pode ignorar as relações dos esportes com os estados, sobretudo, aqueles de caráter mais autoritário.⁶⁰⁸ Vale mencionar que, tal qual o Vasco da Gama, havia vários outros clubes de caráter interclassista e multirracial, nos idos de 1920 e 1930, período tratado neste trabalho como de popularização e que caminhavam em direção ao profissionalismo, como, por exemplo, o Bangu A.C.

No mesmo ano de criação do centro de memória do Vasco da Gama, no ano de 2001, no plenário Barbosa Lima Sobrinho, na ALERJ, foi aprovado uma emenda que concedia a medalha tiradentes e seu respectivo diploma ao Bangu Atlético Clube, pelo pioneirismo e enfrentamento na luta contra os preconceitos aos atletas negros.⁶⁰⁹ O deputado Noel de Carvalho Neto, autor da emenda, neto de Noel de Carvalho, o primeiro presidente brasileiro do Bangu A.C que prestou serviços “tendo como prioridade a defesa do jogador negro e do

⁶⁰⁵ POLLACK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 9.

⁶⁰⁶ Disponível em: <https://vasco.com.br/conteudo/1924-a-resposta-historica/>. Acessado em: 10 de maio de 2022.

⁶⁰⁷ Ver, por exemplo: DRUMOND, Maurício. “Os gramados do Catete: Futebol e política na Era Vargas (1930-1945)”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política. A construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro, Mauad, 2006

⁶⁰⁸ DRUMOND, Maurício. “Os gramados do Catete: Futebol e política na Era Vargas (1930-1945)”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política. A construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro, Mauad, 2006

⁶⁰⁹ CARVALHO, Noel de. **Projeto de Resolução nº 788/2001, de 30 de maio de 2001**. Concede a medalha Tiradentes e respectivo diploma, ao Bangu Atlético Clube, ao ensejo dos noventa e sete anos de sua fundação, pelo destemor e pioneirismo na luta contra os preconceitos discriminatórios ao atleta negro.: Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro99.nsf/dae85f46f020c57003256bc60068cf57/9d5b06472529aa8103256a5d005af5c5?OpenDocument>. Acessado em: 10 mar. 2022.

operário, que os clubes tentavam de todos os meios e modos afastar das lutas gramado a dentro”, na década de 1910, foi rememorado, assim como, vários outros laboriosos personagens que fizeram de suas habilidades e desejos desde o bairro de Bangu, uma forma de confronto contra a discriminação racial.⁶¹⁰

Tanto o exemplo do Vasco da Gama, quanto o do Bangu A.C, circunscritas geograficamente ao Rio de Janeiro - se faz necessário pontuar que existem outros casos como, por exemplo, a Liga da Canela Preta⁶¹¹ - são acompanhados por usos e reconstruções da memória “seleccionado y reinterpretado según las sensibilidades culturales, las interrogaciones éticas y las conveniencias políticas del presente”.⁶¹² Por isso, o historiador deve estar sempre atento às tradições inventadas, assim como, indagar a forma “pelo qual o presente modifica o nosso modo de ver o passado, e vice-versa”.⁶¹³ Esse modo de inserção do negro no campo de jogo ou do “popular” é marcado por uma ampla gama de atores sociais, políticos e instituições que disputam a hegemonia da “reminiscência da memória”.

“Reminiscência da memória”, conforme apontou Carlo Ginzburg, seria “a linguagem que usamos para falar de memória baseia-se ainda hoje sobre metáforas usadas por Platão e Aristóteles”.⁶¹⁴ Se bem-sucedido, como aponta ser o caso do Vasco da Gama, acaba por ser reiterado por versões de valor quantitativo, desde os primeiros cronistas e memorialistas, de certa forma os pioneiros da produção acadêmica sobre futebol até os dias de hoje, com chancela, em grande medida, de governos, do estado e de outras instituições como a imprensa e federações. E é justamente, nesse ponto, que pode-se abordar a ambivalência do “*pharmakon*: um remédio e, ao mesmo tempo, um veneno”.⁶¹⁵

Com isso, quando o assunto é futebol, alguns cuidados precisam ser tomados. O primeiro é o reconhecimento de que o esporte vive de crises. As causas e consequências são assuntos em periódicos, rádios e, posteriormente, em programas de televisão esportivos e, hoje, com a revolução técnico-informacional, na internet.

⁶¹⁰ *Gazeta de Notícias*, 30 de abril de 1916. Apud. CARVALHO, 2001.

⁶¹¹ MASCARENHAS, Gilmar. “O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS)”. Anos 90, *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, Porto Alegre, jul. 1999b, n. 11, pp. 144-61.

⁶¹² “(...) selecionado e reinterpretado segundo as sensibilidades culturais, as interregoações éticas e as conveniencias políticas do presente”[tradução livre]. Ver: TRAVERSO, Enzo. “Historia y Memoria: notas sobre un debate”. In. FRANCO, Marina; LEVÍN, Florencia. **Historia reciente perspectivas y desafios para un campo en construcción**. Buenos Aires: Paidós, 2007, p. 3..

⁶¹³ Ginzburg, *Op. Cit*, 2009, p. 10. Sobre o conceito de tradições inventadas, ver: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. RJ: Paz e Terra, 1990.

⁶¹⁴ Ginzburg, *Op. Cit*, 2009, p. 16. José Miguel Wisnik também usou a lógica de veno-remédio para interpretar o futebol brasileiro. Ver: Wisnik, 2008.

⁶¹⁵ Ginzburg, *Op. Cit*, 2009, p. 20.

. A crise financeira dos clubes, federações, confederações, crise técnica dos jogadores, crise nas arquibancadas, crises de ordem social, cultural, política e econômica. Além desses detalhes, existem as brigas pelo poder que, como pôde-se observar, são travadas em várias escalas. Em um olhar para as pessoas comuns, interesse particular do autor, na confecção de história, importa analisar as experiências por menores que aparentam ser, pois possibilita a compreensão de sistemas de valores que passam entre os dedos dos que comandam o desporto.⁶¹⁶ O jogar futebol na rua, portanto, enquanto “produto” a ser vendido (“pés-de-obra”) que para ascender socialmente, não pode ou não deveria ser o amuleto de sucesso de um profissionalismo às claras, nascido de um amadorismo marrom, cuja origem é de ordem classista e racista. Os jogadores de futebol demorarão anos para terem garantias mínimas.

A história, assim como os esportes, contém o seu jogo de memória entre “vencedores e vencidos”. Entre os lembrados e os esquecidos. Nesse sentido, a disciplina dialoga com o “idioma mundial moderno”⁶¹⁷ promovido por sujeitos que se envolveram com o futebol ao longo dos anos e que o faz o esporte mais popular do mundo. Cabe, portanto, apurar qual é o papel e o peso dos testemunhos que falam esse “idioma”? Quem fala e quem foi silenciado pelo passado? Não cabe aqui responder, mas indagar que o ponto de partida é a reflexão acerca do próprio fazer histórico. A compreensão de um período, que transita entre a criação de um costume, a popularização de baixo para cima e, conseqüentemente, a perda do controle do valor “original” desse costume, por meio dos esportes, é capaz de revelar, para além da luta por direito e emancipação, uma sociedade complexa e desigual. Ao carecer de escoamento e fluidez da própria história o que resta, muitas das vezes, são às estruturas existentes em nosso tempo (os grandes clubes), inibindo, dessa forma, outros *sujeitos*, *autores* e *agentes* que se ocuparam do jogo de bola como uma forma de existência. Por isso, argumenta-se na direção proposta por Thompson de se atentar ao ser social e às formas que este manifesta a sua consciência - mesmo que única e exclusivamente na forma de jogar.⁶¹⁸

⁶¹⁶ “visto de baixo” foi redigido em alusão à história vista de baixo que, no original, ficou conhecida como “History from below”. Como relatado na Introdução, este fazer história tem por foco as pessoas comuns, suas experiências e trajetórias. Soma-se a isto a atenção especial à temas culturais e ações populares. Um resumo com os principais nomes dessa corrente historiográfica e temas abordados pode ser lido no site do Institute of Historical Research, na Universidade de Londres. Disponível em: <https://archives.history.ac.uk/makinghistory/themes/history_from_below.html>. Acessado em: 25 de jul. 2021.

⁶¹⁷ GUEDES, Simoni Lahud. “De criollos e capoeiras: notas sobre o futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil”. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26, 2002, Caxambu. **Anais...** [S. l.], 2002; GUEDES, Simoni Lahud. “O Brasil no campo de futebol”. **Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EdUFF, 1998.

⁶¹⁸ Thompson, 2012; Thompson, 1987.

E, neste trabalho, alguns casos foram apontados e analisados como, por exemplo, o registro dos diversos clubes que sumiram do mapa sendo, muitos destes, de fábrica, o festival em homenagem ao *back* Rodrigues ou a tentativa do A.C Cordovil de criar uma Associação beneficente. O próprio pioneirismo do Bangu A.C na inserção do afrodescendente no campo de jogo e na formação de todo um cotidiano festivo, de lazer, desportivo que possibilitou vários jogadores desfilarem suas habilidades e, quando possível, conseguirem dias melhores para si. Ao começar a praticar futebol de rua e depois fundar o seu próprio time, Julio Cezar, Domingos da Guia, que rodou por grandes equipes como Flamengo, Vasco, Corinthians, Nacional do Uruguai e Boca Jr e até jogou a Taça Jules Rimet em 1938, na Itália. Mesmo estando em vários lugares não titubiou em afirmar que “o meu mundo é Bangu...é onde meu espírito fica tranquilo”.⁶¹⁹

Muitas histórias dos jogadores que fizeram parte deste período ainda são bastante nebulosas, pois existem várias agremiações, práticas esportivas e experiências das classes trabalhadoras a serem estudadas. Tentou-se, sempre que possível, dar voz aos jogadores para que eles fossem sujeitos de seus próprios processos. Portanto, trata-se de falar junto deles e não de falar por eles. Apesar disso, assume-se o compromisso científico de que existe uma vastidão de trajetórias a serem contadas. Afinal, “a humanidade é rica de possibilidades imprevistas, e o progresso não é feito à imagem da “similaridade melhorada”, mas de percalços”.⁶²⁰

Por sorte, os historiadores têm o hábito de vasculhar o passado atrás de novas questões, perspectivas e testemunhas. Ao fazer isso por meio do futebol, dentro da periodização e espacialização da própria dissertação, pode-se iniciar a busca por um passado que não foi compartilhado, um passado “desviante” preso entre as fissuras do consolidado e os conceitos como aglutinadores de processos.

Estabelecer um novo horizonte de investigação que passe pelo mapeamento, análise e problematização, hipoteticamente revele novas conexões entre os mundos dos trabalhadores e a prática esportiva e sociedade. Entre o passado dos pioneiros que, munidos do desejo de chutar uma bola, possam contar suas versões de sua existência. Atenta-se, portanto, à uma “diversidade política”,⁶²¹ social e cultural por meio do futebol e/ou outras práticas. Tal proposição não é uma novidade. Recentemente, João Malaia propôs a produção de biografias que resgatem a trajetória dessa geração de jogadores.⁶²²

⁶¹⁹ Moraes, *Op.Cit*, 2002, p. 185.

⁶²⁰ Lévi-strauss, *Op. Cit*, 1978, p. 209.

⁶²¹ Arlei, *Op. Cit*, 2018.

⁶²² SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Futebol e história”. In: GIGLIO. Sérgio Settani; PRONI,

Este subúrbio difuso, distante foi o ponto de partida, por exemplo, de diversos jogadores que na década de 1920 vão causar distúrbios ao futebol elitista. Que, em meio às inúmeras empresas impressas, vão ser considerados “cracks” pelas suas habilidades e a habilidade com o futebol. Vão passar a traçar trajetórias ocupando espaços que, outrora, não os pertenciam. E é nos arrabaldes, ou melhor, ainda hoje, nas desigualdades sociais que rapazes e moças fazem do futebol uma experiência permeada por escolhas, confrontos, embates e contradições. Para Simoni Guedes, o importante “é a escolha das pessoas com as quais e contra as quais se vai jogar. O futebol aparece, então, como um rito que, incluindo, exclui”.⁶²³ Precisamos, portanto, como historiadores, incluir os excluídos e, a história social e cultural, contém ferramentas metodológicas e teóricas para isso.

Considerações finais:

DESCENDO AO VESTIÁRIO:

O Bangu A.C campeão da Liga Carioca de 1933 foi o foco principal desta dissertação. A partir dele recuamos temporalmente na busca de compreender este processo. Quando o projeto foi elaborado e aprovado não se poderia imaginar que haveria temas e questões de tantas relevâncias. Ao mesmo tempo, uma Pandemia global que isolou indivíduos, trouxe transtornos, problemas antes inimagináveis se somaram à uma reclusão que vai deixar marcas nas formas de viver e estar em sociedade. Nesta pesquisa, compreendi que as pessoas foram feitas para viver em rede e essa é uma das formas possíveis de pensar o passado.⁶²⁴ Além disso, a agremiação suburbana é um objeto de estudo que ajuda a perceber os usos da história do futebol em benefício próprio. Ainda assim, para entendê-la da melhor forma possível, se faz necessário recuar até 1889, ano em que se fundou a Companhia Progresso Industrial do Brasil. No ano de 1888, mais precisamente no dia 13 de maio, assinou-se a Lei Áurea. A fábrica criaria o bairro e, logo depois, criaria sociedades musicais e clubes desportivos como o Bangu A.C, cujo espaços foram ocupados por corpos negros.

Na ata de fundação do clube há uma relação incontornável com os operários. Não apenas no associar-se ao clube, mas, também, na possibilidade de entrar no campo de jogo. Com isso, nos primeiros anos do século XX o Bangu A.C desfilava com times com características plurinacional, interclassista e multirracial. Essa opção declaradamente

Marcelo Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

⁶²³ Guedes, *Op. Cit*, 1982, p. 73.

⁶²⁴ Ver: Taylor, 2017; Savage, 2011.

multicultural fez a agremiação, um dos organizadores do campeonato de 1907, se retirar por ser contrário à exclusão de negros nos campos de futebol.⁶²⁵

A solução foi jogar alguns anos torneios promovidos pelo próprio bairro como, por exemplo, a taça Ferrer. Essa relação do clube com o bairro e fábrica é que estimulou a promoção de um primeiro capítulo voltado para os subúrbios. Pois, as fontes, em sua maioria das vezes, partiam do centro, capital, para o interior conduzindo, assim, uma concepção de subúrbio e do ser suburbano que se tinha o interesse em desnaturalizar. Nesses dois anos de mestrado, aplicou-se um olhar adquirido a partir das influências como discentes que estimulavam a procurar e engajar as experiências vividas, em especial pelos jogadores-operários de Bangu.

Casos como o do Julio Cezar não são apenas lazeres cotidianos. É o “pontapé” da primeira experiência ludopédica de um dos maiores zagueiros do século XX. E seus primeiros jogos ocorreram perto da Igreja de Santa Cecília, da atual sede do Bangu A.C. São experiências que, alguns anos depois, vão virar trabalho. Essa é uma das fontes que auxiliaram na pesquisa a repensar as hipóteses e objetivos. E, o mais importante, é que acessá-las possibilita novos caminhos reflexivos sobre essa relação. O que faz elaborar questionamentos sobre as hierarquias construídas ao longo do tempo que encobrem cotidianos e ações promovidas pelos próprios subúrbios. A principal delas, aqui, é a percepção de uma ampla e complexa rede de produção de jogadores-operários ou “pés-de-obra” para times com associados com maior porcentagem de abastados ou localizando em zonas territoriais com moradores de maior poder aquisitivo. Os melhores jogadores de origens populares puderam ter oportunidades, que os menos habilitados não tiveram. Porém, conforme postulou Simoni Guedes, “para estes indivíduos o futebol não é apenas um significante possível, pois ele permite que se tenha uma vivência mais dramática na medida em que a atividade oscila do divertimento à seriedade, da liberdade ao compromisso”.⁶²⁶

Nessa aparente simultaneidade, atentou-se aos mecanismos de exclusão de jogadores do Bangu A.C como os casos de 1915 de exclusão de liga em razão do ofício ou da educação. Nesse mesmo universo futebolístico registramos e analisamos o caso de Luiz Antônio da Guia, que ao longo da década de 1910 foi um dos jogadores negros que conquistaram espaço no selecionado carioca.⁶²⁷ Ainda assim, o mais velho dos da Guia foi o responsável por lançar

⁶²⁵ Ver: Pereira, 1998; Santos Junior, 2014;

⁶²⁶ Guedes, *Op.Cit*, 1982, p. 74.

⁶²⁷ Pereira, *Op.Cit*, 1998, p. 172.

no primeiro time o Domingos, que de 1929 a 1932 se tornou craque. Dono de uma jogada tecnicamente refinada: a domingada.

Jogadores como Leônidas da Silva, Domingos da Guia e outros atestam o selo dos subúrbios como o lugar que se fazia o craque, mas infelizmente o Bangu A.C não conquista títulos durante o período do “amadorismo marrom”. Ao contrário da agremiação banguense, o Vasco da Gama em 1923 e 1929 e o São Cristóvão campeão em 1926 venceram o torneio local e trouxeram conquistas para agremiações que não faziam parte do seleto grupo das elites. No título de 1926 vale referendar a presença de Luiz Vinhaes que foi de suma importância para a conquista do título de 1933 do Bangu A.C. Uma figura importante nos meios esportivos, também, no âmbito desta dissertação por ter tentado articular por diversas vezes uma Associação voltada para jogadores de futebol. Algo nessa direção foi divulgado e ampliado pelo A.C Cordovil, localizado no bairro de mesmo nome.

A solidariedade foi um sentimento que o autor optou por buscar e iluminar. O caso do *back* Rodriguez apresenta, antes de mais nada, um senso de coletividade e união entre os *footballers* vinculados ao jogador. Aragão, que no regime amador era do Andarahy F.C e no profissional desfilou pelo Bonsucesso, foi um dos agentes que mobilizou, por meio da imprensa, formas de ajudar a viúva e os dois filhos de seu amigo. O Botafogo, ex-club de Rodrigues, foi um dos que se pôs à disposição para ajudar. Acontecimentos como esse revelam o homem comum no jogador de futebol. O evento, aliás, assim como os irmãos da Guia, apresenta outros atores como a Polícia Especial e o exército.

Ainda sobre a solidariedade, em entrevista para a posteridade, Domingos da Guia ponderou algumas vezes para que ajudem Garrincha e apela: “Eu desejo fazer um apelo aos homens do esporte, ao Dr. Guilherme da Silveira Filho, que é a bondade em pessoa, que dê ao Garrincha o que ele me deu. Eu pediria que ele desse um emprego ao Garrincha”.⁶²⁸ Ao final de seu depoimento, suas últimas palavras são: “E mais uma vez peço aos dirigentes que ajudem o Garrincha”.⁶²⁹ Com isso reforça-se a tese levantada pelo Malaia de que a massificação do esporte, sua democratização enquanto prática do futebol não acompanha a democratização da ascensão social como a literatura, por vezes faz parecer. Por isso, o operário-jogador não viu sua realidade e real situação se alterar tornando-se profissional às claras. A ausência de um espaço de suporte e apoio para os jogadores de futebol fez falta para vários desses que conheceram as “glórias” dos contratos. Não se trata da totalidade, mas alguns encerraram a sua carreira sem nenhuma economia. Inclusive vários jogadores que

⁶²⁸ Moraes, *Op. Cit.* 2002, p. 200.

⁶²⁹ Moraes, *Op.Cit.* 215, p. 215.

atuaram em 1933 passaram por enormes dificuldades décadas depois. O goleiro Batatais que atuou no Interestadual pelo São Paulo, na década de 40 foi internado em um hospital em Belo Horizonte.⁶³⁰ Leônidas da Silva foi alguns dos jogadores que se “emancipou”, mas há outros que quando encerraram a carreira não juntaram dinheiro e sofrem “despistamento de técnicos e dirigentes que postergam para amanhã invariavelmente um “entendimento””. O Jaguaré, ex-keeper do Vasco da Gama e do Barcelona morreu como um “indigente”.⁶³¹

Outro exemplo contemporâneo de Domingos da Guia foi o Fausto dos Santos, a maravilha negra, um dos primeiros jogadores afrodescendentes a atuar pelo Barcelona FC. Saiu do Bangu em 1928 para brilhar pelo Vasco da Gama e ser campeão em 1929, rodou por vários clubes e países, mas em 1939, quinze dias depois do seu casamento, adoeceu de tuberculose. Um dos principais nomes da geração de 1920 e 1930 “fechava os olhos para a vida, cercado apenas por parentes e assistidos - pela pobreza, um dos melhores e mais discutidos centro medios do Brasil e da América do sul”.⁶³²

Segundo o *Mundo Esportivo*, o jogador, que atuou pelo Campo Grande, Bangu, Vasco da Gama e Flamengo, sempre atraindo o público para os estádios, faleceu sem uma assistência desses clubes, nem sequer levaram bandeiras para homenageá-lo no velório. O conceito de obsolescência atende bem à situação de Fausto e a vários outros. Serviu enquanto jogava, pendurou as botinas, não serve mais.⁶³³

Ao lançar o olhar para o processo de profissionalização às claras, opta-se por compreender um período de transição no futebol carioca. Pois, como argumentou ao longo da dissertação, o campeonato profissional não era formado única e exclusivamente por amadores. A legislação da Liga Carioca apenas separava os “amadoristas” dos “profissionais” e com isso o público, os dirigentes e os jogadores sabiam quem pertenceria a determinada categoria. No Bangu A.C, tem-se a figura do Ari Franco como um dos rostos na defesa da coexistência entre os dois regimes: o amador e o profissional. Nessa mesma direção, os dirigentes esportivos e técnicos do Bangu A.C conseguiram manter o time base para disputar o campeonato e conquistaram vitórias impressionantes. Vários destes jogadores foram submetidos a uma rotina de treinamento, há uma nova forma de cotidiano dentro do clube que era distinta do regime amador. Afinal, alguns nem sequer treinavam. No último capítulo o leitor encontra uma narrativa histórica desse processo que aconteceu em um clube suburbano que quase levou os dois campeonatos profissionais daquela temporada. Os técnicos Matias

⁶³⁰ “Estes não foram esquecidos”. *Mundo esportivo*. São Paulo, 26 de setembro de 1947, p. 13.

⁶³¹ *Mundo esportivo*. São Paulo, 26 de fevereiro de 1947, p.3

⁶³² “Uma cruz para fausto”. *Mundo esportivo*. São Paulo, 14 de março de 1947, p. 12.

⁶³³ Idem. Nota 632,

Ricão e depois Luís Vinhaes foram de suma importância para a conquista. De igual forma o desejo dos jogadores de triunfar. Os heróis do subúrbio foram recebidos com grande festa e algazarra, lenços vermelhos para todos os cantos.

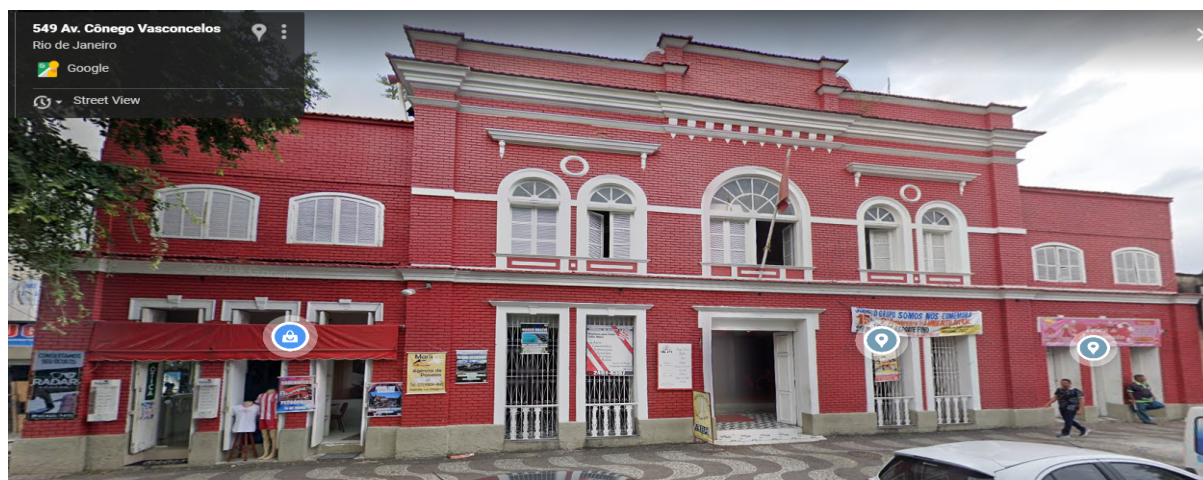
Vale ponderar que o objetivo, portanto, não era encerrar o debate. Pelo contrário, ampliar as redes de possibilidades em um objeto considerado clássico pela historiografia dos esportes no Brasil. Por isso, optou-se por adentrar na questão espacial, em certos conceitos como modernidade, associativismo e mapear, mesmo que de forma sutil, a trajetória de alguns personagens da primeira geração e subsequentes de jogadores afrodescendentes do futebol carioca. Estes indivíduos mostram que “o futebol é o ópio do poder. É o poder quem delira achando que pode usar o futebol para narcotizar a consciência dos grupos sociais”.⁶³⁴ Ao mesmo tempo, iniciou-se um trabalho mental de compreensão destes sujeitos históricos como uma classe que, a partir do futebol de rua, do lazer e de seus cotidianos, formularam perspectivas em meio a prática do jogo que, algumas décadas depois, se tornaria símbolo nacional.

Ao iniciar a conclusão da dissertação foram vários os momentos que passaram pela cabeça. O mestrado em História Contemporânea II adquiriu um valor e sentido bem distinto de quando fui aprovado. A razão disso, em parte, se deve a Covid-19 que retirou as nossas “normalidades” e nos colocou de forma forçada em um cotidiano extremamente único. Ainda assim, os ataques constantes deste governo, não devo negar, tiram o sono. E no meio disso tudo existe uma sensação constante de que poderia ter sido melhor. Uma sensação de que várias histórias ficaram pelo caminho. Ao mesmo tempo, sei que existem vários caminhos a percorrer. Uma das grandes certezas dessa experiência de dois anos na pós-graduação da UFF está no fato de me permitir me apaixonar pelo meu objeto de estudo. Só eu sei em quantos momentos me refugiei em Domingos da Guia, um cara que particularmente não conhecia e se mostrou enorme ser humano com tão pouco resquício de passado, sem ser o foco central. De igual modo, o bairro, a gente de Bangu de ontem que, num cotidiano sofrido, saiu às ruas para homenagear os seus campeões depois de 29 anos. A certeza de que há muito o que fazer é estimulante e espero seguir ajudando a construir esse campo que muito me acolhe desde a graduação. Finalizo com a certeza de que o mestrado não é o fim, mas uma porta para um novo começo.

⁶³⁴ Fala de José Paulo Florenzano no evento: I Seminário Online do Ludopédio/ Pioneiros e Pioneiras dos estudos do futebol. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zo3Ni1nCY3c>. Acesso em: 8 de agosto de 2020.

ANEXO:

Figura 1 – Fachada principal da atual sede do Bangu A.C. Antiga sede do Cassino Bangu.



Fonte: Google Maps⁶³⁵

Figura 2 – Vista de dentro do campo do estádio do América na rua Campos Sales.



Fonte: Biblioteca Nacional⁶³⁶

⁶³⁵ [Av. Cônego Vasconcelos, 549 - Bangu]: [Street view, do Google Maps]. 2019. Disponível em: [Av. Cônego Vasconcelos, 549 - Bangu](#). Acessado em: 15 de maio de 2020.

⁶³⁶ Documentos de Arquivos (iconografia). Biblioteca Nacional (BN), “América Football Clube, RJ - 1930”, Rio de Janeiro, Arq. 27.2.7 (32).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL:

Jornal A Batalha

Jornal A Folha

Jornal do Brasil

Jornal dos Sports

Mundo Sportivo

O Eco Suburbano

O Imparcial

O Globo

Correio Paulistano

Gazeta de Notícias

Uol

PODCAST:

Pesquisa Esporte Clube (PEC): Corpo, Esporte e Integralismo com Leandro Gonçalves e José Tuffi. Entrevistados: Leandro Gonçalves e José Tuffi. Entrevistadores Gabriel Estrella D'Ávila, Lucas Petitdemange e Marcelo Viana Araújo Filho. [S.I.]. #Ludosfera, 7 de dezembro de 2020. Podcast. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/pec-corpo-esporte-e-integralismo-com-leandro-goncalves-e-jose-tuffi/>>.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República”. **Revista História**, Franca-SP, v. 35, 2016.

LEGISLAÇÕES:

BRASIL. **Lei 12.395, de 16 de março de 2011**. [...] cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências.. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm#art19. Acesso em: 14 julho de 2022

BRASIL. **Lei 6.354, de 2 de setembro de 1976**. Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências [...]. Brasília, DF, [1976]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6354.htm.

CARVALHO, Noel de. **Projeto de Resolução nº 788/2001, de 30 de maio de 2001**. Concede a medalha Tiradentes e respectivo diploma, ao Bangú Atlético Clube, ao ensejo dos noventa e sete anos de sua fundação, pelo destemor e pioneirismo na luta contra os preconceitos discriminatórios ao atleta negro.: Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro99.nsf/dae85f46f020c57003256bc60068cf57/9d5b06472529aa8103256a5d005af5c5?OpenDocument>.

ALABARCES, Pablo. **Historia mínima del fútbol en América Latina**. 1. ed. Ciudad de México: El Colegio de México, 2018.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ASSAF, Roberto. **Bangu: bairro operário, estação do futebol e do samba**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média e no renascimento**: o contexto de François Rebela. São Paulo, Hucitec, 2013.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “A condição operária”. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 8-14.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República”. Cláudio et al (org.). **Culturas de classe: identidades e diversidades na formação do operariado**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

BECKERT, Sven. “Building War Capitalism”. In: **Empire of Cotton. A Global History**. Nova York: A. Knopf, 2014.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941) / Aira Fernandes Bonfim. – 2019.

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?” In: BOURDIEU, Pierre. **Questões da sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRESCIANI, M. S. M. “A cidade e o urbano: experiências, sensibilidades, projetos”. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 63–94, 2014.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012.

BURLAMAQUI, L. G. “O clube como vocação: os sentidos da política nas fontes orais dos presidentes de futebol do Rio de Janeiro”. **História Oral**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 141–155, 2021. DOI: 10.51880/ho.v24i2.1164. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1164>. Acesso em: 18. maio.2021.

BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)** / Luiz Guilherme Burlamaqui. – São Paulo: USP-Capes; Intermeios; Fapesp, 2020.

CALDAS, Waldenyr. “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”. In: **Revista USP: Dossiê Futebol**, nº 22. São Paulo: EdUSP, 1994. p. 42-43.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativa, sentido, história**. Campinas, SP: Papirus, 1997

CARDOSO, Elizabeth Dezouzart. “Estrutura Urbana e Representações: A invenção da Zona Sul e a construção de um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX”. **GeoTextos**, vol. 6, n. 1, jul, p. 73-88, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/4306/3165>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

CARVALHO, José Murilo de. “Os três povos da República”. *Revista Usp*, n. 59, set/nov. 2003

CHALHOUB, Sidney & SILVA, Fernando Teixeira da. “Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980”. **Cadernos AEL**, v.14, n.26, 2009.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 3º ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 2º edição, 2002.

CORD, Marcelo Marc; BATALHA, Claudio H. M. (org.). **Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

COSTA SOUZA, Glauco José. **“Adiantam-se bastante nos subúrbios”**: O desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro (1907-1924). Niterói, 2018. 113 p. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

COSTALLAT, Benjamim, 1897 – 1961 **Mistérios do Rio**/ Benjamim Costallat – Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoriação, 1990. 108 p. – (Biblioteca Carioca, v. 14).

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior**: O Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933-1955), 196 f., Tese (Doutorado), Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

DAMATTA, Roberto. (org.), **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1997.

DAMO, Arlei. “Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. **FuLiA** / UFMG, v. 3, n. 3, set.-dez., 2018.

DAMO, Arlei. “Romantismo e futebol nas ciências humanas brasileiras”. In: CORNELSEN, Elcio; CAMPOS, Priscila; SILVA, Silvio Ricardo da (Org.). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**, v. 2. Rio de Janeiro: Jaguatirica. 2017. p. 9-29.

DAMO, Arlei. “Senso de jogo”. **Esporte e Sociedade**, número 1, Nov 2005/ Fev 2006.

DAVIS, Natalie Zemon; LUNA, Patricia Muñoz. “Descentralizando la historia: relatos locales y cruces culturales en un mundo globalizado”. **História Social**, [S.l.], n.75, p. 165-179, 2013.

DESAN, Suzanne. “Massas, comunidade e ritual na obra de E. P Thompson e Natalie Davis”. In: HUNT, Lynn.(org.). **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luis Camargo, São. Paulo: Martins Fontes, 1992.

DOS SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

DRUMOND, Maurício. O ‘dissídio esportivo’ e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1937). In: GOMES, Eduardo Souza; PINHEIRO, Caio (org.). **Olhares para a profissionalização do futebol: Análises plurais**. Rio de Janeiro, Multifoco, 2015.

DRUMOND, Maurício. “Entre Políticos e Paredros: As relações políticas do futebol brasileiro na primeira metade do século XX”. In: GIGLIO. Sérgio Settani; PRONI, Marcelo

Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020

DRUMOND, Maurício. “Os gramados do Catete: Futebol e política na Era Vargas (1930-1945)”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política. A contrução de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro, Mauad, 2006

ECOSTEGUY, Ana Carolina D. “Uma introdução aos Estudos Culturais”. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 9, dezembro 1998, p. 87-97.

ELSEY, Brenda. “Sport in Latin America”. In: EDELMAN, Robert; WILSON, Wayne (Org.). **The Oxford Handbook os Sport History**. New York, NY: Oxford University Press, 2017.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. **O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**, Rio de Janeiro: Mauad, 2010, p. 39.

FONTES, Paulo; PIRES, Isabelle. “A Revolução de 30 e os sindicatos: história e historiografia do trabalho. In. AURÉLIO VANNUCCHI, Marco; ARONNE DE ABREU, Luciano. (org.). **A era Vargas** [recurso eletrônico]: 1930-1945 - Dados eletrônicos - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021

FORTES, Alexandre; MAYER, David. “Brazilian Labour History in Global Context: some introductory notes”. **International review of social history**, vol. 62, n. S25, 2017, p. 1-22.

FRYDENBERG, Julio. **Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Culture**. New York: Basic Book, 1973.

GIGLIO, S. S.; DAMO, A. S. “Estádios de futebol: políticas e usos (Homenagem a Gilmar Mascarenhas)”. **FuLiA / UFMG**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 3–12, 2021.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. “A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./ dez, 2010.

GINZBURG, Carlo. “Memória e Globalização”. In: Revista Esboço 16, Nº 21, Florianópolis, UFSC, 2009.

GINZBURG, Carlo. “O inquisidor como antropólogo”. In: **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício/ Carlo Ginzburg; tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOFF, J. L. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

GOMES, Eduardo de Souza. “A chegada do profissionalismo: imprensa e dirigentes de futebol no Rio de Janeiro (1933) e na Colômbia (1948)”. **Esporte e Sociedade**, v. 12, n. 29, p. 1-22. 2017.

GUEDES, Simoni Lahud. **Futebol Brasileiro: instituição zero**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ - Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 1977.

GUEDES, Simoni Lahud. “De criollos e capoeiras: notas sobre o futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil”. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26, 2002, Caxambu. **Anais...** [S. l.], 2002; GUEDES, Simoni Lahud. “O Brasil no campo de futebol”.

Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EdUFF, 1998.

GUEDES, Simoni. “Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro”. **Esporte e Sociedade**. Ano 6, n.16, nov.2010/fev.2011.

GUEDES, Simoni. “Masculinities. Football, polo and tango in Argentina”. **Mana** 6 (1), abril, 2000.

GUEDES, Somini Lahud. “Subúrbio, celeiro de craques”. In: DaMATTA, Roberto. (org.). **Universo do Futebol: Esportes e sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakothèque, 1982.

GUIMARÃES, Murilo. **Uma rua chamada Ferrer**. Editora: Compolaser Editoração Eletrônica Ltda. Rio de Janeiro, 1996

GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record. The nature of Modern Sports**. New York: Columbia University Press, 1978, p. 38. (tradução livre)

GUTTMANN, Allen. **Games and empires: modern sports and cultural imperialism**. Nova York: Columbia University Press, 1994.

GUTTMANN, Allen. “Del ritual al récord”. In. SCHARAGRODSKY, Pablo A; TORRES, César R. **El rostro cambiante del deporte: Perspectivas historiográficas angloparlantes 1970-2010**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2019.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HAMILTON, Aidan. **Um jogo inteiramente diferente**. Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico. Rio de Janeiro: Griphus, 2001.

HELAL, Ronaldo; JÚNIOR, Cesar Gordon. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. **Estudos Históricos**, vol. 13, n. 13, n. 23, Rio de Janeiro, 1999.

HERSCHMANN, Micael. **Lance de sorte: o futebol e o jogo do Bicho na Belle Époque Carioca**. Rio de Janeiro: Diadorim. Ed, 1993; CHAZKEL, Amy. **Leis da sorte: o jogo do bicho e a construção da vida pública urbana**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. RJ: Paz e Terra, 1990.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. “Retrato da antropóloga quando jovem: Simoni Guedes - dos anos de formação a *subúrbio, celeiro de craques*”. **Mana**. 27 (1): 1-28, 2021.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. “Retrato da antropóloga quando jovem: Simoni Guedes - dos anos de formação a *subúrbio, celeiro de craques*”. **Mana**. 27 (1): 1-28, 2021;

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. “O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980”. BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012.

LARA, Silvia Hunold. “A herança dos Annales: o princípio e seus discípulos”. In: GUZZELLI, Cesar A. Barcellos e outros (Orgs.). **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999

LARA, Silvia Hunold. “História cultural e história social”. **Diálogos**, UEM, n. 1, 1997, p. 25-32.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política: o direito à cidade II**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

LEFEBVRE, Henri. Prefácio: a produção do espaço. Estudos **Avançados**, [S.l.], v. 27, n. 79, p. 123-132, 2013.a.

LEFEBVRE, Henri. “El espacio social”. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.b.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova História Urbana**. Org. Heliana Angotti Salgueiro. Trad. Port. Cely Arena. São Paulo: Edusp, 2001, p. 140.

LÉVI-STRAUSS, C. “Raça e História” in **Antropologia Estrutural II** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, capítulo XVIII, pp 328-366.

LINDEN, Marcel Van der. **Trabalhadores do mundo: Ensaio para uma história global do trabalho**, Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

LOPES, José Sérgio. “A vitória do futebol que incorporou a pelada - A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro”. **Revista USP**, (22), p. 64 - 83, 1994.

LOPES, Lucas Salgueiro. “Francisco Carregal: a trajetória de um pioneiro negro em um clube de *football* no Rio de Janeiro”. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2020.

LUCA, T. R. de. “Fontes impressas – histórias dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, C. B. **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

LUCA, Tania Regina. “Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla B. **Fontes históricas**. São Paulo, Contexto, 2005.

MALAIÁ, João Manuel. “O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul”. **Leituras de Economia Política**, Campinas, (13): 125-155, jan./jul. 2008.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. “O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS)”. Anos 90, *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, Porto Alegre, jul. 1999, n. 11, pp. 144-61.

MELO, Victor Andrade de. “Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro”. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos 19 e 20**. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010

MELO, Victor Andrade de. “Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson”. **Est. Hist.** Rio de Janeiro, vol. 23, nº 45, p. 5-26, janeiro-junho de 2010.

MELO, Victor Andrade. “Amador ou profissional? Um debate primordial no campo esportivo”. In: GOMES, Eduardo Souza; PINHEIRO, Caio (org.). **Olhares para a profissionalização do futebol: Análises plurais**. Rio de Janeiro, Multifoco, 2015.

MELO, Victor Andrade; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. “O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904-1912)”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 23, p. 843-858, set. 2018. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/77680>. Acesso em: 21 out. 2021, p. 854.

MELO, Victor Andrasede. “entre evidência e a especulação: a “origem” do futebol no Rio de Janeiro e Niterói. Futebol”. In: GIGLIO. Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

MELO, Victor; FORTES, Rafael. “História do Esporte: panoramas e perspectivas”. **Fronteiras**. Dourados, MS, v. 12, n. 22, p 11-35, jul./dez. 2010.

- MÉRCIO, Roberto. **A História dos Campeonatos Cariocas de Futebol**. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985.
- MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020; LANDER, Edgardo (comp.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires, CLACSO, 2000.
- MIYAKASA, Cristiane Regina. **Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890 – 1910)** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011
- MORAES, Mario de. **Futebol é arte parte II**. Rio de Janeiro, MIS Editorial/FAPERJ, 2002.
- MURAD, Mauricio. “Considerações possíveis de uma resposta necessária”, **Estudos Históricos**, vol. 13, n. 24, Rio de Janeiro, 1999.
- NEGREIROS, Plínio Labriola. “Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional”. In: **História: questões e debates**, Curitiba, n. 39, 2003.
- NEVES, Margarida de Souza. “Uma capital em trompe l’oeil. O Rio de Janeiro, cidade-capital da República Velha.” IN MAGALGI, Ana Maria et al. **Educação no Brasil. História, cultura e política**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, pp. 253-286.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. **Revista Projeto História**. n.10, 1993, p. 9-28.
- O'DONNELL, Julia. **De olho na rua: a cidade de João do Rio**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- OLIVEIRA, Márcio Piñon. “Quando a Fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de Janeiro”. **Scripta Nova**, v. 10, n. 218 (51), 2006.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A cidade que dança: clubes e bailes negros no Rio de Janeiro (1881-1933)**. Campinas: Editora Unicamp/Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. 1998. 380f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República”. **Revista História**, Franca-SP, v. 35, 2016.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “The Flower of the Union: Leisure, Race and Social Identity in Bangu, Rio de Janeiro (1904-1933)”. **Journal of Social History**, vol. 46, no. 1, Oxford University Press, 2012

PETERS, John. “Nears-sight and far-sight: Media, place and culture”. In: ROUSE, Roger; FERGUSON, James e GUPTA, Akhil (eds.) **Power, place: exploration in critical anthropology**, Colorado: Wesview Press, 1992.

POLLACK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989

QUIJANO, Anibal. Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru. **Estudos Avançados**, [S.l.], v. 6, n. 16, p. 73-80, dez. 1992.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Boitempo, 2015.

REIS, Paulo César dos. A vila operária e a estrada de ferro: no entre-lugar das territorialidades da cidade Rio (1889-1917). In: XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias. **Anais**. ISBN: 978-85-65957-10-6, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1532099682_ARQUIVO_AVilaOperariaeEFDPIItextoanpuh.pdf. Acessado em: 10 jan. 2022, p. 4.

RODMAN, Margaret C. Empowering Place: Multilocality and Multivocality. In: **American Anthropologist**, [S. l.], v. 94, n. 3, p. 640-656, 1992.

ROJO, Luiz Fernando. “Simoni Guedes: uma trajetória na antropologia dos esportes esportes”. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 46, p. 272-289.

SANTOS JUNIOR, N. J. “Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910). **Recorde**: Revista de História do Esporte, v. 6, p. 1-19, 2013.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. **A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895 – 1929)**. 2017. Tese (Doutorado em Estudo do Lazer) – Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2017.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.8.2010.tde-26102010-115906.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Futebol e história”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. “A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Revista Tempo**, vol. 17 n. 34. jan-jun, 2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981

SANTOS, Ricardo Pinto de. “Criando uma nova história - a experiência do centro de memória do Vasco da Gama”. **Acervo**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 28-37, 2014.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da Nação Canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol 1914-1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013

SAVAGE, M. Espaço, redes e formação de classe. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 6-33, 2011.

SAVAGE, Mike. “Status, lifestyle, and taste”. In: **The Oxford handbook of the history of consumption**, 2012.

SAZBÓN, D. y FRYDENBERG, Julio. “Deporte y modernidad en Argentina: problemas conceptuales y propuesta de abordaje”. **Cuestiones de Sociología**, 18, e050, 2018.

SCWARCZ, Lilia Mortiz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SERFATY, Elaina Reioli Cirilo. **Pelo trem dos subúrbios disputas e solidariedades na ocupação do Engenho de Dentro (1870-1906)**. - Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio/ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desastinos. **Revista USP** (dossiê futebol), jun.-ago. 1994, n. 22, pp. 30-37.

SEVERINO, Carlos Molinari Rodrigues. **Mestres estrangeiros; operariado nacional: resistências e derrotas no cotidiano da maior fábrica têxtil do rio de janeiro (1890 - 1920)**. 2015. 259 f., il. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015a.

SEVERINO, Carlos Molinari Rodrigues. “Menores dentro da indústria têxtil: uma análise da Fábrica Bangu durante a Primeira República”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 11.; CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS, 12. 2015, Vitória, ES. **Anais**[...] 14 a 16 de setembro de 2015b. [Vitória: s.n.], 2015b. p. 16. Disponível em: http://www.abphe.org.br/arquivos/2015_carlos_molinari_severino_menores-dentro-da-industr

ia-textil-uma-analise-da-fabrica-bangu-durante-a-primeira-republica.pdf. Acesso em: 20 abril. 2020.

SILVA, Diana Mendes Machado da. “Do branco ao negro, da elite ao popular: cultura visual, fotografia e futebol no início do século XX”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 34, nº 72, p.107-128, Janeiro-Abril. 2021.

SILVA, G. S. **Os Proletários da Bola: The Bangu Athletic Club e as lutas de classes no futebol da Primeira República (1894-1933)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. V. 1. 220p.

SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. **Bangu 100 anos: a fábrica e o bairro**. Rio de Janeiro: Sabiá Produções Artísticas, 1989.

SILVA, Paulo; NETO, Benevenuto. **Fazenda Bangu: a jóia do sertão carioca**. Rio de Janeiro: Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos, 2020.

SOARES, Anotnio J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. **Peligro de Gol. Estudios sobre deportes y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Mauad Ed., 1999.

SOUZA, Glauco. “O football nós podemos jogar”: uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro. **Recorde: Revista de História do Esporte**, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “Prefácio - Apresentando Spivak”. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STÉDILE. Miguel Enrique. **Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre**. 2011. 180f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

STÉDLE, Miguel Enrique. “Sob a sombra de chaminés: clubes de futebol operário em Porto Alegre na primeira metade do século XX”. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - AMPUH, 14., 2018, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ANPUH-RS, 2018. Disponível em: http://www.eeh2018.anpuhrs.org.br/resources/anais/8/1529944266_ARQUIVO_MiguelEnriqueStedile.pdf. Acesso em: 29 out. 2021.

TAYLOR, Matthew. “The Global Spread of Football”. In. EDELMAN, Robert; WILSON, Wayne (Org.). **The Oxford Handbook os Sport History**. New York, NY: Oxford University Press, 2017.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**/ E. P. Thompson; (orgs.): Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. 2º ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2012.

THOMPSON, Edward P. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade**. RJ: Paz e Terra, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no Futebol**. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH/USP, 2000.

TRAVERSO, Enzo. “Historia y Memoria: notas sobre un debate”. In. FRANCO, Marina; LEVÍN, Florencia. **Historia reciente perspectivas y desafios para un campo en construcción**. Buenos Aires: Paidós, 2007

TRIVELLATO, Francesca. “Is There a Future for Italian Microhistory in the Age of Global History?”. **California Italian Studies**, [S. l.], v. 2, n. 1, [s/p], 2011.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**. O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 232.